

SESSÕES PRÁTICAS E DOUTRINÁRIAS DO ESPIRITISMO



AURÉLIO A. VALENTE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Aurélio A. Valente

Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo

• ORGANIZAÇÃO DE GRUPOS

• MÉTODOS DE TRABALHO

DEPARTAMENTO EDITORIAL Rua Souza Valente, 17 20941 - Rio-RJ - Brasil
Av. L-2 Norte - Q, 603 - Conjunto F 70830 - Brasília-DF - Brasil

índice

Dedicatória

Prefácio

I — Da necessidade das sessões espíritas 25 n — Meios de comunicação entre vivos e mortos — Sessões espíritas e suas

denominações 35

Efeitos Físicos

a) Típtologia 39

b) Voz direta; escrita direta 41

c) Levitação *3

d) Materializações 44

Sessões Intelectuais

a) Doutrinárias 45

b) Práticas ou comuns 46

c) de Curas 48

m — Escolha do local para realização de

sessões. — Elementos componentes. — Presidente. — Médiuns. —

Assistentes 49

IV — Sessões práticas. — Métodos de trabalho. — Leitura. — Concentração.

—

Preces. — Comunicações. — Distribuição do tempo. — Pessoas impedidas de assistir a sessões 67

V — Obsessão. — Fascinação. — Subjuga

ção. — Médiuns curadores. — Aplicação de passes. — Benzedeiras. — Medunidade receltista 94

VI — Típtologia. — Levitação. — Voz dire

ta. — Escrita direta. — Materializações 118

INDICE

6
VII — Desenvolvimento de médiuns. — Seus deveres. — Trabalho e repouso. — Perda das íaculdades. — Dificuldade

de os Espíritos se manifestarem **134**

ViH — Das manifestações dos vivos e dos mortos. — Meios de identificar os Espíritos pela linguagem e pelos fluidos. — Maneira de falar com os invisíveis. — Fraudes e mistificações _ **157**

IX — Prazeres morais e espirituais. — As sessões espíritas como fonte de prazeres e ensinamentos. — Sessões de linha e sessões de mesa. — Finalidade da Nova Revelação. — O Espírito Consolador **187**

Esclarecendo dúvidas..... **205**

Regimento Interno do Grupo Espirita dos "Filhos Pródigos" **209**

Programa de estudo do Grupo Espirita dos "Filhos Pródigos"

Dedicatória

A recordação das noites felizes passadas em fraterno convívio no Grupo dos "Filhos Pródigos", e no Grupo "Paz e Harmonia", traz-nos sempre á alma vibrações de saudade imensa.

No primeiro, Nogueira de Faria, Sílvio Nascimento e A. Pinheiro Filho, almas irmãs na luta pela divulgação espírita no Pará, eram os seus principais componentes; do segundo participava toda a nossa família e alguns confrades, amigos sinceros e esforçados.

Os trabalhos dos membros do Grupo dos "Filhos Pródigos" não se limitavam exclusivamente ás sessões práticas. A Escola Espirita "MontAlverne" era sua filha diletta. Inúmeras pessoas que gozam hoje de melhor posição, no meio em que vivem, conquistaram ali tesouros de instrução.

O Departamento Feminino, durante o dia, obrigava D. Maria do Carmo Faria a dividir o seu tempo, distribuindo parte aos carinhos dos filhos queridos, e parte d direção da Escola. A noite o Departamento Masculino era ponto de reunião de aprendizes e operários analfabetos.

Foi nesse grupo que recebemos as primeiras lições da prática de Espiritismo experimental.

O círculo de ação do Grupo "Paz e Harmonia" era mais modesto; entretanto, grande foi o número de pessoas por ele beneficiadas.

Nesse Grupo consolidamos os conhecimentos até então adquiridos.

*S puto, pois, que dediquemos este livro a todos **esses** irmãos, aos quais nos unimos nessas harmoniosas **sessões**, e muito especialmente às entidades do Além, que, num e noutra Grupo, não poupavam esforços com a sua carinhosa assistência: MonCAlveme, Pedro de Alcântara, Manuel das Dores, Lúcia, Elias, Eládio, Luís e Joci.*

É natural também que dediquemos este livrinho à esposa e filhos queridos,

companheiros diletos de dores e prazeres.

É a única herança material que lhes podemos deixar, mas é patrimônio que os acompanhará a vida toda, recordando-lhes o nosso caráter.

Meus caros: Nenhum direito nos assiste de exigir que sejais espíritas como nós, mas, se quiserdes ser felizes, adotai esta doutrina consoladora com o mesmo amor que The votamos. E se, porventura, algum de vós desejar dedicar-se à espinhosa tarefa de dirigir Grupos, busque sempre, aqui, as lições da tiossa experiência.

Adotai um bom método, uma severa disciplina e nada tereis a lamentar. Estudai, estudai sempre, porque o saber não ocupa lugar — diz a sabedoria popular. Estudando e meditando, sabereis conversar e discutir, e as vossas opiniões serão respeitadas.

Nunca vos deixeis encher de fanatismo. Analisai tudo que passar pelas vossas mãos e ante os vossos olhos. Jamais deveis ter medo de abandonar aquilo que só a tradição mandar guardar. Do contrário não progredireis. Sereis como os viajores que se assentam na pedra do caminho.

Quando a luz espírita iluminou nossa alma, não vacilamos em nos emancipar do Catolicismo, religião tradicional de toda a nossa família. Éramos o número um. A nossa atitude firme e discreta não tardou a convencer muitos dos que nos cercavam. Hoje, quase todos os membros de nossa família são adeptos da Doutrina Espírita. Nossa estremecida mãe e irmãs amam-na e seguem-na carinhosamente.

SESSÕES-PRÁTICAS E DOCTRINARIAS

Criados como estais sendo, filhos queridos, num ambiente onde só se respira a Verdade, não vos deixeis seduzir pelas aparências e pelas credices que já tiveram o sua época. Nunca troqueis as vossas convicções pelas efêmeras posições mundanas. Estas são transitórias e duram às vezes tanto como as bolhas de sabão. É mil vezes preferível passar despercebido dos homens e merecer a glória no Além, do que ser grande entre os homens e não ser digno do temo e doce olhar de Jesus.

O homem que avilta o seu caráter, só recebe atenções enquanto ocupa posição de relevo. Ao deixá-la, é escarnecido por todos. Ao passo que aquele que coloca a sua honra, a sua dignidade acima das conveniências, merece respeito, qualquer que seja o plano em que estiver.

Segui o JIOSSO exemplo. Nunca vacilamos em confessar a nossa opinião, mesmo nos meios mais adversos. Não vos tomeis de medo do ridículo. Ele pode fazer-nos sofrer entre os homens, mas contribui para sermos exaltados diante de Deus. Temei, sim, e que vos apavorem, a hipocrisia, a servilismo, a falta de coragem

moral, verdadeiras lepras sociais.

Cada vez que a adversidade vos bater à porta, cada vez que uma dor vos fizer curvar, buscai estímulos e consolações nas páginas abençoadas e salvadoras dos livros espiritas. São amigos que falam no silêncio do nosso quarto de dormir, com carinho de mãe extremosa e com a mesma eloquência com que a luz dissipa as trevas.

Ainda ninguém se arrependeu de assim proceder.

Que vos sirva também de exemplo a união fraterna que sempre existiu no seio da nossa família. Lembrai-vos desta historiazinha:

"Um homem, ao morrer, chamou seus dez filhos e disse-lhes:

— Eis um diamante raro pelo seu valor e tamanho. Isto constitui a minha herança. Se quiserdes ser felizes vivei sempre unidos.

Mal ele fechou os olhos, sérias discussões perturbaram a paz daquele lar silencioso. Uns queriam logo vender o diamante, outros desejavam conservá-lo como relíquia, e não chegaram a um acordo. Avaliaram-no.

— Um milhão de cruzeiros é o seu valor — disse um ourives amigo.

Após muitas cenas desagradáveis resolveram mandar dividi-lo em dez pedaços iguais, para que cada um recebesse, assim, a sua parte. Os que desejavam vender, voltaram ao ourives, certos de receber cem mil cruzeiros pelo seu pedacinho. Foram entretanto decepcionados quando o ourives ofereceu apenas dez mil cruzeiros a cada um. Explicou então o ourives:

— Quando era uma peça só, valia muito pela raridade; dividido, tomou-se em pedaços comuns.

Ao ouvir isto, um dos herdeiros lembrou do seu velho pai e disse, tristemente:

— Bem nos aconselhou papai que vivéssemos sempre unidos!"

Que esta história vos sirva de exemplo.

Os membros de uma família não foram unidos ao acaso, sérios compromissos contribuíram para essa aproximação, quando ainda no Espaço; por isso, todos têm a obrigação de viver em constante união e harmonia .

Ao crescerem, os filhos, cada um toma rumo diverso. Isso é uma coisa natural. É uma lei a que estão sujeitos todos os seres da Criação. Uns encontram relativa felicidade terrena e outros lutam incessantemente contra a adversidade. Os que forem mais aquinhoados têm o dever fraterno de zelar pelos outros. Seguindo os conselhos que sempre vos demos e ainda os que aqui ficam, expressos, não dareis desgostos a vosso pai e a vossa mãezinha, estejam eles neste mundo ou já no Além, onde os seus Espíritos continuam a cumprir a sagrada missão que receberam de vos ajudar pela vossa aperfeiçoamento .

Prefácio

Allan Kardec, o missionário da Nova Revelação, teve nos fenômenos psíquicos

o material preciso para construir o gigantesco monumento da Doutrina Espírita. Homem sábio, ponderado, observador arguto e perspicaz, soube tirar, das desacreditadas e ridiculizadas mesas girantes, deduções filosóficas que haviam escapado a inúmeras pessoas ilustres da sua época.

Não se contentou ele com os ditados dos Espíritos, recebidos nos grupos que dirigia e nos quais contava com o concurso de cerca de doze médiuns. Solicitou de outros núcleos, esparsos por diversas localidades, o resultado das observações colhidas e comunicações transmitidas. Dessa maneira, analisando criteriosamente, comparando sem paixões tudo quanto os Espíritos ensinavam, preparou e publicou os livros que representam para todos nós os alicerces da filosofia espírita, nos quais firmamos o edifício da nossa fé. Contêm essas obras tudo quanto necessitamos para adquirir conhecimentos teóricos, tudo quanto carecemos para a experimentação .

Dirigindo-se de preferência aos sofreadores e deserdados da sorte, a Doutrina Espírita não tardou a ser adotada por inumerável quantidade de pessoas. Os consolados e regenerados, multiplicando-se em número, arrastaram com os seus entusiasmos e gratidões novos adeptos. Assim o Espiritismo bem cedo teve mais seguidores do que outra qualquer doutrina no mesmo espaço de tempo. Homens de todos os níveis morais e de todos os planos intelectuais fizeram dela sua nova religião. Era, portanto, natural que os vaidosos e presunçosos, em vez de se amoldarem às exigências disciplinares da nova crença, procurassem adaptá-la aos seus caprichos e falso saber. Aqui e acolá, esses «chamados» mas não «escolhidos» passaram, influenciados por Espíritos imperfeitos, a enxertar, nos núcleos an que pontificavam, os absurdos que julgavam verdades ou novas revelações. Casamentos, batizados e outros sacramentos da Igreja de Roma foram adaptados e adotados por alguns espíritas, incapazes de se desfazerem de pronto das tradições seculares.

A Doutrina Espírita não ensina de forma alguma, nem admite, mesmo por tolerância, essas práticas que constituem verdadeira profanação da sua simplicidade característica. Além desses sacramentos, adotaram, para organização de grupos e modos de trabalhar em sessões, certos preceitos que nos fazem dizer, categoricamente, que aquilo que apresentam como Espiritismo só o é pelo nome, e nada mais.

Todos os dirigentes de grupos e presidentes de sociedades espíritas têm uma grande preocupação — a uniformidade da prática. — Pela palavra escrita ou falada, todos os propagandistas divulgam conscienciosamente os verdadeiros ensinamentos doutrinários, procurando impedir que os neófitos e crentes de boa-fé se abastardem nos meios onde a prática do Espiritismo não é mais do que um mito.

A organização de grupos e métodos de trabalho, em sessões práticas de Espiritismo, serviram-nos de tema para uma conferência pública que realizamos em **28** de julho de **1929**, na sede da União Espírita Paraense, onde exercíamos, então, o cargo de Presidente. Tempos depois, no Maranhão e também na Bahia, tivemos oportunidade de falar sobre o mesmo assunto na sede do Centro Espírita Maranhense e na União Espírita Bahiana.

A contínua preocupação de concorrer, de alguma sorte, para os verdadeiros espíritas fazerem uma reação contra todas as incoerências e disparates, que por vezes encontramos no decurso de sessões, obrigou-nos a procurar outro modo de proceder, visto que a ação das conferências se restringe, quase sempre, ao círculo dos ouvintes. Já no Rio de Janeiro e depois em Vitória, começamos a sentir cada vez mais forte o desejo de publicar uma obra, exclusivamente sobre a prática do Espiritismo. Assim, reunimos, aqui, tudo o que julgamos necessário para isso, deixando de abordar assuntos de capital importância, como a reencarnação, diversidade de dons mediúnicos, escola de médiuns e outros, que constituem, cada um de per si, temas para estudos profundos.

Três são as coisas que pervertem a Humanidade: a Ignorância, a Hipocrisia e o Fanatismo. Para combatê-las, cumpre a todo homem de bem o dever de espalhar em torno de si os conhecimentos que tiver adquirido. É humano, pois, que todos os adeptos que já pagaram o tributo da experiência ensinem aos neófitos os meios de evitar as decepções e o fanatismo.

Ao lado das múltiplas consolações e benefícios, a prática do Espiritismo oferece muitos e sérios perigos, contra os quais nos devemos precaver.

Durante um período bastante longo de prática espírita, encontramos tão grandes absurdos que, contados, pareceriam histórias das mil e uma noites. Quem, por exemplo, seria capaz de supor encontrar grupos onde os Espíritos maus são metidos em sacos, como batatas, para serem despejados no «campo de correção»? Pois nós encontramos. Quem poderá crer que haja médiuns capazes de receber, em cinco minutos, vinte Espíritos diferentes, como borboletas de porta de cinema? Pois nós vimos dessas raridades!!!

Todavia, deixando de lado os Cristos e Pedros que assaltam os médiuns para passarem descomposturas de alto lá com elas, ninguém porá dúvida, por serem bastante numerosos, a existência de grupos onde as danças são obrigatórias, completando um ritual em que sobram bebidas alcoólicas, e faltam moral e conhecimentos da Doutrina. Não se diga que isto só é adotado pelo «baixo espiritismo e feitiçaria», como os classificam crentes ou não, porquanto temos notícias de grupos nos quais há dias marcados para «sessões de mesa e sessões de linha».

O Espiritismo precisa ser divulgado e praticado com a mesma singeleza que constituiu a força invencível do Cristianismo dos tempos de Paulo e dos primeiros cristãos. É imprescindível, pois, que todos trabalhem para que a Doutrina Espírita seja sempre uma só, a fim de não se desmembrar como o Cristianismo, que se repartiu em tantos ramos que, muitos deles, pouco lembram o tronco de onde foram cortados.

Este modesto Iivrinho, resultado de anos de estudo e observações, é a nossa humilde contribuição para a uniformidade da prática do Espiritismo.

Em hipótese alguma alimentamos a estulta vaidade ,

de querer impor a nossa vontade. Em muitas coisas poderemos estar errado, ou simplesmente exagerando. Além disso, o Espiritismo progride dia a dia, e sobre a Humanidade novas luzes irradia.

«O Espiritismo, marchando com o progresso, não será jamais excedido, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro sobre um ponto, ele se modificará sobre esse ponto; se nova verdade se revelar, ele a aceitará.» Estas sábias palavras de Allan Kardec, escritas no primeiro capítulo de «A Gênese», inserimo-las aqui como advertência àqueles que nos quiserem seguir, a fim de estarem prontos a modificar tudo quanto o tempo, o estudo e a experiência demonstrarem errado neste livro.

No terceiro volume da obra «Do País da Luz», de Fernando de Lacerda, encontramos uma admirável comunicação atribuída ao Espírito Eça de Queirós, sobre a maneira de nos conduzirmos nas experiências e, por isso, vamos com ela encerrar esta rápida introdução escrita à guisa de prefácio.

"Não há dúvida: — era eu.

Razões de várias espécies — e todas certamente muito ponderosas e conspícuas — levaram os meus ouvintes a duvidar, conquanto eu não me conforme com as razões nem com a dúvida.

Na opinião do José, eu estava pouco lúcido. E olha que foi. das opiniões reveladas, a mais indulgente.

O que se passou teria sido uma engraçada troça, se não fosse a amizade, de que me reconheço devedor a todos eles, afastar hipótese tão apro-positada.

Imagina que quiseram que eu lhes desse Informações prontas e seguras sobre os dois problemas mais sérios e mais transcendentos a que pode abordar a investigação humana: — O que é Deus, e o que representam, em face da Doutrina Espirita, os animais da escala inferior: — se futuros espíritos humanos em evolução, se espíritos próprios de cada espécie.

Como vês, é singularmente curiosa a maneira como aí se pretende investigar.

Aí, é nesse mundo. Em toda a parte há a mesma orientação patusca.*

Espera-se que o primeiro de nós apareça des-preocupadamente, como o caçador espera o incauto láparo, que vai deitar-se ao Sol, à boca da lousa, e dispara-se-lhe uma saraivada de perguntas, em que se mistura o desejo de saber se o Padre Eterno é aquele venerando ancião de longas barbas nevadas, que as oleografias baratas popularizaram, com o desejo de saber qual é a doença de que sofre o marido da senhora dona Fulana, ou se a interessante menina de tal casará com o seu não menos interessante adorador Fulano.

E não será raro quererem fazer de nós adivinhadores de bilhetes de loteria, pesquisadores de ricos tesouros escondidos pelas mouras encantadas ou pelos nossos heróicos avós, quando fugiam diante dos famintos soldados de Napoleão; agentes de casamentos, vigilantes de maridos infieis, portadores de recadinhos amorosos e não sei quantas coisas mais, das muitas que germinam e florescem na

parte louca de cada cérebro humano.

Eu sei que tudo isso se pode perguntar, e tudo pode obter lindas respostas. Se, aí, a parte néscia da Humanidade curiosa fecunda e pare tão graciosos disparates, aqui também a parte velhaca e má da Humanidade livre tem bojo para se divertir à custa das ingenuidades ou das ambições que os encarnados revelam.

Ingenuidade, e, com o mais subido respeito, atrevimentos. Não se olha a quem as perguntas se fazem.

Há aqui individualidades que são agora impertinente e desrespeitosamente submetidas aos mais disparatados interrogatórios, por qualquer incipiente preclaros investigadores não ousariam levantar os olhos, se ai existissem ainda. Não suponhas que eu, com esta apreciação, quero manifestar descontentamento pelo que se passou comigo. Deus me livre de que tal suposição se faça.

São estes meus dizeres uma apreciação genérica sobre o modo como, nesse mundo, as massas orientam a maneira de se porem em comunicação conosco; e frisar o grau de futilidade ou de maldade interesseira que revelam no fim que os leva a procurar o cultivo das nossas relações.

Quanto a mim, nas circunstâncias gerais, não gozo nem me irrita com as perguntas, nem com os pedidos que me fazem, ainda mesmo quando, para sua satisfação, exijam o clássico e pouco elegante capote e lenço das nossas bisavós, e que eu, pela minha incorporeidade atual, não poderia envergar muito bem, nem mui jeitosamente.

Nas circunstâncias especiais que se dão com amigos, o caso diverge muito. Não só não me irrita, como desculpo; e compreendo que as perguntas que me dirigem, a febre escaldante do justificado desejo de saber o que por aqui se passa, longe de manifestarem uma intenção menos correta ou menos agradável, antes representam a doce simplicidade com que uma criatura ingênua e bondosa se dirige a um amigo mais querido, fazendo-lhe interrogações e confidências que se não sabem ou se não devem fazer a todo mundo.

E porque assim o penso, e porque vejo que seguem errado caminho, eu venho fazer amistosa correção à pouco discreta maneira de encaminharem as suas naturais aspirações de conhecer um pouco do infinitamente desconhecido. Nem eu, nem ninguém aqui, pode responder com verdade e de boa-fé a todas as perguntas que nos fizerem. Cada um de nós sabe só a parte limitadíssima que cabe na esfera dos seus conhecimentos individuais.

A onisciência ainda não atingiu este mundo. É privilégio dos mestres dai. desde o mestre sapateiro. que filosofa sabiamente sobre a existência de Deus. até o mestre em filosofias que questiona argutamente com o sapateiro, a maneira de lhe tombe ar as botas.

Eu, por mim, confesso que nem talvez saiba o que presumo saber — que bem pouca coisa é.

Eu sei que aqui há quem se envaideça com a presunção de saber muito; e que aí

hã muito mais quem creia saber tudo, se não bem tudo o que lhe está ao alcance da mão, pelo menos tudo que constitui o destino do homem; mas não ofendo nenhum dos amigos queridos que me submeteram ao exame, supondo-os neste último e avantajado número.

E, entretanto, creio que alguns deles se veriam embaraçados e pouco lúcidos para responder às mais comezinhas perguntas que eu lhes fizesse.

Imagina que de chofre perguntariam ao nosso H. . . como se cultivava um eido ou se fabricam ovos moles.

É claro que a primeira resposta, que a sua aflita ignorância lhe daria, seria a de mandar o indiscreto para um quinteiro e para as roliças doces de Aveiro. Se o não mandasse para a outra parte. . .

Apesar desta racionalíssima observação e mau grado à sua circunspeção habitual, pareceu-lhe corrente que eu devesse responder de pronto e sem emperramentos à inqueritoria que me faziam.

E milagre foi que a não fizessem à pequena que me antecedeu, porque então a criancita corria risco de apanhar umas orelhas de papel, se não dissesse, sem hesitação, se a alma do cão que gostava de música seria uma transmigração do divino Mozart, ou se a porca que matava os filhos seria a vigésima encarnação do Saturno que os comia

Não lhe correria melhor o quarto de hora de ponto se lhe soubesse responder àquele outro, que queria para ali descrito, com toda a clareza e em duas palhetadas, o que era Deus, onde estava e de que era feito!

Milhões de anos não têm bastado à pobre Humanidade e havia de ser eu, quem, em síntese lucidíssima e em loquela de tribuno, havia de definir essa tremenda incógnita, que todo espírito humano tem sido insuficiente para conceber.

Houve ainda outra acusação de peso, qualquer coisa como um monólito de lógica, ou como argumento primacial, exaustivo, abrumador. Foi a de que eu respondi terra a terra.

Esta é de respeito; e, para ser justo, devo confessar que representa, em eloquência, toda a de uma universidade inteira, ainda que seja a nossa lusa Atenas, que em eloquência é o que há de mais superfino.

Se a resposta era terra a terra, não podia ser minha. Eu já não sou da Terra, ergo, devia dar uma resposta céu a céu; cheia de coisas misteriosas, em linguagem de sibila, com palavras esquisitas, musicais, como deve ser o som da aragem que conduz a vibratilidade do éter, os cantos dos anjos e dos querubins. Não era possível que fosse eu quem viesse dizer, na depauperada linguagem humana, coisas que os daí sabiam já a deitar por fora.

Se fosse eu, diria certamente com uma sutileza de argumentação capaz de despeitar de raiva o mais eloquente dos políticos portugueses, o que era Deus, o que era o Cosmos, e até o que era a Ursa Maior.

A não o saber dizer, não devia vir. Quando menos, devia dar notícias da Ursa

Maior, como próxima parenta minha, visto que, não respondendo ex-cátedra, às sutilidades metafísicas que cada um se propunha enunciar, só mostrava, pela triste figura que fazia, pertencer à honrada e nobre família dos plantígrados de que aquela luminosa constelação deve ser a primordial avoenga.

Disse um dos meus arguentes que, pelo que conhecia dos meus escritos, formava melhor conceito de mim, do que aquele que no momento estava elaborando no seu cérebro.

A minha falta de competência no concurso de sábios a que, sem esperar, me sujeitei, infelicitou dois homens: — a mim, porque perdi um admirador, o que não é nada para desprezar numa época em que vão rareando tanto como o bom-senso, e a ele porque lhe desarrumou o cérebro, obrigando-o a renovar o mobiliário intelectual, no compartimento que amavelmente me tinha cedido.

Corro, primeiramente, em defesa do meu crédito de homem ilustre, que é, afinal, o único patrimônio que daí me acompanhou, como cãozinho fiel; e quero ver também se acudo a tempo de evitar o trabalho fatigante, que se deve estar operando ainda na torre ideal do nosso pobre amigo desiludido.

Se bem que me pese, impõe-se-me a obrigação de ponderar, conselheiramente, que pelos conhecimentos que teria dos meus escritos devia inferir naturalmente não ser a mim que se deviam fazer perguntas que iriam lançar o pânico, o assombro, como toques da trombeta de Josafá, no cenáculo de todos os imortais franceses, que por aqui existem já em número respeitável, se lhe fossem inesperadamente disparadas à queima-roupa.

Devia presumir que quem passou a vida terrena a tratar de futilidades e de bagatelas, em sutilezas de espírito, em burilar ligeirezas de frases, era o mais incompetente preletor para assunto que tem escandescido muito cérebro, e encanecido muito sábio.

Seria a inversão da ordem natural das coisas. Seria como que interrogar um piedoso cura das- mas sobre os progressos da balística; ou perguntar como se pontoam meias, ou como se educam filhos a uma decidida partidária do feminismo.

Querer ouvir-me sobre a raiz basilar de toda a metafísica universal, correspondia ao desejo de ouvir o Espírito de um asceta católico ou de um bonzo budista, sobre as delícias mundanescas de uma ceia de boêmios com lindas mulheres de sorrisos caros.

Seria interessante fazer a experiência, para apreciar como tão sabedores e piedosos homens responderiam, sem emperramento, a essas miríficas indagações.

Aconselho-os, porém (e sem levar nada pelo conselho, como generoso que se preza), a quando voltar o Pestana com as profundas dissertações sobre sugestão e quejandas bugiarias, o não interroguem sobre o assunto, de espiritual interesse, de como se enxertam videiras ou se cultivam cogumelos; e se por aí aparecer um Verdi, ou um Wagner ou semelhantes fazedores de sinfonias, sejam generosos com eles, não os obrigando a fazer triste figura em exames de como se fabricam

assobios de louça em Caldas.

Há vulgarizada nesse mundo a falsa ideia de que a morte é um banho miraculoso, ao sair do qual se fica inteiramente sábio.

Parece às criaturas de raciocínio frouxo e juízo duvidosamente claro, que basta cair sobre fe- dentinosa matéria, que aí nos serviu de casulo, algumas pazadas de terra gordurosa e negra, para que ante os nossos olhos predestinados se abra a torrente perene de todo o saber; e ao nosso intelecto, ainda emparvecido pela transição, acorram, como mosquitos à luz, todos os conhecimentos que pelo Universo e pelos tempos corram esparsos por infindas gerações.

E se não correspondemos ao figurino que o atavismo religioso, em combinação simpática com umas perfunctórias noções das teorias espíritas, criaram para nós, falando de tudo com perfeita desenvoltura, respondendo, com os ademanes graciosos e autorizados de charlatão emérito, aos enigmas sibilinos que da próspera aljava da curiosidade nos arremessam, acusam-nos e criticam-nos levantando intencionadas suspeições sobre a nossa identidade.

E por que não correspondemos ao visionado tipo que o idealismo neo-espírita engendrou para aqueles que deixaram as plagas verdes onde a cotovia canta?

E por que não respondemos a tudo que nos perguntam em desenfastiado momento de super- investigação ?

Pois em boa verdade te digo eu, que podia dirigir daqui uma dezena de perguntas aos meus arguentes, sobre as mais triviais bagatelas de geral domínio público nesse alfobre de sábios, que eles se dariam a perros para me responderem a uma, simplesmente, para amostra da sua erudição.

Entretanto, são sabidíssimas vulgaridades que constituem patrimônio cabedal de conhecimentos de todo o mundo, e até meu.

Ê verdade que podem objetar-me, em ares de triunfo, que ainda não conseguiram o direito à onimonidade de habitações por falta de formatura na faculdade da Necrópole, onde é Minerva a Morte. E esta falta, que eu desejo se mantenha por bons e largos anos, se isso der prazer a quem nela encontre a desculpa perante espíritos menos exigentes, pode passar por uma razão.

Eu, porém, quando me dá para ser pontilheiro pm exigências, não abandono o meu reduto aos primeiros disparos da argúcia ou da soléira dos meus arguentes.

Não se lhes exige o saber profundo das experiências, feito que o poeta máximo cantou. O que se pode perguntar será de uso charro, de mais que vulgar acepção, de uso diário do candidato a sábio.

Será sobre o que come, o que veste, o que vê. Será a seu próprio respeito, a respeito das suas próprias mãos, que é, na frase de consagração popular, o que cada um melhor conhece — quando não sucede confundir, deploravelmente, a esquerda com a direita.

Será acerca dos seus desejos, dos seus pensamentos, das suas radicadas opiniões — com exceção das políticas, porque a justiça me obriga a reconhecer que

isso não é coisa decente que se possa perguntar a alguém, com probabilidade de resposta aceitável.

Ora, se sobre tudo que aqui enumerei já eu podia embaraçar a associação dos advogados de Lisboa — respeitabilíssima classe que, por dever de ofício, nada pode deixar sem resposta —, também me parece ter o direito de ignorar alguma coisa do que por aqui existe e que, pelo fato simples e corrente de ter já passado a raia da vida terrena, não me foi dado conhecer.

O que se apura de tudo, é que os nossos irmãos, dai, estão bem dentro da orientação lógica do modo de ver português.

Honra lhes seja porque revelam, assim, o seu cunho tão firmemente nacional, como se fossem respeitáveis patacas da Junta do Porto.

Em nossa terra, quando alguém manifesta uma aptidão especial que o distinga, por que consiga destaque, toda a gente o julga logo otimamente prendado para tudo.. . menos para aquilo que a Natureza lhe deu queda.

Acharam aí que eu fui pessoa ilustre em méritos literários (não lhes discuto o gosto, por dever de cortesia). Tinham a noção de que eu havia escrito coisas irônicas, feito críticas de forma bizarra, e (com um bocadinho de generosa boa-vontade) por vezes cintilante, fazendo revoltear palavras, num esfusante estrelejar de frases torturadas, vazias de sentimento, rebrilhantes de espírito, e supuseram-me logo com tiara para pontificar de dúplex sobre Filosofia e Teologia, perscrutando, de passagem, o abismo da origem dos seres, na sua relação com as manifestações espirituais e evolucionistas da matéria animada.

Não me falaram sobre coisas de literatura, de espírito, de crítica, de arte, e até de boêmia, em que seria fácil discreter. Foram antes tocar o carrilhão sonoro e solene das grandes ocasiões, pretendendo que eu me revestisse de toda a gravidade dogmática e prelecionasse, em oração de *sapientia*, sobre os problemas mais controvertidos que têm aflorado ao cérebro humano.

Não descontavam, sequer, a possibilidade de que eu não fosse dos favorecidos por Caliope nos dons da eloquência, sendo assim uma exceção rara da aluvião cogumelesca de Cíceros com que Deus dotou a nossa terra.

O raciocínio era: — sabia escrever? devia saber falar,

Não teria sido um Demóstenes nesse mundo? Devia ser um São Crisóstomo neste.

E daqui a sua surpresa, e a dúvida torturante dos espíritos bondosos daqueles nossos amigos, exteriorizada nas hesitantes reflexões que te fizeram.

Por sobre a admirada assembleia adejava, como um sonho mau, a negra asa da suspeita de que fosse uma gralha vulgar de Linneu, que se estivesse enfeitando com as reluzentes penas do pavão Eça.

Não sei que gralha seria que eles visionassem no seu tímido receio. Se sobre ti caiu a desoladora suspeita, eu me envergonho e penitencio de ter dado ensejo a que a minha claudicação na verborreia metafísica te fizesse suspeitado de voejares tão terra a terra, como triste gralha des- sada.

Capítulo I DA NECESSIDADE DAS SESSÕES ESPÍRITAS

Apesar de ter sido o Espiritismo prático objeto de admiráveis trabalhos de incansáveis confrades que enriqueceram a Doutrina com obras valiosas, não nos podemos furtar ao desejo de contribuir com o nosso auxílio para a construção simbólica do templo da verdadeira religião que abrigará toda a Humanidade sob as suas abóbadas infinitas.

Se os largos anos de prática do Espiritismo experimental e a meditação sobre os ensinamentos contidos nas obras fundamentais da Doutrina, não nos facultam autoridade, por sermos ainda humildes discípulos, representam, pelo menos para nós, um acervo de conhecimentos, que, mercê de Deus, muito nos têm servido, e, por isso, desejamos oferecê-los àqueles que nos quiserem ler.

Para tão árdua tarefa contamos com o auxílio dos esclarecidos Espíritos enviados do Senhor, os quais estão sempre dispostos a coadjuvar os homens de boa-vontade.

Este trabalho, exclusivamente sobre as sessões experimentais de Espiritismo, visa a chamar a atenção dos entusiasmados neófitos e homens de boa-fé, sempre propensos a crer sem ver e aceitar sem meditar, nem analisar, e despertar-lhes o interesse pelo estudo das obras de Allan Kardec, Léon Denis, Gabriel Delanne e muitos outros, a fim de se não assemelharem, no andar pelos ínvios caminhos da prática espírita, aos viajores intemoratos que, sem farol, se arriscam durante noites escuras, em jornadas pelas estradas cheias de precipícios.

Não desejamos nem podemos impor as nossas ideias, porque cada um tem a sua liberdade de pensar e agir, e, como toda obra humana, o nosso trabalho está sujeito à crítica e à refutação; entretanto, uma coisa se toma assaz evidente: as inúmeras citações, aqui feitas, expressam bem que não nos achamos divorciado dos mestres.

Foi no princípio da adolescência, quando o entusiasmo constitui apanágio de todo homem, que a graça de Deus se fez sentir sobre nós, iluminando-nos a alma com a luz da Doutrina Espírita. Em **1920**, sem que procurássemos, o «acaso» colocou em nossas mãos o livro «O Céu e o Inferno», de Allan Kardec, e a sua leitura muito nos agradou. O assunto espírita empolgou-nos, uma ânsia de conhecer algo de novo apoderou-se de nós. Data dessa época a nossa conversão ao Espiritismo e consequente emancipação total da religião Católica, na qual

¹ (1) Comunicações dadas a propósito de uma sessão de investigação.

fôramos criado, pois havia muito que ela se nos apresentava como fonte cuja água não mais nos saciava a sede de fé.

Quiseram as circunstâncias que, só após havermos adquirido apreciável patrimônio de teorias, fôssemos testemunhar os fenômenos provocados nas chamadas sessões práticas. Nesse momento, a nossa alma sofreu horrivelmente ao observar que a ignorância dos princípios doutrinários e a falta de moralidade, habilmente exploradas pelos Espíritos atrasados e malévolos, constituíam fatores do fanatismo e das mais absurdas práticas.

Como nós, todos os confrades ciosos de ver o Espiritismo propagado e praticado com a simplicidade de seus ensinamentos e elevação de sentimentos, têm sofrido as mesmas decepções. E, por isso, não se fartam de esclarecer o quanto de complexo é o intercâmbio com os desencarnados, cumprindo a todos os experimentadores a mais excessiva cautela.

A Doutrina Espírita é uma só: baseia sua moral nos elevados ensinamentos de Jesus, a sua ciência na investigação das leis que regem a fenomenologia, a sua filosofia na indagação da origem e destinos do homem; porém, quem quer que faça uma peregrinação pelos vários Grupos e Centros espalhados de norte a sul do País, dificilmente encontrará duas agremiações com o mesmo método, ordem e orientação de trabalhos. Evidenciará isso dualidade ou multiplicidade de ensinamentos e, portanto, divergência entre os Espíritos e os espíritas? Absolutamente não. Embora essa diversidade seja mais aparente que real, pois, a bem da verdade, cumpre dizer que os piores orientados julgam bem servir à Causa, tem este fato a sua origem na ignorância de uns, no pretensão saber de outros, e no orgulho e vaidade da maioria.

Se numas searas a elevação de sentimentos e o grau de instrução de seus componentes preenchem os verdadeiros fins do Espiritismo, noutras verifica-se injustificável mescla de outros credos, e, nalgumas, prevalece simplesmente o interesse material sob várias modalidades.

Todavia, embora julguem isso um grande mal, o Espiritismo, com essas divergências, nada perde, pois, muito a propósito, disse um esclarecido Espírito-guia: «O Espiritismo marchará com os homens, sem os homens, apesar dos homens.»

A tarefa dos que se atiram à luta pela propaganda da mais consoladora das doutrinas não deve ser exclusivamente no alvo de conseguir prosélitos, mas, muito especialmente, no escopo de instruir os que se consideram espíritas, com o objetivo de fazer, dos novos crentes, homens fortes na fé, possuidores de elevada moral, ricos da sabedoria dos tesouros dos Céus, verdadeiros êmulos dos primeiros cristãos que atraíam os pagãos tão-só pelo exemplo de suas atitudes.

Da necessidade do que vimos expondo, desejosos de poupar aos experimentadores decepções e perigos, fazemos nossas as palavras de Léon Denis, no seu livro «No Invisível»:

«Â proporção que o Espiritismo se divulga, mais imperiosa se faz sentir a necessidade de estabelecer regras positivas, condições sérias de estudo e experimentação. É preciso evitar aos adeptos amargas decepções e a todos tornar acessíveis os meios práticos de entrar em relação com o mundo invisível.»

Se os que palmilham os terrenos da experimentação escutarem as vozes dos que já colheram frutos doces e amargos no comércio com os habitantes do Além, terão melhores probabilidades de acertar e de reduzir o número das decepções e dos perigos de obsessões.

Não se pode compreender Espiritismo sem sessões práticas, porque é nelas que encontramos a confirmação dos ensinamentos da Nova Revelação, é nelas que buscamos o consolo de trocar palavras com os nossos mortos queridos, e foi com o concurso delas, enfim, que o missionário Allan Kardec conseguiu codificar a Doutrina.

É um grande erro pensarem os nossos adversários que buscamos os Espíritos. São eles que nos buscam. Foram eles que despertaram a atenção da América do Norte através da mediunidade das meninas Margarida e Catarina Fox, em **1848**. Foram eles, simultaneamente nessa mesma época, que fizeram em todas as partes do mundo ouvir as suas vozes, tocando para a Humanidade a alvorada da Nova Era do Espiritualismo. Foram eles, enfim, que, por todos os meios ao seu alcance, vieram dizer-nos: Somos as almas dos que viveram na Terra e estamos tão vivos ou mais vivos que vós, porque não temos o fardo da carne a tolher-nos as vibrações.

Deste modo, por que deixar de exercer a prática do Espiritismo, se é ainda por seu intermédio que se consegue hoje a mais abençoada das tarefas — curar os enfermos?

O que nos cumpre, não é furtarmo-nos à prática do Espiritismo em virtude dos perigos que nos ameaçam, mas, aparelharmo-nos para ela, aumentando o âmbito dos nossos conhecimentos, elevando o nível da nossa moralidade, pois, só assim, podremos diminuir as probabilidades de erro e conseguir as mais indescritíveis consolações.

Léon Denis, o abnegado e iluminado propagandista do Espiritismo, cujas palavras já citamos, assim se expressa no seu admirável «Depois da Morte»:

«A nossa indiferença, para com as manifestações espíritas, não nos privaria somente do conhecimento do futuro do Além-túmulo, mas nos desviaria também da possibilidade de agir sobre os Espíritos infelizes, de lhes amenizar a sorte, tornando-lhes mais fácil a reparação de suas faltas. Os Espíritos atrasados, tendo mais afinidades com os homens do que com os Espíritos puros, em virtude de sua constituição flui dica ainda grosseira, são por isso mesmo mais acessíveis à nossa influência.

«Entrando em comunicação com eles, poderemos preencher uma generosa missão, instruí-los, moralizá-los e, ao mesmo tempo, melhorar, sanear o meio fluídico em que todos vivemos.»

Quiséramos que essas palavras fossem para todos objeto de profunda

meditação. Nobre missão é, realmente, a de estender as mãos aos desgraçados, ajudando-os com palavras de carinho a se levantarem para continuar a jornada. Mas, qual de nós terá coragem, no caso, não de apanhar umas pedras para atirar no pecador, porém, de jactar-se da altura de possuir autoridade moral para exortar os infelizes decaídos, à regeneração?

Aqui é que encontramos um dos maiores escolhos do Espiritismo prático. Os sofredores necessitam de nós, mas, a maior parte das vezes, ficamos em situação inferior à dos apóstolos, que se viram impotentes para a cura de um lunático². A eles faltava a fé; a nós, quase sempre, falta tudo.

Toma-se necessário que todo espírita não esqueça nunca que o verdadeiro cristão se reconhece pelas obras, e o verdadeiro espírita pelos esforços que faz para domar as suas más inclinações. Somente a força moral nos dá ascendência sobre os Espíritos; assim, pois, em qualquer terreno que penetremos da seara espírita, cumpre-nos, antes de tudo, moralizarmo-nos e moralizar os vivos que nos cercam, evitando assim que continuemos como centros convergentes de Espíritos inferiores, atraídos pela afinidade de sentimentos impuros.

Visando a Doutrina Espírita à regeneração da Humanidade, voltemos as nossas vistas para os que se acham presos à matéria, pois, deste modo, ao ingressarem na verdadeira Pátria, não irão aumentar a falange dos sofredores que, apegados à Terra, sem poderem libertar-se dos seus tormentos, contribuem para agravar os dos que aqui ficaram.

Todo o edifício de contradita de nossos opositores, materialistas ou mesmo espiritualistas, sobre a sem razão das sessões espíritas, não tem sua base em alicerces sólidos. Todo ele se desmorona ante a clara exposição da argumentação espírita. A base desta é o Amor. É o amor, esse elevado sentimento que o homem busca cada vez mais espiritualizar, o fator primordial da realização das sessões. A saudade de um filho querido, a lembrança de uma esposa idolatrada, a perda irreparável de um pai, de uma mãe, a recordação dum amigo leal e sincero, o desejo de desembaraçar um louco do seu obsessivo, a cura dos enfermos, eis os motivos que impulsionam, crentes ou não, às sessões espíritas.

E que representam esses motivos senão a manifestação do amor nas suas várias modalidades? E qual a força capaz de vencer esse divino sentimento? Mas, dirão alguns, embora com elevados fins, era muitas sessões contribuí-se para o mal. Terão razão os que assim objetam? Admitamos que sim. Porém, a ter de aceitar essa objeção, que diremos da imprensa? Porventura, no seu sonho de glória, teria Gutenberg vislumbrado o quanto se aproveitaria a perversidade humana da sua invenção para espalhar com mais rapidez a sua peçonha?

Teriam, acaso, os abnegados terapeutas profetizado que a Medicina — a grande benfeitora da Humanidade — com todo o seu passado de glória e brilhante futuro,

² (2) Mateus — Cap. 17:14-20.

altruísmo dos seus devotados sacerdotes, fosse olhada como elemento aproveitável nas guerras, para a disseminação de gennens patogênicos capazes de fazer grassar os piores flagelos?

«O Espiritismo será *oi* que dele fizerem os homens, «similia similibus». Ao contacto da Humanidade, as mais altas verdades se desnaturam e obscurecem. Podem constituir-se numa fonte de abusos. A gota de água, conforme o lugar onde cai, continua sendo pérola ou se transforma em lodo.»³

Não, não podemos compreender Espiritismo sem a parte prática. Os Espíritos, após a desencarnação (morte), permanecem por tempo mais ou menos longo, debaixo de perturbações, incertezas, angústias, que variam de acordo com o seu modo de vida, elevação moral, grau de sabedoria e gênero de desencarnação. Se alguns reconhecem logo a sua nova situação, outros há que, julgando-se vivos, continuam a frequentar os mesmos lugares habitualmente percorridos, e, mais ainda, quando o grau de materialidade se acentua num forte apego à Terra, experimentam as mesmas sensações que nós, e chegam até a sentir necessidades fisiológicas, como fome, sede, etc. Os Espíritos apegados à Terra, pelos fortes laços da matéria, não podem perceber as vibrações dos Espíritos elevados, assim como os nossos limitados sentidos não nos põem a par de alguns fenômenos da Natureza, que os aparelhos de precisão registram. Acaso pressente o homem os tremores de terra com a exatidão dos sismógrafos? Os aparelhos de rádio não provam que se cruzam no espaço, sem se confundirem, as irradiações de inúmeras estações? E porventura algum homem, no seu estado normal, pode percebê-las?

Em contacto com os homens, os Espíritos mais depressa são esclarecidos, o que contribui de algum modo para melhorar-lhes o estado. Benditas sejam as searas que bem preenchem os seus fins.

O Espírito de Verdade, numa de suas mais belas comunicações insertas em «O Evangelho segundo o Espiritismo», exorta-nos assim: «Espíritas, amai-vos, eis o primeiro ensino; instruí-vos, eis o segundo.» Eis o lema que devem adotar todos aqueles que já foram iluminados pela luz da Nova Revelação .

Amendo-nos como ensinou Jesus, o nosso amor não se limita a este mundo e vai refletir-se em nossos irmãos infelizes, que sofrem no Além. Instruindo-nos, dissipamos a ignorância que é a mãe de todos os males e conquistaremos a luz do saber, que também é riqueza que o ladrão não rouba nem a traça rói. Todavia, cumpre que esse saber nos induza ao dever de espalhar as luzes em volta de nós, facultando aos ignorantes o conhecimento da Verdade. Jesus prometeu-nos um Consolador que viria restabelecer os seus ensinamentos e dar-nos algo mais que não pôde ser dito naquela época. O Espírito de Verdade já se encontra entre nós, e só dissipando as trevas da nossa alma poderemos reconhecê-Lo. Quando numa seara reinar o verdadeiro sentimento do Amor, o desejo ardente de adquirir ensinamentos e, sobretudo, se a humildade constituir apanágio de todos os seus membros, poderemoa estar certos de aí se encontrar Jesus em toda a sua glória,

³ (3) Léon Denis — "No Invisível" (Introducção).

pois Ele não fez promessa vã, quando disse aos discípulos: «Quando duas ou mais pessoas se reunirem em meu nome, eu aí estarei com elas.»

Capítulo II MEIOS DE COMUNICAÇÃO ENTRE VIVOS E MORTOS — SESSÕES ESPIRITAS E SUAS DENOMINAÇÕES

A comunicação entre os vivos e os mortos não constitui privilégio dos tempos modernos. Nas mais remotas eras da Humanidade encontramos as provas, tanto na linguagem muda dos monumentos, como nos textos dos livros sagrados.

Nesses recuados tempos, nos quais os homens estavam na infância da evolução, as relações entre o mundo visível e o invisível só eram mantidas pelos iniciados nas doutrinas secretas. Todos os povos antigos, hindus, egípcios, hebreus e tantos outros, destinavam alguns de seus filhos ao sacerdócio da sua Doutrina Esotérica. Ainda na infância começava a sua educação, e somente depois de prolongadas e penosas etapas, durante as quais a sabedoria e elevação moral do iniciando eram submetidas a duras provas, entravam eles na posse completa dos mistérios. Aquele que profanasse um só dos ensinamentos secretos era um condenado à morte.

Ao que sabemos, só um povo antigo se assenhoreou dos mistérios. Foi o hebreu, quando atravessava o deserto, levado por Moisés, em busca da Terra da Promissão. Bem fundados eram os receios dos adeptos em dar a conhecer, a todos, os segredos das evocações. Os hebreus, sem estarem preparados para receber tanta luz, de tal modo vulgarizaram as relações com os habitantes do outro mundo, que não tardaram em degenerá-las nos mais condenáveis abusos. A vingança, o ódio, os mais baixos interesses serviam de pretexto para evocações dos mortos. Moisés, iniciado nas Doutrinas Secretas do Egito, para conjurar o grave perigo que pairava sobre o seu povo, proibiu, então, sob pena de morte, as relações com os Espíritos, passando elas a constituir privilégio dos profetas.

Dessa época até o advento do Cristianismo, os anseios dos vivos pelos mortos e os clamores dos mortos pelos vivos eram sufocados por essa proibição.

Com Jesus, pouco a pouco reataram os hebreus as relações com os invisíveis. Sob a influência dos sublimes ensinamentos do Cristo, dirigidos ao coração dos humildes e oprimidos, os homens começaram a compreender a verdadeira finalidade delas. E, quando o Divino Missionário voltou ao Pai, recrudesceram elas de tal modo, que

os hebreus assistiram maravilhados à maior e mais bela difusão de dons mediúnicos, manifestada pelos apóstolos no dia de Pentecostes. As línguas de fogo, reflexos das luzes dos Espíritos elevados, representavam o batismo anunciado por Jesus.

Na leitura meditada dos Atos dos Apóstolos, encontramos inúmeras vezes os discípulos reunidos a orar, de forma semelhante ao proceder dos espíritas nas suas modestas searas.

Com o decorrer dos tempos, as rivalidades dos bispos, a transformação do Cristianismo do povo em Cristianismo do Estado, as conveniências de predomínio, esmagaram com uma nova proibição as fraternas relações com os habitantes do Além.

Enquanto a Igreja de Roma, divorciando-se cada vez mais de Jesus, buscava a aliança dos reis para adquirir e sustentar o seu poderio, deixando o povo à mercê dos seus destinos, a evolução, impulsionada pela Ciência, continuava a sua marcha inflexível, lançando luzes sobre a Humanidade. Mas essas luzes não tinham o esplendor do Divino Foco, pois, se clareavam o cérebro, deixavam cada vez mais o coração na penumbra. Os ensinamentos dados ao povo, pela Igreja, deixavam de fazer vibrar os sentimentos da alma, porque só afetavam os sentidos do corpo. Os homens, cansados de ver tanta miséria propagada em nome de Jesus, horrorizados ante as fogueiras que se acendiam, a fim de queimar entes humildes e inocentes — para maior glória de Deus —, abjuraram os últimos resquícios de fé. O Catolicismo, na ânsia de dominar, forçando os povos, a ferro e fogo, à adoção de novo credo, preparou o terreno para a implantação do seu maior inimigo, o materialismo — flagelo da Humanidade. Mas Jesus, o Sublime pregador do Amor, do Alto, das elevadas regiões siderais, apiedou-se mais uma vez da ingrata Humanidade terrena, e julgou propício o momento para enviar o Consolador prometido. E então, sob a orientação do Espírito de Verdade, os mensageiros do Senhor se espalharam por todos os recantos da Terra, manifestando-se aos homens por todas as maneiras possíveis, realizando assim a milenária profecia de Joel: «E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu espírito derramarei por toda a carne, e os vossos filhos e filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões e os vossos velhos sonharão sonhos.»

Â proporção que o Espiritismo se propaga, o culto da Doutrina Cristã volta à sua pureza encantadora de outrora. Os espíritas apenas repetem o que fizeram os Apóstolos: transmitem os ensinamentos de Jesus com simplicidade e clareza; expulsam os Espíritos impuros; curam os enfermos; dão de graça o que de graça recebem. E é por isso que, apesar da avalanche de proibições e anátemas, os crentes da Nova Revelação se sentem cada vez mais fortes na sua fé, certos de que o Espírito Consolador já se encontra entre nós. E como recebê-lo? E o que vamos ver agora. É nas searas, especialmente nas mais humildes, que o Espírito Consolador melhor manifesta a sua presença, por intermédio dos seus

mensageiros. Em todos os recantos do Globo numerosos Grupos buscam o contacto com os invisíveis e estes acodem ao apelo ou vêm espontaneamente comunicar-se de maneiras várias, conforme as faculdades dos médiuns e os resultados a que visam obter. Mas, o que sempre observamos, é a falta de preparo prévio para essa árdua e complexa tarefa.

Para tudo o homem se prepara. Por que, pois, dar-se à prática do Espiritismo sem estudar e, sem elevar o nível de sua moral? Nunca é demais dizer que urge estudar, mas estudar com método, observando, analisando, meditando para edificar a sua fé sobre a rocha, e estar prevenido contra a impostura; saber separar o joio do trigo, na singela expressão de Jesus. Para dedicarmos o nosso tempo com proveito, na prática espírita, é imprescindível saber como se devem organizar sessões; porém, antes disso, vejamos primeiro o que vêm a ser — sessões espíritas.

Todo agrupamento de duas ou mais pessoas, com o elevado propósito de obter comunicações dos invisíveis, é uma sessão espírita. Se variadíssimos são os modos de os Espíritos se manifestarem, claro está que às sessões serão dadas denominações segundo os fenômenos produzidos.

De acordo com os mestres, as sessões são: de efeitos físicos; intelectuais; e de curas.

EFEITOS FÍSICOS

Todos os fenômenos produzidos pelos Espíritos, tais como ruídos, deslocação de corpos de um lugar para outro, materializações, etc., são classificados como de efeitos físicos.

a) — Tiptologia.

foi o mais rudimentar processo de entrar em relação com os habitantes do Além. Logo depois de passado o assombro dos primeiros e forçados observadores, foi por esse processo que se generalizou o intercâmbio com o invisível. Uma simples mesa de três pernas, em volta da qual se assentavam os experimentadores, com as mãos espalmadas e colocadas sobre ela, era tudo quanto de início se exigia. Depois, aguardava-se o sinal da presença dos Espíritos. A chegada destes era anunciada por ligeira inclinação da mesa, por pancadas fortes ou por estalidos secos característicos e de reprodução inimitável, que pareciam provir da própria madeira da mesa, e, finalmente, por meio de baques dados com um dos pés da mesa, que para isso oscilava a cada instante. Os ditados eram dados letra a letra, correspondendo a cada uma delas, em pancadas, o número de ordem do alfabeto.

O seu uso, no fim do século dezenove, vulgarizou-se enormemente na Europa, tornando-se moda e passatempo obrigatório em todas as sessões⁴; porém, após o desenvolvimento de médiuns psico- gráficos e de incorporação, as mesas girantes

⁴(4) Ver "As Mesas Girantes e o Espiritismo", edição da FEB.

caíram em desuso, pela morosidade com que se obtinham as comunicações. Entretanto, com esse meio colhem-se resultados surpreendentes, em virtude de os pensamentos dos Espíritos apresentarem uma percentagem mínima da influência intelectual do médium e dos assistentes, ou, mesmo, por se caracterizarem por uma identidade convincente. É comum, nessas sessões, os Espíritos ditarem coisas inteiramente desconhecidas dos experimentadores ou contrárias às suas ideias, o que destrói por completo a objeção de serem as comunicações produto do subconsciente do médium ou dos assistentes.

Eugène Nús, literato francês, realizando com alguns amigos sessões de tiptologia, pôde constatar o que vimos de dizer. Propuseram eles, aos invisíveis, lhes dessem algumas definições, em frases de doze palavras. Algumas vezes, interrompiam a comunicação e tentavam, em vão, completar a frase iniciada, e, se porventura isso conseguiam, as forças invisíveis concluía com outras palavras, mais acertadas, e nas quais nenhum deles havia pensado. Ele assim nos relata:

«Nossa tripeça não se embaraçava com tão pouca coisa. Desafio todas as academias literárias a formularem rapidamente, instantaneamente, sem preparativos e sem reflexão, algumas definições circunscritas a doze palavras, tão completas e muitas vezes tão elegantes como as improvisadas pela nossa mesa, à qual no máximo concedíamos, e a muito custo, a faculdade de formar uma palavra com um traço de união.»

Eis algumas definições:

Infinito: abstração puramente ideal, acima e abaixo do que é concebido pelos sentidos.

Harmonia: equilíbrio perfeito do todo com as partes e das partes entre si.

Imaginação: fonte dos desejos, idealização do real por um justo sentimento do belo.

Força Divina: força universal que liga os mundos e abraça todas as outras forças.

Certa vez, em uma sessão de tiptologia, realizada na sede do Grupo dos «Filhos Pródigos» (Pará), do qual guardamos a mais doce recordação, vimos a mesa ser impulsionada do centro da sala para junto de uma estante, abri-la, e, depois, inclinar-se na direção de uma prateleira onde estava um folheto, com o qual o Espírito queria identificar-se. Da intenção dele nenhum dos presentes tinha a menor ideia e até julgavam os assistentes nada haver na estante que se relacionasse com a manifestação. Este fato é relatado detalhadamente pelo Dr. Nogueira de Faria em seu livro «Renascença da Alma».

b) — Voz direta; escrita direta.

Estes fenômenos, surpreendentes para os profanos, são conhecidos em Espiritismo com as denominações de pneumatofonia e pneumatografia (Allan Kardec — «O Livro dos Médiuns»), São os meios de os Espíritos se comunicarem com os vivos, emitindo a voz diretamente, sem se servirem dos órgãos vocais dos

médiuns, ou diretamente em ardósias ou papel, sem o concurso do braço dos vivos. A Bíblia, a mais fecunda fonte de fatos espíritas, fala-nos da voz direta quando se refere ao assombro de Balaio ouvindo a voz do anjo do Senhor, como nos dá ainda a conhecer a escrita direta, ao narrar o misterioso aparecimento de três palavras, na parede do salão onde se realizava o festim de Baltasar.

Para sessões de fenômenos desta natureza, são necessários médiuns dotados de faculdades especiais e, quase sempre, é a espontaneidade do fenômeno que os coloca em evidência.

Em **1929**, em Belém do Pará, fenômenos estranhos sucediam-se no seio da família Mesquita, moradora, no bairro do Telégrafo Sem Fio. Roncos, gemidos, sons estranhos eram ouvidos por todos. Belém, cidade devotada ao Espiritismo, não tardou em tomar interesse pelo caso e, dentro em pouco, estava fundado o Instituto Metapsíquico Paraense, que chamou a si a proteção do médium, para observações e estudo.

Ali acolhido carinhosamente, teve o médium a sua faculdade desenvolvida. Inúmeras foram as pessoas que tiveram a ventura de assistir às sessões do Instituto Metapsíquico Paraense. Lá colheram provas da imortalidade da alma, não só ouvindo a voz do Espírito Monteiro Lopes, como também vendo a levitação de objetos vários. Uma das coisas que mais prendiam a atenção, era o médium ficar em completo estado de vigília durante todo o período da sessão. Desses fenômenos ocupou-se a revista «A Federação», órgão da União Espírita Paraense, em seu número de março de **1931**.

A escrita direta, observada por inúmeros experimentadores, tem-se produzido de maneira a não deixar o menor vestígio de dúvida.⁵

O Sr. Oven, redator do «Golden Gate», diz-nos Léon Denis no «Invisível», obteve, em **1892**, a **24** de dezembro, com o concurso do médium Evans, a mais extensa comunicação de escrita direta. Desdobra-se ela em catorze ardósias duplas, amarradas e lacradas, que ficaram escritas num quarto de hora e compunha-se de um milhar de palavras.

c) — Levitação.

Por vezes, para os Espíritos darem provas de que constituem individualidades próprias, que pensam, agem por si, e são tão livres como nós, elevam no espaço e deslocam, de um para outro lado, objetos de vários tamanhos e até mesmo pessoas.

Laboram em grande erro aqueles que, sem se darem ao trabalho de ver, afirmam a impossibilidade do fenômeno, por ser contrário à lei de gravidade.

Nunca tiveram os Espíritos a menor ideia de fazer do Espiritismo uma obra sobrenatural. Todos os fenômenos espíritas são regidos por leis naturais que lhes são peculiares. Um corpo, elevado no espaço, é sustentado por uma potência que equilibra ou neutraliza a força de gravidade, porém, como é mais fácil negar que

⁵ **(5)** Ver o livro "Bases Científicas do Espiritismo", de Epes Sargent, edição da FEB.

analisar e deduzir, as objeções se vão acumulando com toda a sua penúria de argumentos destruidores. A prova disto é que os Espíritos, como um desafio aos obstinados cegos que não querem ver, continuam a produzir os mais surpreendentes fenômenos. Vejamos: «A 27 de maio de 1886, em Paris, o Dr. Paul Gibier, preparador do Museu de História Natural, observou, em presença do médium Slade, o caso da levitação de uma mesa que se ergue, vira-se e vai tocar com os quatro pés o forro da sala, em menos tempo que o necessário para o relatar»⁶. Ainda «No Invisível», à mesma página, encontramos o seguinte: «Vimos Home, diz ele (Lorde Lindsay), flutuando no ar, fora da janela, à distância de seis polegadas. Depois de ter ficado nessa posição durante alguns segundos, levantou a outra janela, deslizou para dentro do quarto, com os pés para a frente, e voltou a sentar-se. As janelas ficam a setenta pés acima do solo, separadas entre si de sete pés e seis polegadas.»

d) — Materializações.

Se as várias maneiras de um Espírito manifestar-se podem dar lugar a objeções, as materializações devem constituir mais positiva prova da vida de além-túmulo. No curso dessas sessões, o Espírito, haurindo fluidos do médium e dos próprios assistentes, consegue elementos com os quais, por poderosa força de vontade, forma um corpo com todas as aparências de um encarnado. Fala, canta, anda, apalpa, deixa-se apalpar, contar as pulsações," pesar, submete-se enfim a provas capazes de satisfazer os mais exigentes investigadores.

Moldagens em parafina e fotografias inúmeras foram obtidas em vários países, por sábios experimentadores e experimentados sábios. Nessas sessões, têm-se observado fenômenos que surpreendem : «No decorrer de uma delas, sob a direção do Dr. Paul Gibier, o médium, que havia sido encerrado numa jaula de ferro, em estado de transe, foi encontrado inexplicavelmente do lado de fora.» «A Sra. D'Espérance, em uma sessão controlada por A. Aksakof, teve a parte inferior do corpo completamente desmaterializada.» «O Coronel Olcott, penetrando no gabinete mediúnico onde havia deixado a Sra. Compton, amarrada de tal forma que até pelos lobos furados das orelhas lhe haviam passado fios, notou com espanto que a médium havia desaparecido.»

Os fenômenos, que acabamos de citar, poderão ser lidos, com abundância de detalhes, nas obras de Léon Denis, A. Aksakof, Gabriel Delanne, Paul Gibier, Bozzano e muitos outros.

Em nosso País, também se fez sentir a misericórdia divina, favorecendo-nos com dois médiuns notáveis, de materializações: a Sra. Ana Prado, em Belém do Pará, e Carlos Mirabeli, em S. Paulo. Graças às faculdades desses médiuns, numerosos e interessantes fenômenos produziram-se, nada deixando a desejar, quer em

⁶ (6) Léon Déni» — “No Invisível” , cap. XVII.

nitidez, quer em controle científico. Dos fenômenos produzidos no Pará, devidos à mediunidade da Sra. Ana Prado, encontramos documentada e completa exposição no livro «O Trabalho dos Mortos», de autoria do Dr. Nogueira de Faria; e dos verificados em S. Paulo, com o médium C. Mirabeli, ocupou-se o confrade Dr. Miguel Karl, em sua obra — «Mensagem do Além».

SESSÕES INTELECTUAIS

a) — Doutrinárias.

As sessões doutrinárias, cuja finalidade é ministrar a instrução do Espiritismo a todos os crentes, servem ao mesmo tempo de meio de propaganda, por serem franqueadas ao público. Resumem-se no seguinte: Após a leitura de um trecho do «Evangelho», ou de qualquer obra espírita, de preferência dos livros fundamentais de Allan Kardec, poderá ser facultado a qualquer pessoa usar da palavra a fim de explicar o tema lido.

Essa liberdade, não raro, poderá trazer inconvenientes, porém, onde estiver o homem, sempre encontraremos o bem e o mal, a verdade e o erro, a confundirem-se — consequência lógica da sua imperfeição. A fim de evitar alguma coisa de desagradável, ou que se não enquadre nos ensinamentos da Doutrina Espírita, o presidente será o último a usar da palavra, para retificar com habilidade fraterna tudo quanto não for julgado bom. Os benéficos resultados dessas sessões não se limitam à difusão dos ensinamentos e à propaganda da Nova Revelação, mas, não poucas vezes, no amparo aos desesperados e sofredores que, guiados pelos seus anjos de guarda, penetram o recinto das sociedades espíritas, sem saber como. Ouvindo dos pregadores palavras fluentes e cheias de fé, ricas de promessas da proteção divina aos pacientes e resignados, sentem-se reanimar para a luta e afastam de si a ameaça de atos de desvario. Conhecemos de perto o caso de um homem a quem as palavras ardorosas de um pregador fizeram abaixar a mão que empunhava um revólver com o qual pretendia suicidar-se.

b) — Práticas ou comuns.

As chamadas sessões práticas realizam-se em tão elevado número, em nosso País, que, se hoje quiséssemos fazer um recenseamento, essa tarefa não só assumiria proporção de gigantesca dificuldade, como também apresentaria as maiores surpresas, pois, se podemos mencionar as Federações, Uniões, Centros e Grupos onde se realizam sessões, quem poderia penetrar em todos os lares onde núcleos familiares e fraternos também se dedicam ao Espiritismo? Nestes meios limitados, harmônicos e fraternos, as sessões mais facilmente satisfazem aos encarnados e aos desencarnados.

Para a realização das sessões, comumente chamadas práticas, reúnem-se médiuns videntes, auditivos, psicográficos, de incorporação e outros, favorecendo essa diversidade de dons a produção de fenômenos de várias categorias. Assim é

que, enquanto um médium psicógrafo escreve uma mensagem, o vidente vê o comunicante, o sensitivo recebe as suas vibrações, e o intuitivo percebe as suas intenções.

A preocupação sistemática de quase todos os espíritas se dedicarem às sessões práticas, tem a sua justa razão de ser, porque é por elas que estabelecemos o contacto direto com os nossos irmãos do Além.

Todos aqueles que já foram beneficiados pelos frutos de prolongado tirocínio de experimentação, têm o dever de trabalhar para aumentar o número de grupos bem organizados, pois deste modo preparamos o terreno para melhores e mais fartas colheitas no futuro.

No decurso das sessões práticas, muito aproveitamos quando abatemos o orgulho e tomamos, como para nós mesmos, as fraternas advertências dos Espíritos-guias, em vez de julgá-las dirigidas tão-somente aos nossos irmãos.

Nada mais tocante que ouvir os lamentos dos arrependidos, as lamúrias de um suicida, observar o remorso de um assassino, ver a humilhação do orgulhoso, o insulamento do egoísta, testemunhar, enfim, a passagem dos sofredores, dirigindo-nos apelos de desespero, quais náufragos nas angústias da asfixia.

Feliz do homem que na desgraça alheia colhe ensinamentos para bússola de sua rota pelo Infinito.

c) — de Curas.

Em nosso País, que tantas lições já tem dado à velha Europa, a Nova Revelação encontrou terreno fértil. Comparando o desenvolvimento do Espiritismo nos diversos países, logo se evidencia uma coisa: o carácter puramente religioso que ele tomou entre nós. Dizendo religioso, expressamos tudo, porque Religião, em sua acepção lata, é Ciência e também Amor.

Numerosos são, em nosso País, os espíritas que reservam as horas de repouso à prática do amor pelos seus irmãos sofredores, dedicando-se à tarefa abençoada da mediunidade curadora. Vemos, por toda a parte, médiuns de passes e receitistas a espalharem em torno de si a misericórdia divina, através de suas faculdades. Se porventura aparece entre eles um profanador a mercantilizar o que de graça recebeu, vemos por outro lado, confortadamente, avultar o número dos que, numa abnegação admirável, não medem sacrifícios, não se amedrontam e afrontam as perseguições que, muitas vezes, têm tido epílogo nos tribunais.

Os médiuns de passes e receitas habitualmente se desempenham de sua missão, isolados ou em companhia de outro confrade, não podendo por isso chamarem-se sessões a esses trabalhos; porém, como a prática espírita oferece sempre os mais belos resultados, estudaremos o melhor meio de trabalhar, quer para libertar os obsidiados do ódio dos seus perseguidores, quer para evitar fracassos aos experimentadores.

Capítulo III ESCOLHA DO LOCAL PARA REALIZAÇÃO DE SESSÕES. — ELEMENTOS COMPONENTES. — PRESIDENTE. — MÉDIUNS. — ASSISTENTES

Em todos os lugares assinalados pela passagem das civilizações antigas, encontramos vestígios dos templos sagrados, atestados flagrantes da religiosidade humana.

Esses monumentos, cuja edificação obedecia a determinações ritualísticas, expressavam, na majestade de sua arquitetura, a preocupação do belo e a elevação dos sentimentos humanos para com as potências superiores.

Neles não se penetrava sem que se fosse tomado do maior respeito e veneração, e ninguém ousava profanar-lhes o ambiente. Em certas dependências, só os iniciados tinham livre acesso.

Hoje que o materialismo levou a todas as camadas sociais a consequência deletéria de seus ensinamentos, não vemos mais no recinto dessas casas de oração reinar o silêncio e a pureza de sentimentos, condições essenciais para os arrebatamentos da alma para o Alto.

Foi naturalmente por isso que Jesus, o demolidor dos preconceitos e do culto religioso sob a forma de atos exteriores e materiais, na sua visão profética, disse à samaritana: «Mulher, crede-me que a hora vem, em que nem neste monte, nem em Jerusalém, adorareis o Pai.» Depois de assim falar à filha de Samaria, ao ensinar aos apóstolos a maneira de orar, sentenciou: «Quando quiserdes orar, entrai para o vosso quarto, fechai a porta e, em segredo, elevai a vossa prece ao Pai.» É que, para todos nós, não há lugar onde nos sintamos mais à vontade que no quarto onde repousamos o corpo, após a labuta de cada dia. É nesse lugar sagrado que construímos os nossos castelos, formulamos as nossas íntimas e venturosas aspirações, ou damos expansão às nossas mágoas, deixando por vezes correr as lágrimas que se retiveram lá fora.

Meditando profundamente no que acabamos de expor, julgamos que a escolha do local das sessões deve ser a primeira preocupação daqueles que desejam organizar grupos de experimentação.

Devemos imitar os antigos, que procuravam os lugares solitários. Era no

insulamento dos montes ou no deserto, longe do tumulto das multidões, que os profetas entravam em contacto com Deus, por intermédio dos Espíritos superiores. A História Sagrada aponta-nos Moisés no monte Sinai recebendo as tábuas da Lei; Elias, no monte Horeb, buscando instruções; Jesus, afastando-se para o deserto e transfigurando-se no Tabor. E ainda foi num monte, o das Oliveiras, que ele foi orar, antes de se oferecer em holocausto pela Humanidade. Quem analisa o mundo invisível, sabe que as cidades, os lugarejos, as casas e as cavernas têm a sua aura, como nós temos a nossa. Quem não tem experimentado sensações de bem, ou mal-estar, neste ou naquele lugar? Porventura uma casa que tenha sido teatro de dolorosas tragédias poderá ser indicada para sede de reuniões de grupos em período de formação? Deixamos ao leitor a liberdade da resposta.

Para as sessões não carecemos de templos, porém, uma casa qualquer não é aconselhável. Deve-se escolher bem, e a preferência deverá recair em local onde se esteja ao inteiro abrigo de qualquer perturbação. O ideal será uma sala ampla, arejada, numa casa isolada, situada em rua pouco transitada, especialmente por veículos, a fim de que os ruídos exteriores não venham, de quando em vez, despertar nossa atenção para coisas alheias à tarefa em que nos empenhamos. Esta particularidade, desprezada pela maior parte dos experimentadores, é uma das causas de fracasso, até mesmo de grupos formados sob os melhores auspícios.

Uma vez escolhido o local para as sessões, será de grande alcance seja ele utilizado exclusivamente para esse fim, pois, deste modo, evitaremos a profanação do ambiente por conversas inconvenientes, galhofas, discussões, fumo, jogo e tantas outras coisas, próprias das nossas imperfeições, e que por isso mesmo constituem alvo convergente de Espíritos inferiores.

Assim como os médiuns são preparados pelas entidades invisíveis para o desempenho de sua missão, nada mais natural que o ambiente mereça a atenção especial dos Espíritos, e a nossa também.

Todavia, se de todo for impossível uma escolha como prescrevemos, deveremos empregar o máximo esforço para conservar o ambiente livre de tudo o que possa servir de atrativo aos Espíritos impuros.

Uma vez assentada a escolha do local, apresenta-se, como condição imprescindível, que os componentes do grupo estabeleçam entre si um pacto formal de assiduidade, perseverança, paciência, discrição, e que logo sejam determinados os dias e as horas das reuniões.

O mundo invisível é em tudo semelhante ao nosso. Lá, como aqui, bons e maus se confundem, e, se na luta pela vida, as necessidades nos obrigam ao regulamento das horas, do outro lado, a duração de cada missão espiritual impõe deveres àqueles a que impropriamente chamamos mortos. Deste modo, se as nossas ocupações não nos permitem reuniões a qualquer momento, o mesmo deveremos pensar dos Espíritos, que, além de terem missões a desempenhar, não estão

sujeitos à nossa vontade, sendo tão livres como nós. Aqueles que se dispuserem a fazer sessões a qualquer instante, sem ordem, sem método, arriscam-se a servir de instrumento aos Espíritos levianos, zombeteiros e ociosos, pois somente estes estão prontos a nos responder a qualquer momento.

Quando duas ou mais pessoas resolverem organizar um grupo de experimentação, devem escolher para companheiros aqueles que, além de se imporem por sua moral e conhecimentos, lhes sejam simpáticos. Para início, o grupo deverá formar-se de seis a doze pessoas, de qualquer sexo, observando-se a condição de serem todas ligadas pelos laços de estreita amizade ou, ao menos, pela afinidade de sentimentos. Estas condições, exageradas à primeira vista, foram impostas pelo tirocínio da experiência e ditadas pelo simples bom-senso. Convidemos levianos, viciados, devassos, para as primeiras sessões dum grupo em organização, e vejamos se não teremos tristes resultados a registrar. O Espiritismo não fecha as portas a essas pessoas e nem iríamos recomendar uma coisa que fosse de encontro aos seus ensinamentos. Elas são doentes da alma e o Espiritismo é o seu verdadeiro médico. O Espiritismo — doutrina consoladora por excelência — é como o Sol que aquece com os seus raios todos os entes do Globo, qualquer que seja a sua condição. Abramos as nossas portas a esses necessitados, para que assistam às nossas sessões, quando a nossa fé, confiança nos guias espirituais, faculdades mediúnicas em franco desenvolvimento e perfeita harmonia do conjunto constituírem fatores capazes de iluminar-lhes a alma com a luz da redenção. Em caso contrário, corremos o risco de ficar debaixo da influência dos Espíritos inferiores que os acompanham, sofrendo assim a consequência amarga da nossa incúria. Num grupo em formação, qualquer elemento que quebre a harmonia do conjunto será fator preponderante para que fracassem todas as tentativas.

A preocupação de todo experimentador é a falta de médiuns. Por esta razão, é hábito buscarmos alguns, já desenvolvidos, para dar maior impulso aos trabalhos. Entretanto, por vezes, isso representa um mal, porque pode esse intermediário dos invisíveis ser mal orientado, mal assistido, não só por castigo de sua vaidade, como também pelo seu defeituoso desenvolvimento. Todos nós, dizem os Espíritos e a experiência tem demonstrado, somos mais ou menos médiuns, e, assim, é pouco provável que, dentre os componentes do grupo, um terço não tenha faculdades a desenvolver. De início, contemos com nós mesmos.

Observando-se todos os preceitos que vimos de expor, notaremos que a confiança recíproca cedo se estabelece entre todos, encarnados e desencarnados, e logo a harmonia se constitui em alicerce do grupo. Alcançado isto, os bons frutos começarão a surgir.

Em toda sessão há sempre dois elementos imprescindíveis, e um eventual. Os dois primeiros são: o presidente e os médiuns, e o terceiro é a assistência. Uma advertência, que se torna obrigatória, é não admitir assistência, por menor que seja, nas sessões dos grupos que iniciam a sua existência. Mais adiante

justificaremos essa recomendação .

Convencionados dia, hora e número dos componentes, um sério problema se apresenta — a escolha do dirigente dos trabalhos.

A escolha do dirigente dos trabalhos deve recair naquele que reunir três condições essenciais: elevação moral, preparo intelectual, conhecimento da Doutrina.

A elevação moral é atributo indispensável ao presidente; sem ela, impossível lhe será impor-se aos Espíritos, pois que estes, lendo-lhe os pensamentos impuros, não lhe reconhecerão qualquer ascendente.

«Demais, o ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos está na razão da sua superioridade moral. Não exercerá ascendência sobre os Espíritos superiores, nem mesmo sobre aqueles que, sem serem superiores, são bons e benévolos; mas terá ascendente sobre os Espíritos que lhe são inferiores em moralidade.»⁷

— Só se exerce ascendência sobre os Espíritos inferiores pela superioridade moral. Os Espíritos perversos consideram os homens de bem como seus superiores; diante daquele que só lhe opõe a energia da vontade, espécie de força bruta, lutam e às vezes são os mais fortes. A alguém que pretendeu assim domar um Espírito rebelde por sua vontade, disse este: — Deixa-me sossegado, que com os teus modos de mata-mouros és tão bom como eu, és como o ladrão que quer moralizar outro ladrão.»⁸

O preparo intelectual que preconizamos não é a cultura profunda, não é a vastidão de saber, aureolado por um diploma, porém, um conhecimento prático dos homens, uma inteligência desenvolvida na análise das coisas, uma forte dose de bom-senso. É necessário que o presidente saiba alguma coisa mais que ler e escrever, pois, de outra forma, ver-se-á embaraçado ante um Espírito de cultura superior à sua, sofredor e descrente, ou então facilmente aceitará utopias como verdades. Chamará, sem querer, o descrédito e o ridículo sobre o grupo, porque não saberá separar o joio do trigo.

Imaginemos a situação embaraçosa de um presidente inculto, dialogando com um Espírito culto, que procura ridicularizá-lo arditamente, fazendo-o aceitar, como verdades, os maiores absurdos.

O conhecimento da doutrina não pode ser dispensado, como alegam alguns confrades, sob o pretexto de ser suprido pela fé ou pela mediunidade intuitiva. O Espiritismo combate a fé cega, e qualquer médium está sujeito a ser mistificado.

O Espiritismo, como doutrina moral, assemelha-se a uma fonte de água cristalina, que sacia todos os sedentos.

O Espiritismo, como ciência, assemelha-se a um laboratório de Química, no qual

⁷ (7) Allan Kardec — "O Livro dos Médiuns". 2ª Parte, cap. XXII.

⁸ (8) Allan Kardec — "O Livro dos Médiuns", 2ª Parte, cap. XXV.

só os conhecedores dessa ciência penetram, sem correr perigos. Claro está, pois, que, enquanto a parte moral

está ao alcance de todos, a parte científica requer, para sua posse, determinados predicados, sabedoria e bom-senso.

Durante uma sessão, fenômenos de várias espécies se podem produzir, Espíritos de diversas categorias se podem comunicar. Como, pois, distinguir e classificar os fenômenos, identificar os Espíritos, se falta ao presidente o necessário conhecimento da Doutrina?

Não sejamos afoitos na escolha do presidente, **1** lembremo-nos sempre — mais uma vez repeti-mos — de que é imprescindível possuir ele uma boa Imoral, um pouco' de cultura e conhecimento da ' Doutrina Espírita.

É sempre bom pedir esclarecimentos aos Espíritos, porém, quaisquer que sejam os conselhos dados, deveremos analisá-los convenientemente e só aceitar aquilo que a razão aprovar.

De princípio, a assistência dos Espíritos protetores não é constituída pelos mais elevados, estes vêm depois, quando já estão certos dos nossos bons propósitos.

Léon Denis, um dos mais devotados apóstolos da Nova Revelação, escreveu o seguinte:

O estudo do mundo invisível exige muita prudência e perseverança. Somente ao fim de muitos anos de reflexão e observação se adquire o conhecimento da vida, se aprende a julgar os homens, a discernir-lhes o caráter, a evitar os embustes de que está semeado o mundo. Mais difícil ainda de obter é o conhecimento da Humanidade invisível, que nos cerca e paira acima de nós. **O** Espírito desencarnado acha-se, além da morte, tal como ele próprio se fez durante a sua passagem por este mundo. Nem melhor, nem pior. Para domar uma paixão, corrigir um defeito, atenuar um vício, é algumas vezes necessário mais de uma existência. Daí resulta que, na multidão dos Espíritos, os caracteres sérios e refletidos estão, como na Terra, em minoria; e os Espíritos levianos, amantes das coisas pueris e vãs, formam numerosas legiões.

O mundo invisível é, pois, em mais vasta escala, reprodução do mundo terrestre. Lá, como aqui, a verdade e a ciência não são de todos. A superioridade intelectual e moral só se obtém por um trabalho lento e contínuo, pela acumulação de progressos realizados no decurso de longa série de séculos.»⁹

«Há perigos para quem se entrega, sem reservas, à experimentação espírita. O homem de coração reto, de razão esclarecida e madura, poderá colher dela consolações inefáveis e preciosos ensinamentos. Mas aquele que só fosse inspirado pelo interesse material, ou que só visse nesse fato um divertimento frívolo, tomar-se-ia fatalmente objeto de uma infinidade de mistificações, joguete de

9(9) Léon Denis — "Depois da Morte", cap. XXVI.

Espíritos perversos que, lisonjeando-lhe as inclinações, seduzindo-o por brilhantes promessas, captar-lhe-iam a confiança para, depois, acabrunhá-lo com decepções e zombarias.»¹⁰

Como vimos, Léon Denis expôs, de maneira bastante clara e precisa, os extremos cuidados de que se devem cercar os experimentadores. A nosso ver, aquele que não tiver lido, pelo menos todas! as obras de Allan Kardec, não estará apto para dirigir sessões. Quem não estuda e nem conhece bem o Espiritismo, como poderá discernir os fenômenos de animismo, sonambulismo e sugestões que se produzem no decurso de uma sessão? Como conhecer as fraudes conscientes e inconscientes dos médiuns, as mistificações dos Espíritos?

Bem sabemos que, se exigirmos demasiadamente, pouca gente encontraremos capaz de dirigir sessões espíritas. Assim, não nos coloquemos nos extremos. Num lugar de gente humilde, onde só se encontrarem pessoas de poucas letras, deverão ficar os adeptos privados das agradáveis relações com os Espíritos? Não, nem o Espiritismo exige isso. Tudo é relativo. Se nos meios humildes são poucos os que possuem conhecimentos, pode avultar o número dos leais e sinceros e, dentre estes, alguém há de reunir as condições necessárias para o espinhoso encargo de presidente. Se esse alguém for estudioso, em breve sua inteligência se encherá de luzes que nunca julgou possuísse um dia. A sua palavra tornar-se-á mais fácil, as suas frases terão mais elegância, e os elementos de todas as ciências não lhe serão estranhos.

Certa vez, ouvimos o seguinte diálogo entre dois condutores de bonde. Um deles, admirado do modo de falar do antigo companheiro, indagou:

- Onde foste buscar tanto conhecimento e tanta expressão bonita?
- Meu amigo — respondeu-lhe o outro —, toma-te espírita e estuda.

Depois de vermos quanto é necessário o máximo de escrúpulo na escolha de uma pessoa para dirigir sessões espíritas, passemos a analisar os médiuns, que constituem o outro elemento componente dos Grupos.

Disse Allan Kardec, mui judiciosamente, que todos somos mais ou menos médiuns. Efetivamente, é difícil encontrar alguém que não tenha tido uma manifestação espírita sob qualquer de suas variadíssimas formas, um sonho, uma visão, um pressentimento, um aviso de morte de pessoa cara. Entretanto, vulgarmente, o nome de médium é dado à pessoa que serve, de maneira ostensiva, de instrumento aos Espíritos para suas manifestações, senão permanentes, pelo menos frequentes.

Havendo na Terra, entre os homens, uma gradação numerosíssima, tanto na constituição física, quanto na elevação moral ou no desenvolvimento intelectual, e o mesmo se verificando entre os Espíritos, claro está que, por uma lei natural das coisas, as manifestações dos nossos irmãos do Além podem revestir-se das mais

¹⁰ (10) Léon Denis — "Depois da Morte", cap. XXVI.

variadas modalidades. Uma vez que assim acontece, conforme o modo de um Espírito manifestar a sua presença, foram classificados os médiuns em: auditivo, aquele que ouve; escrevente ou psicógrafo, aquele que escreve; vidente, o que vê e, assim, por diante.

Até hoje, nenhum sinal particular existe para denunciar a faculdade mediúnica de que uma pessoa é dotada; somente a experimentação evidencia esse dom de Deus. Uma coisa, porém, que temos observado na prática, é o seguinte: quanto maior for o grau de mediunidade capaz de favorecer os melhores fenômenos, seja de ordem física ou moral, mais, infelizmente, o depositário desse bem do Céu se nos apresenta como pessoa de temperamento todo especial, cheio de suscetibilidades, de arroubos, desconfiança e vibrátil em excesso. A razão disso reside, parte na influência dos Espíritos que desejam desviá-lo do cumprimento de sua nobre missão, e parte do seu próprio Espírito, que ainda conduz pesada bagagem de imperfeição. Todavia, em Espiritismo, nada se pode falar ou escrever, senão de modo geral, e assim, se esses dois fatores não existirem, outros existem e devem ser procurados .

Atualmente poderemos dizer que bastante elevado é o número de médiuns. Do norte ao sul do País, como além de suas fronteiras, em qualquer direção dos quatro pontos cardeais, encontramos médiuns no desempenho de sua sagrada missão. Pesa-nos, porém, dizer, acompanhando o coro de todos os propagandistas da Nova Revelação, que o contingente de médiuns bons — é extremamente pequeno. Um dos problemas mais difíceis de resolver, na seara espírita, é encontrar bons médiuns. Frequentemente, passada a fase de entusiasmo peculiar a todo neófito, o médium abandona a missão, se não obtém logo os fenômenos que desejava, por lhes não permitir a sua faculdade, ou deixar-se apossar de orgulho e de vaidade, sem suspeitar que são essas as principais causas das obsessões.

Há médiuns que muito se ufanam de possuir todas as faculdades; dizem-se videntes, auditivos, escreventes, de incorporação, etc.

É muitíssimo raro encontrarmos uma pessoa dotada de tão elevado número de mediunidades. O que comumente se verifica é o seguinte: certas pessoas, no começo do desenvolvimento de suas faculdades, experimentam sensações de várias espécies, pois o enorme desprendimento de fluidos e as categorias várias dos Espíritos que delas se aproximam, contribuem para que, ao mesmo tempo, se produzam fenômenos de diversas modalidades.

Com o desenvolvimento natural e bem orientado, as numerosas manifestações se vão restringindo, até se fixarem em duas ou em uma só faculdade, e desse modo se evidencia qual a verdadeira mediunidade em que se deve especializar. Desta forma, o médium tomar-se-á só vidente, só psicógrafo, etc.

Já nos primeiros tempos do Cristianismo, essa estulta pretensão de possuir todos os dons fez que Paulo, em sua Epístola aos Coríntios, assim se expressasse :

«Porventura são todos apóstolos? São todos profetas? São todos doutores?»

São todos operadores de prodígios? Têm todos o dom de curar? Falam todos diversas línguas? Interpretam todos? Portanto, procurai com zelo os melhores dons e eu vos mostrarei um caminho mais excelente.» (Capítulo 12:29/31.)

«Quando existe o princípio, o gérmen de qualquer faculdade, ela sempre se manifesta por sinais inequívocos. Limitando-se à sua especialidade, o médium pode primar e obter grandes e belas coisas; ocupando-se de tudo, nada alcançará de bom. Observai de passagem que o desejo de estender indefinidamente o círculo de suas faculdades é um» pretensão orgulhosa, que os Espíritos nunca deixam impune; os bons abandonam sempre o presunçoso, que se torna, por isso, em juguete dos Espíritos mentirosos. Não é infelizmente raro verem-se médiuns que se não contentam com os dons recebidos, aspirarem, por amor-próprio ou ambição, à posse de faculdades excepcionais que lhes deem evidência. Esta pretensão tira-lhes a faculdade mais preciosa — a de médiuns seguros.»¹¹

O escrúpulo do Espírito que deu esta manifestação vai ao ponto de não dizer bons médiuns e, sim, médiuns seguros. A expressão bom médium pode ser tomada em dois sentidos; primeiro: ter elevadas qualidades morais, compreensão exata no mandato que lhe foi confiado, produzindo, entretanto, o médium fenômenos de pouca importância; segundo, o médium contribui para a produção de excelentes fenômenos, mas possui defeitos e moral que não o recomendam. Assim, médiuns que sejam bons, considerados em todos os sentidos, são pouco numerosos.

Por vezes, o médium não se sente contente com a sua mediunidade: se é vidente, deseja ser psicógrafo; se auditivo, quer ser de incorporação; porém, os que assim pensam, não medem as consequências do seu descontentamento. Como poderia um médium trocar um dom mediúnico por outro, quando ele não é nesse ponto senhor da sua vontade? Por outro lado, possuem mediunidade somente pessoas que desejam possuí-la? Não temos visto os mais ardorosos combatentes do Espiritismo serem coagidos a adotarem-no, devido ao inesperado e indesejado aparecimento da faculdade mediúnica?

Cada um deve contentar-se com o seu dom e agradecer a Deus essa dádiva celeste, que muito pode contribuir para a sua elevação e benefício de seus irmãos, se bem aproveitado.

Todo médium cômico de sua missão, como sacerdote da Nova Revelação, deve ter uma grande preocupação: o seu aperfeiçoamento moral.

O Espírito das trevas, representado por essa legião de almas imperfeitas, endurecidas no erro, está sempre pronto para direta ou indiretamente exercer a sua perniciosa influência sobre os médiuns, visando especialmente os que melhores faculdades possuem. Orar e vigiar deve ser constante preocupação deles. Nunca trabalhar isolado, especialmente no início do desenvolvimento, abandonar o mais possível os vícios, mesmo os que parecem mais inocentes e sem

¹¹ (11) Allan Kardec — "O Livro dos Médiuns*", 2ª Parte, cap. XVI.

importância, até o próprio fumo, e ser sóbrio e temperante. Envidar, enfim, os maiores esforços para evitar a aproximação de entidades mal-intencionadas, eis o dever de todo médium que deseja bem servir à Causa.

Cada pensamento mau repercute no Espaço, atraindo os maus Espíritos.

Allan Kardec, na amorosa preocupação de legar aos seus pósteros uma orientação uniforme e bem compreendida por todos, com o auxílio permanente dos Espíritos expôs em «O Livro dos Médiuns» um quadro de classificação dos médiuns.

Nessa obra, verá o leitor que todos os fenômenos, que ora se produzem, foram nela estudados, ainda que resumidamente. Assim, mais uma vez, convidamos o leitor a estudar as obras fundamentais de Allan Kardec, pois nelas encontraremos tudo quanto desejamos para conhecer e praticar o Espiritismo.

Vejamos, agora, para terminar este capítulo, o elemento eventual duma sessão — a assistência.

Não aconselhamos numerosa assistência¹² em trabalhos práticos, ainda mesmo que sejam todos crentes, pois, de modo geral, isso prejudica os trabalhos; pelo fato de não tomarem parte na mesa, julgam-se desobrigados da prece e da concentração. Durante a sessão, seus olhares curiosos vagam em todos os sentidos, e alguns passam todo o tempo a cochichar com as pessoas que lhes ficam próximas. Trocam impressões, arrastam cadeiras, escarram, fumam, sem levar em conta que não só estão ferindo os preceitos da Doutrina, mas também os da boa educação.

Ao nosso ver, os incrédulos e curiosos não deveriam ter ingresso nos Grupos para assistir a sessões, senão em casos excepcionais, em número limitado, e com a permissão dos guias espirituais. Quase sempre, essas pessoas saem do recinto mais descrentes do que antes de nele penetrarem. Ainda que testemunhem os fenômenos mais atraentes, as provas mais convincentes, passada a primeira impressão admirativa, quando refletem sobre o que observaram, explicam os fatos a seu modo, afastando a causa espírita, ou, ainda pior, julgam-se vítimas dum logro — o presidente e os médiuns encenam uma farsa para as convencer. Pobres insensatos! Cheios de vaidade, julgam que a sublime doutrina do Espiritismo muito ganha com a conversão deles, e, por isso, seus adeptos até ao embuste recorrem para atraí-los. A verdade nunca recorreu à mentira. Quem desconhece um fenômeno não lhe pode analisar a causa. Entre os curiosos distinguimos duas categorias — a dos que desejam sinceramente aprender e a dos ignorantes e presunçosos.

Ao ser dada permissão a algumas pessoas para assistirem a sessões espíritas, cumpre o dever de verificar que o número de curiosos da segunda categoria não prevaleça sobre os da primeira, a fim de evitar possíveis desgostos. À primeira

¹² (12) Ver nº 332 de "O Livro dos Médiuns".

vista, parece difícil distingui-los, porém, eles se denunciam pela linguagem, gestos e semblantes.

Há pessoas endurecidas que, mesmo diante dos mais surpreendentes fenômenos, não acreditam, e exigem mais. Alfonso Bué, em seu livro «Magnetismo Curativo», narrando a cura de um doente por meio do magnetismo, cita as seguintes frases do médico do Batalhão ao qual pertencia o enfermo:

— «Como podeis pensar em curar com o vosso magnetismo uma afecção tão terrível como a cárie óssea, principalmente uma cárie do rochedo? É um mal implacável, que não perdoa! Roberto será, tarde ou cedo, fulminado por uma meningite; nenhum poder humano conseguirá tirá-lo daí. Ainda que o apresentásseis curado, eu vos diria que não era exato.»¹³

Quando, na presença de incrédulos, nenhum fenômeno ocorra, eles alardeiam então que o Espiritismo é obra de embuste, pois diante deles nada aconteceu. Essas pessoas estão longe de imaginar o ridículo de que se cercam com a sua presunção, porquanto, se meditassem, atribuiriam o insucesso a duas causas que o geram: primeiro, à insinceridade e ao desinteresse dos experimentadores; segundo, à independência das entidades do Além, que não são escravas dos habitantes da Terra. Os Espíritos, tão livres quanto nós, sentem por sua vez repulsa pelos pretensiosos e inconscientes, e negam-se a aparecer-lhes como escolares perante as bancas examinadoras. Se fossem invertidos os papéis, gostariam os pretensos sábios que os seus conhecimentos fossem postos à prova?

Conhecemos um caso típico, que vamos relatar: Em Belém do Pará, num grupo familiar, importante fenômeno se vinha produzindo. Uma noite, sem que isso despertasse atenção, pois cada semana era permitida a admissão de determinado número de curiosos — fracasso completo! O presidente, admirado, sem saber a que atribuir o insucesso, quando todas as probabilidades lhe pareciam favoráveis, habilmente soube fazer que o médium e algumas pessoas que lhe eram caras permanecessem até à retirada dos outros assistentes. Reuniu-os novamente em sessão e maravilharam-se com fenômenos admiráveis. O Espírito arguido sobre a causa da falta de fenômenos, horas antes, respondeu não lhe agradar em absoluto manifestar-se perante pessoas antipáticas, cheias de pensamentos impuros e hostis.

Aos assistentes também se impõe disciplina de pensamentos e conduta. A compostura e o silêncio devem ser exigidos de todos. Nas reuniões de qualquer natureza, todos os que nelas comparecem procuram manter-se com a devida educação, evitando tudo quanto os possa denunciar como insolentes ou pacóvios; por que, pois, tomar atitude diversa numa sessão espírita, quando o simples fato de pretender entrar em comunicação com as almas dos nossos mortos queridos deveria obrigar todos à mais respeitosa das atitudes?

¹³ (13) Os grifos suo nossos.

Todos os assistentes têm obrigação de acompanhar as preces, concentrações, e guardar o devido silêncio. Não devem interpelar os Espíritos, a não ser com permissão do presidente, e, uma vez iniciados os trabalhos, não devem levantar-se nem mudar de lugares.

Algumas vezes, assistimos a manifestações tocantes, de Espíritos sofredores, conhecidos nossos, que confessam, como causa de seus tormentos, faltas que eram desconhecidas enquanto aqui se encontravam. Nestes casos e em muitos outros, é natural que todos, por um dever de caridade, sejam discretos. Comentar fora das sessões as faltas dos nossos irmãos desencarnados, sem um objetivo elevado, desgosta-os e damos de nós bem triste atestado.

Capítulo IV SESSÕES PRATICAS. — MÉTODOS DE TRABALHO. — LEITURA. — CONCENTRAÇÃO. — PRECES. — COMUNICAÇÕES. — DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO

Pessoas impedidas de assistir a sessões

«Nenhum grupo, sem ser submetido a certa disciplina, pode funcionar. Esta se impõe não somente aos experimentadores como também aos Espíritos. O diretor do grupo deve ser um homem de dupla enfiatura, assistido por um Espírito-guia, que estabelecerá a ordem no meio oculto, como ele próprio a manterá no meio terrestre e humano. Essas duas direções devem mutuamente compietar-se, inspirar-se num pensamento igualmente elevado, unir-se na execução de um objetivo comum.»¹⁴

Abrimos este capítulo com a citação das palavras de Léon Denis, que é para nós, depois de Allan Kardec, aquele que melhor soube compreender e propagar as belas instruções dos Espíritos. Nas suas obras, não sabemos o que admirar mais, se a beleza da expressão ou a profundidade dos ensinamentos. Moldado nos seus conselhos e

¹⁴ (14) Léon Denis — "No Invisível", cap. X.

nas sábias advertências de Allan Kardec, é que será escrito este capítulo, como têm sido todos os outros.

Tudo no Universo está submetido a leis, desde os majestosos e gigantescos astros que gravitam no espaço, até os seres microscópicos que nos rodeiam. Delas ninguém se pode eximir. Assim, se quisermos obter nos grupos resultados produtivos, imponhamo-nos a nós mesmos uma lei, uma disciplina, que nos coloque em condições de servir aos Espíritos como os melhores instrumentos servem aos bons artistas. Essa disciplina tanto é de ordem moral como material, e a todos se impõe.

Para comparecer a uma sessão espírita devemos preparar-nos, como previamente nos preparamos para qualquer reunião profana. O preparo dos que vão assistir a ela, pela primeira vez, deve começar com muitos dias de antecedência, pela leitura de obras instrutivas que lhes dêem noções elementares daquilo que vão testemunhar. Jamais aconselhamos a alguém frequentar sessões para adquirir crença ou conhecimento do Espiritismo. Antes, sempre julgamos a leitura e a meditação o caminho mais acertado para satisfazer a curiosidades sinceras ou não.

A finalidade da Doutrina Espírita é despertar na Humanidade as forças do bem, completar a obra de Jesus, regenerando os homens, ligando o mundo visível ao invisível, preparar a Terra para o advento da verdadeira era de fraternidade. Aqueles que, por qualquer motivo, o Espiritismo coloca em evidência, logo se constituem alvo predileto do Espírito das Trevas, muito especialmente se as suas almas são como a terra fértil da parábola do semeador, ou possuem faculdades mediúnicas bastante notáveis. Cumpre-lhes, pois, orar e vigiar constantemente, para neutralizarem ou aniquilarem as influências do Espírito do mal. Ele nos rodeia, procurando reavivar em nossa alma paixões e vícios já amortecidos no longo período de sucessivas encarnações.

É de importância capital que no decorrer das horas e dos dias, que nos separam da próxima sessão, tenhamos o máximo cuidado em não ferir as leis divinas por pensamentos, palavras e obras; e, para haver mérito maior, devemos prescindir do insulamento.

Pratiquemos uma verdadeira higiene da alma, educando o nosso pensamento, obrigando o nosso espírito a não pensar no mal senão com o propósito do bem. A paciência, a resignação, a doçura e a beneficência devem merecer a nossa preocupação constante. Olhemos para todos como se fossem nossos irmãos muito amados. Bem sabemos que isso muito nos custa, porque as seduções do mundo nos arrastam e as paixões e os vícios são como as raízes das árvores que, quanto mais velhas e profundas, mais trabalho exigem para ser arrancadas. Mas, apesar de tudo, façamos esforços, trabalhemos, que a boa-vontade é abençoada por Deus; e se não conseguirmos extirpar do nosso «eu» todas as imperfeições, na reencarnação vindoura teremos a prova de que nenhum trabalho fica desperdiçado

. A tarefa será então menos pesada e mais doces os frutos a colher.

Se a educação do pensamento for bem orientada, a concentração ser-nos-á fácil, nossa alma sentir-se-á transportada para o Além, onde receberá os eflúvios fraternos dos Espíritos-guias, que sabem estimular os nossos desejos na prática do bem.

Nos dias de sessão, ao abrirmos os olhos para ver o dia, admirar a Natureza, lidar com os nossos irmãos, seja o nosso primeiro pensamento a prece fervorosa, humilde, dirigida ao Pai Celeste e aos nossos protetores invisíveis. Redobremos a vigilância contra as tentações, porque é justamente nas últimas horas que precedem os trabalhos que a ronda sinistra nos acompanha como uma sombra. Um gesto pouco digno, uma palavra áspera, um pensamento leviano, impuro, é para os Espíritos imperfeitos como o espocar de uma bomba entre nós, desperta-lhes de imediato a atenção. Eles acorrem pressurosos e fazem-nos receber em jactos violentos os seus fluidos impuros, induzindo-nos a excessos. Se cairmos na armadilha, conduziremos para o recinto da sessão toda a nefasta influência que chamamos para nós.

Eis uma prova: certa vez, num grupo que frequentávamos, um casal compareceu de mau-humor, sem deixar, contudo, que isso transparecesse. Durante o percurso da sua residência à sede do grupo, marido e mulher não deixaram de insultar-se por motivos íntimos. A sessão foi perturbada por violentas manifestações que muito fizeram sofrer os médiuns. Felizmente, o Espírito-guia, fazendo-se ouvir no -fim dos trabalhos, amenizou o mal-estar que pairava no ambiente e dirigiu-se a todos sobre o modo de nos prepararmos para comparecer às sessões. A linguagem foi elevada e sem alusões; todavia, o casal sentiu-se ofendido e fixou o médium com olhares furiosos e indiretas ferinas, denunciando-se, assim, como o causador do que acontecera.

Sem nos afastarmos das nossas obrigações cotidianas, façamos uma espécie de retiro espiritual.

Do preparo material também não estamos desobrigados. O espírita não deve furtar-se à convivência de todos os meios. Muitas vezes, ele é a isso coagido, para levar, com o exemplo da sua conduta, a semente do bem aos antros do vício. O espírita poderá ver-se sujeito às imposições da sociedade, submetido mesmo às frivolidades da moda, como disse Allan Kardec ao tratar do homem do mundo em «O Evangelho segundo o Espiritismo». O mal não estará no uso e sim no abuso.

Relegar ao abandono os meios viciados, quando já temos forças para resistir, é imitar certos sacerdotes que fogem do mundo para, num condenável egoísmo, cuidar só da sua própria «salvação».

O preparo material consiste na higiene do corpo, em ser sóbrio e temperante.

No recinto das sessões, ficando todos próximos uns aos outros, ninguém se sentirá bem, se de um dos membros do grupo exalar o cheiro característico das axilas mal cuidadas.

A refeição, se feita em hora próxima da sessão, deve ser um tanto ligeira, composta de substâncias bastante digeríveis. Com isso nos sentiremos à vontade e os médiuns não trabalharão com o estômago empachado, correndo o risco de abalar a saúde. Nessa refeição, a abstinência completa de bebidas alcoólicas é condição imperiosa. Não precisamos falar dos efeitos nocivos do álcool. Todos sabem quanto ele abala a saúde do corpo e perverte a alma.

Estes preceitos, infelizmente não levados em conta pela maioria dos experimentadores, contribuem para que todos estejam no recinto, sem constrangimento moral ou físico. Respeitando-os e considerando-os crescem as probabilidades de estabelecer-se perfeita harmonia no conjunto, condição imprescindível para os melhores resultados.

O que acabamos de expor deve ser observado por todos os experimentadores, qualquer que seja a natureza do fenômeno a produzir-se na sessão.

Como vimos no capítulo anterior, várias são as denominações das sessões espíritas, mas, como as chamadas sessões práticas ou comuns são as que em maior número se realizam, é delas que nos vamos ocupar com maior interesse.

As sessões práticas constam, em geral, do seguinte:

a) leitura e explanação de um trecho do Evangelho ou de qualquer obra espírita;

b) manifestações psicográficas;

c) manifestações de incorporação.

No dia da realização da sessão, pouco antes do início dos trabalhos, deverão estar todos reunidos, aguardando a hora determinada. Durante esse lapso de tempo, toda conversa que provoque discussões, ainda que seja sobre assuntos de Espiritismo, deve ser evitada. Toda discussão provoca exaltação de ânimos, e, por maior que seja o domínio que tenhamos sobre nós mesmos, não estamos livres de deixar escapar uma palavra injuriosa. Política, guerra, revoluções e todos os assuntos que facilmente apaixonem, fazendo-nos tomar partido por A ou B, devem ser tenninantemente proibidos. A conversação deve recair de preferência sobre assuntos doutrinários, que contribuam para uma alegria franca e sadia, que causem satisfação íntima a todos.

Cinco minutos antes da hora marcada, a porta será fechada e o presidente designará os lugares que cada um deve ocupar à mesa, os quais preferivelmente serão sempre os mesmos nas sessões seguintes. Se houver médiuns videntes, os seus lugares serão de preferência ao lado do presidente.

Uma vez iniciada a sessão, somente em casos excepcionais se poderá abrir a porta antes de terminados os trabalhos. Todos os frequentadores de grupos sabem o quanto isso é prejudicial.

Na designação de lugares é de toda conveniência não colocar lado a lado médiuns de incorporação, que recebam manifestações violentas. Acontecendo haver algum lugar vago à mesa, não deverá ser ocupado por pessoa que compareça

pela primeira vez, ainda que seja médium desenvolvido, mas, sim, por um dos assistentes escolhidos dentre os mais assíduos. Um elemento novo, sentando-se à mesa, mesmo possuído das melhores intenções, provoca certo embaraço no conjunto, por não estarem ainda as suas vibrações identificadas com o ambiente. É preferível ficar o lugar vago, a ser mal preenchido.

Os espíritas submissos à disciplina preferem voltar da porta, se a encontrarem fechada, a perturbarem a sessão começada.

Quando todos observam mais ou menos o que estamos expondo, grande satisfação se apodera do conjunto e logo a harmonia começa a reinar no ambiente, dando-nos a impressão de estarmos à mesa de festivo banquete. E a sessão nada mais é que um banquete espiritual, no qual ofertamos aos nossos irmãos sofredores o doce pão da caridade e recebemos em troca, dos Espíritos esclarecidos, o Pão da Vida, representado pelos ensinios de Jesus, explicados em Espírito e Verdade.

Uma vez ocupando cada um o seu lugar, o presidente dará início aos trabalhos, lendo ou narrando trechos ou fatos espíritas, ou versículos dos Evangelhos, seguindo-se imediatamente a explanação do assunto em foco, pelo próprio presidente ou por qualquer outro membro do grupo.

Assim se expressa Léon Denis:

«fi excelente começar as sessões com a leitura séria e atraente de uma das obras ou revistas espíritas escolhidas. Essa leitura deve ser objeto de comentários e permuta de apreciações entre os assistentes, sob a direção do presidente. Acontece, com frequência, que as manifestações dadas pelos Espíritos, em seguida a tais leituras, se referem aos assuntos discutidos, desenvolvendo-os e completando-os. É esse um modo de ensino mútuo, que nunca seria demais recomendar.»¹⁵

A leitura, prendendo a atenção de todos, favorece a concentração e prepara-os para a prece. Desnecessário será dizer que, iniciada a sessão, a ninguém é permitido trocar de lugares, a não ser excepcionalmente, com permissão do diretor dos trabalhos.

O silêncio, o recolhimento e a atitude respeitosa devem ser observados por todos. Sobre o assunto, assim aconselhou o Espírito São Luis:

«O silêncio e o recolhimento são condições essenciais para todas as manifestações sérias. Nunca alcançareis isto daqueles que só concorrem às vossas reuniões por curiosidade; induzi os curiosos a irem divertir-se em outra parte, porque a sua distração seria motivo de perturbação. Não deveis tolerar conversação, quando os Espíritos forem interrogados. Tendes, às vezes, comunicações que requerem réplicas sérias e respostas não menos sérias por parte dos Espíritos evocados e que, ficai certos, se mostram descontentes com o murmúrio continuado de certos

¹⁵ (15) Uon Denis — "No Invisível", eap. X.

assistentes; daí, então, resultar não aparecer nada completo nem verdadeira mente sério; o médium que escreve, distrai-se também, e as distrações, neste caso, são nocivas ao seu ministério.»¹⁶

«Orai, no começo e no fim de cada sessão; no começo, para elevardes vossas almas e atrairdes os Espíritos esclarecidos e benevolentes; ao terminar, para agradecerdes os benefícios e ensinamentos que houverdes recebido. Seja a vossa prece curta e fervorosa um transporte de coração.»¹⁷

«Pela prece humilde, breve, fervorosa, a alma se dilata e dá acesso às irradiações do divino foco. A prece, para ser eficaz, não deve ser uma recitação banal, uma fórmula decorada, mas, antes, uma solicitação do coração, um ato de vontade, que atrai o fluido universal, as vibrações do dinamismo divino.»¹⁸

O Espiritismo é inimigo das fórmulas. As preces recitadas pelos Espíritos em verdadeiros transportes de humildade e submissão ao Pai Celeste, rapidamente decoradas pelos crentes, tornam-se banais pela frequência de sua recitação, passam a simples movimentos de lábios; não elevam mais a alma ao Criador.

Allan Kardec nos legou, em «O Evangelho segundo o Espiritismo», uma coleção de lindas e expressivas orações. A melhor das intenções o levou a isso. Todavia, os confrades que as decoram e recitam, com o pensamento longe, assemelham-se aos crentes de outras religiões que recitam o «Pai Nosso», a prece de Jesus, com sentimentos contrários. Disse o mestre, Allan Kardec, haver pessoas que não sabem expressar-se por si mesmas. A essas aconselhamos continuar a recitar de preferência as preces contidas em «O Evangelho segundo o Espiritismo». Elas são bastante elevadas, tanto para despertar os bons sentimentos adormecidos em nossa alma, quanto para consolar os Espíritos sofredores. O mesmo não dizemos em relação a certas preces atribuídas a supostos Espíritos-guias, pois que denotam elas um amontoado bombástico de palavras, cujo sentido se torna difícil de perceber.

A prece deve ser de preferência improvisada, porque, assim, a preocupação do que estamos dizendo mais depressa prende a nossa atenção e favorece-nos o desprendimento. Deve ser curta; não é a quantidade de palavras que representa o verdadeiro sentimento do homem. Se por vezes ouvimos preces lindas, humildes, curtas e sinceras, também ouvimos preces longas cujo número de palavras formaria uma montanha, mas montanha estéril. Já tivemos a tristeza de ouvir preces que deixavam claramente perceber o intuito vaidoso de se fazer notar.

Finda a prece, o silêncio continuará a reinar no ambiente e os experimentadores deverão permanecer concentrados.

A concentração consiste na união dos pensamentos de todos, num determinado

¹⁶ (16) Allan Kardec — "O Livro dos Médiuns", 2ª Parte, cap. XXXI.

¹⁷ (17) Léon Deni — "No Invisível", cap. X.

¹⁸ (18) I>ON Drnia — "No Invisível", cap. V.

assunto. Deve ser feita de olhos fechados para impedir possíveis distrações, especialmente dos que se encontram à mesa. Para fazermos uma boa concentração, exercitemos o pensamento em horas determinadas, educando-o, disciplinando-o.

Nas horas de concentração, a pessoa dotada dos melhores sentimentos acabrunhar-se-ia se alguém visse os absurdos e disparatados pensamentos que lhe ocorrem contra a sua vontade. Parece um desafio aos seus bons propósitos; isso representa, porém, o reflexo de longínquo passado, ou tentações dos Espíritos impuros. Mas, deixemos à margem a sua causa e continuemos exercitando-nos, com a finalidade de dominarmos inteiramente o nosso pensar.

Durante a leitura, explicações e prece, é muito frequente manifestarem-se os Espíritos, de forma comum ou simbólica, aos médiuns videntes. Após a prece, estes dirão ao presidente tudo quanto viram, trocando-se impressões sobre a interpretação das vidências. Em seguida, o presidente ordenará nova concentração para os médiuns psicógrafos (escreventes) receberem as mensagens dos Espíritos. Nesse momento, cada médium tomará do lápis e dirigirá uma prece íntima e breve ao Pai Celeste, solicitando o auxílio de seu guia espiritual.

Ao verificar o presidente que todos acabaram de escrever, autoriza proceder-se à leitura das comunicações recebidas. Cada médium lerá a sua, dirigindo o presidente ao Espírito comunicante palavras de conforto ou agradecimento, conforme a natureza das mensagens. Se, dentre os ditados, algum se destacar por qualquer motivo, o presidente poderá prestar esclarecimentos aos seus irmãos.

Logo depois dará início à terceira parte — incorporação —, atenuando a intensidade da luz no ambiente ou apagando-a completamente, para o recinto receber iluminação indireta e fraca.

Todos quantos se atiram contra o Espiritismo vêem na escuridão uma das maiores armas de combate, mas não se dão ao trabalho de investigar as causas que a impõem como condição indispensável para a boa produção dos fenômenos.

A luz, com a sua ação dissolvente sobre os fluidos, dificulta seriamente a combinação das vibrações dos assistentes com as dos Espíritos.

Camilo Flammarion, rebatendo os adversários do Espiritismo, que se apegavam à obscuridade como tábua de salvação, expôs-lhes o seguinte:

«Aqui está num frasco, em volume igual, uma mistura de hidrogênio e cloro. Se quereis que a mistura se conserve, é preciso, seja embora ou não do nosso agrado, que o frasco permaneça na obscuridade. Tal é a lei. Enquanto ali ficar, ela se conservará. Se, entretanto, movido por uma fantasia pueril, expuserdes essa mistura à ação da luz, uma violenta explosão se fará subitamente ouvir: o hidrogênio e o cloro terão desaparecido e encontrareis no frasco uma nova substância, o ácido clorídrico. E com acerto concluireis: a obscuridade respeita os dois corpos, a luz os aniquila.»

Poder-se-á objetar que vários fenômenos se produzem à luz meridiana, e nós

concordaremos; porém, ainda não são conhecidas todas as leis que regem as manifestações; logo, procedamos sempre de acordo com o que a experiência nos tem ensinado.

A curiosidade também é uma das causas que levam os adeptos a preferir a não obscuridade. Ao incorporar-se ira médium, os presentes, por uma natural vontade de ver, dirigem-lhe suas vistas, prejudicando com isso a comunicação, quer pela influência magnética dos olhos, quer pela quebra de concentração.

Certas pessoas se perturbam seriamente quando se tomam alvo de muitos olhares; deveremos pensar o mesmo dos Espíritos, especialmente quando, cheios de faltas, comparecem humildes a solicitar alívio e amparo.

De duas maneiras diferentes trabalham os grupos com os médiuns de incorporação.

Uns se concentraram, de modo geral, evocando os Espíritos, sem designar este ou aquele médium para receber as comunicações; outros procedem de modo diverso: concentram-se, determinando o médium que deve trabalhar.

Em todas as ocasiões em que assumimos a responsabilidade da direção de um grupo, optamos pelo segundo modo. As razões são as seguintes: quando concentramos de modo geral, frequentemente vários médiuns são tomados pelos Espíritos, desejando cada comunicante ter a primazia de ser atendido. Deste modo, poderíamos presenciar diversos Espíritos a falarem ao mesmo tempo. Se, dentre eles, houver algum sofredor impaciente, enquanto não chega a sua vez resmunga e geme, perturbando quem fala. Não raro acontece, se para isso contribuem direta ou indiretamente os membros da seara, que Espíritos perturbadores se apossam dos médiuns, promovam diálogos jocosos para provocar hilaridade, ou simulem cenas de pugilato para amedrontar os presentes. Mais de uma vez fomos testemunhas de tais comédias, que causam péssima impressão.

Outra objeção não menos digna de atenção, nas sessões em que trabalham todos os médiuns ao mesmo tempo, é a fadiga. Admitindo-se o caso de o grupo ser bem orientado e usufruir benévola assistência do Invisível, ainda assim o cansaço cedo se apodera de todos, em consequência da concentração contínua a que todos se obrigam, desde o momento em que o primeiro se manifesta, até que o último se retire. Os médiuns são os que mais sentem os efeitos desse modo de trabalhar. Manifestando-se simultaneamente muitos Espíritos e concedendo-se dez ou quinze minutos para cada um ser doutrinado, o terceiro comunicante somente depois de trinta a quarenta e cinco minutos será atendido. Quem conhece o Espiritismo, bem pode avaliar os inconvenientes de um Espírito permanecer tanto tempo incorporado. Além da natural fadiga que provoca, se o Espírito tem maus sentimentos e visa o médium com a sua perseguição, aproveita-se desses momentos para completar o domínio sobre aquele que lhe empresta o corpo por alguns momentos.

Tais coisas não acontecem nas sessões em que a permissão da incorporação é

dada a cada médium de per si. Efetivamente, assim procedendo, é mais difícil haver perturbações e cansaço. O diretor dos trabalhos procederá do seguinte modo: pede concentração, dizendo: — «Vamos concentrar para o médium A. receber um Espírito.» A concentração não deve ir além de alguns minutos para cada médium. Se ele não receber influência alguma, o presidente ordenará levantar a concentração para um pequeno repouso, durante o qual se podem trocar ligeiras impressões, ou orar. Em seguida, designa outro médium, procedendo de igual modo.

Uma única objeção poderá ser apresentada contra este modo de trabalhar — a sugestão. Determinar A. ou B., para receber um Espírito, é suficiente para suggestioná-lo, induzindo-o à produção do fenômeno, ainda que seja de animismo.

Com a experiência de quinze anos de Espiritismo prático, poderemos dizer que essa objeção não prevalece.

Durante o tempo que frequentamos as searas Grupo dos «Filhos Pródigos» e Grupo «Paz e Harmonia» — inúmeras vezes presenciamos concentrações para os médiuns receberem comunicações, sem que inconvenientes se verificassem.

Ein certa ocasião, designou-se o médium F. para receber um Espírito que carecia de doutrinação. Em vez dele, o médium F. transmitiu um conselho do Guia espiritual, para que se designasse o médium B., como o mais conveniente, no momento, para a evocação feita. Seguindo a recomendação dada, obtivemos excelente resultado. Na citação supra, como apontar sugestões?

As comunicações simultâneas só devem ser permitidas em casos excepcionais.

Em Mossoró, Rio Grande do Norte, quando nos iniciamos na presidência de uma seara, manifestou-se, certa vez, um Espírito de tal rebeldia que apavorou alguns membros do Grupo. Como castigo, uma escuridão profunda cercava o infeliz. Era completamente cego. As nossas exortações nada produziam e a sua violência não era maior devido ao perfeito domínio do médium sobre si mesmo. Em dado momento, outro Espírito se manifestou por outro médium, e logo nos pediu que deixássemos o rebelde aos seus cuidados. Poucas vezes temos assistido a tão impressionantes manifestações. O Guia tocou os pontos vulneráveis do Espírito, falou-lhe com ternura maternal e autoridade de pai amoroso. Suas palavras comoviam e consolavam, apontavam o erro e davam esperança de perdão. Em breve, a quase ferocidade do irmão sofredor se transformou numa atenção respeitosa. Sem nada mais dizer, ou fazer, notava-se no médium um semblante contristador, regado por lágrimas de um pranto silencioso.

Nas sessões seguintes já não houve necessidade da intervenção ostensiva do protetor. Espírito mostrou-se mais calmo e resignado, não tardando tocar-lhe o arrependimento.

São Paulo, em sua Primeira epístola aos Coríntios, aconselhando a ordem, escreveu-lhes o seguinte:

«E falem dois ou três profetas e outros julguem. porém, se a outro que estiver

assentado for revelada alguma coisa, cale-se o primeiro; porque todos podereis profetizar, uns depois dos outros, para que todos aprendam e todos sejam consolados.» (Cap. 14: 29/31.)

Considerando-se que o grupo já esteja funcionando normalmente, com médiuns desenvolvidos, a segunda parte deverá obedecer à seguinte ordem: O presidente designará o médium F., para receber um Espírito. Verificando-se o fato, o presidente falará a este de conformidade com a sua elevação moral, intelectual, e situação de bem ou mal-estar. A seguir, procederá da mesma maneira para com os outros médiuns.

Quantos médiuns deverão trabalhar pela incorporação em cada sessão? Dois ou três, no máximo.

O método de trabalho que recomendamos, além de facultar aos médiuns momentos de observações mútuas, enquanto são recebidos os Espíritos, serve para completar-lhes a educação, resistindo às influências dos Espíritos, tornando-se cada vez mais senhores de si mesmos,

Há dirigentes de grupos que gostam de fazer trabalhar todos os médiuns que comparecem à sessão. Este sistema tanto tem de absurdo quanto de prejudicial. Absurdo, porque mesmo desse modo não atendemos a todos os Espíritos que acorrem ao grupo, desejosos de se comunicarem. Prejudicial, porque assim se prolonga o curso da sessão, deixando-se de observar a disciplina do tempo.

Uma sessão prolongada, além de cansar, enfastia; e os Espíritos perturbadores, empenhados em entravar o progresso do Espiritismo, sabem aproveitar-se desses momentos.

Vimos, em alguns grupos, consentir o presidente vários Espíritos se manifestarem ao mesmo tempo, e, uma vez que sozinho não podia atendê-los, recorria ao auxílio de outro confrade, que doutrinava também os Espíritos, estabelecendo-se dessa maneira uma verdadeira confusão.

Duas pessoas, falando alto, doutrinavam dois Espíritos diferentes, e os membros da mesa dirigiam a sua atenção ora para um, ora para outro. Ao terminar a sessão, nenhum resultado prático foi conseguido.

Qualquer pessoa, que sensatamente analise este sistema, concluirá que ele não é recomendável. Uma sessão prática compara-se a uma escola. Enquanto o mestre faz uma preleção e argui um aluno chamado ao quadro-negro, os outros, que desejarem verdadeiramente aprender, prestam a máxima atenção, e não raro aproveitam mais. Há alguns anos, no decurso duma sessão a que presidíamos, manifestou-se um Espírito agradecendo comovidamente os ensinamentos recebidos nesse grupo. Ao ser-lhe dito que não tínhamos dele a menor lembrança, declarou ser essa a primeira vez que se comunicava, mas que a sua frequência ao grupo datava de muito e que tudo quanto tinha sido dirigido aos outros ele aproveitara para si. Este fato não é único, já tem sido observado por muitos outros experimentadores.

O presidente deve ser o único a dirigir-se aos Espíritos.

Sempre que se apresentar a necessidade de uma conversa entre um Espírito e um membro da mesa, ou da assistência, é necessário o consentimento do presidente. Proceder de modo contrário, contribui para algumas pessoas adquirirem o péssimo hábito de intrometer-se na doutrinação.

Enquanto o presidente ou o Espírito fala, não se deve interromper, salvo quando médiuns videntes observarem coisas que venham orientar o presidente .

A ordem, a disciplina e o método são os alicerces da prolongada existência de um grupo.

Se é prejudicial o sistema de fazer todos os médiuns trabalharem numa mesma sessão, como classificar o de fazer um só médium receber mais de três Espíritos na mesma reunião? Desumano.

O médium que se submete a essa prática, expõe-se a um enfraquecimento físico, ao esgotamento nervoso, e, se não tiver forte e benévola assistência espiritual, poderá ser vítima de obsessões.

É profundamente lamentável que assim se proceda, visto revelar não só falta de conhecimento do Espiritismo, como também ausência de assistência e caridade com o médium.

Quanto tempo deverá durar o curso de uma sessão prática?

Uma hora e meia, duas no máximo, assim distribuído: meia hora para a primeira e segunda partes, e uma hora ou hora e meia para a terceira.

Os componentes de uma seara devem ser escravos das horas.

De uma coisa importante nos vamos agora ocupar. Haverá pessoas impedidas de trabalhar nas sessões ou de frequentar os grupos? Sim. As mulheres em estado de gravidez e as crianças. Aquelas, embora sejam boas médiuns, no período da gestação devem abster-se de trabalhar, podendo comparecer aos grupos apenas como assistentes.

As perturbações físicas, que quase sempre acompanham o período da gestação, não lhes permitem uma prática devotada. Será para elas um sacrifício prejudicial conservarem-se assentadas durante longo tempo. Nessa época, a sua maior atenção deve estar voltada para o entezinho que vai contribuir para santificar a sua condição de mulher.

Esse entezinho será dotado de um Espírito como nós, mais ou menos evoluído. Trará a sua bagagem de imperfeições e os tesouros morais e intelectuais acumulados nas suas vidas passadas. Terá, como nós, Espíritos simpáticos e antipáticos; e a sua presença, nas sessões, obrigada pela permanência daquela que lhe vai servir de mãe, poderá contribuir para atraí-los, especialmente se ela sentar-se à mesa. Se os bons vierem, sentir-se-á feliz; porém, se em vez deles se aproximarem os maus, serão dois a sofrer as consequências. Estes conselhos, que a prática nos leva a dar, têm as suas exceções, e estas serão fáceis de verificar pelo diretor dos trabalhos. No caso de se fazer sentir a necessidade de uma

assistência àquela que vai ser mãe, pode-se trabalhar perfeitamente sem a sua presença.

As crianças menores de catorze anos não devem frequentar sessões, principalmente para trabalhar como médiuns.

Allan Kardec, com sua admirável preocupação de tudo investigar, ocupou-se deste assunto em «O Livro dos Médiuns». Vejamos o diálogo estabelecido entre ele e os seus instrutores:

— **«Há inconvenientes em desenvolver a me- diunidade nas crianças?»**

— Sem dúvida, e sustento que é muito perigoso, porque a sua organização fraca e delicada ficará muito abalada, a sua tenra imaginação seria demasiadamente excitada; por isso os pais prudentes devem afastá-las dessa ideia, ou pelo menos não lhes devem falar senão no que se refere às suas conseqüências morais.»

— «Há crianças que são médiuns naturalmente, quer para efeitos físicos, quer para a escrita ou para as visões; tem isso algum inconveniente?»

— Não, quando a faculdade é espontânea na criança, o que está na própria natureza, e a constituição se presta; o mesmo não acontece quando é provocada ou estimulada. Notai que a criança que tem visões geralmente não se deixa impressionar, isso lhe parece coisa muito natural, a que pouca atenção presta, e que frequentemente esquece; mais tarde, porém, o fato lhe volta à memória, e ela as explicará facilmente, se conhecer o Espiritismo.»

As crianças são seres em formação. Delas não devemos exigir trabalhos físicos que lhes prejudiquem o desenvolvimento, tampouco deveres morais que a sua inexperiência impediria de cumprir

A prática do Espiritismo impõe deveres que nem todos os homens estão em condições de bem cumprir. Como, pois, obrigar as crianças que ainda não têm o amadurecimento das ideias?

São ainda de Allan Kardec estas judiciosas observações :

— **<A prática do Espiritismo, como veremos mais tarde, exige tato para prevenir as astúcias dos Espíritos enganadores; se os homens já formados são vítimas deles, a infância e a mocidade estão ainda mais expostos, por inexperiência. Sabe-se, além disso, que o recolhimento é condição indispensável para se tratar com os Espíritos sérios; as evocações feitas levemente, por simples gracejo, são verdadeiras profanações, que dão fácil acesso aos Espíritos zombadores e maléficos; como não se pode esperar de uma criança a gravidade necessária a um ato dessa natureza, é de temer que o considerasse um brinquedo, se o deixassem ao seu alcance. Mesmo nas condições mais favoráveis, deve exigir-se que a criança, dotada de faculdade me- diúnica, a não exerça senão debaixo das vistas de pessoas experimentadas, que lhes ensinem, pelo exemplo, o respeito devido às almas daqueles que viveram na Terra.**

De acordo com essas considerações, vê-se que a questão de idade está

subordinada às consequências do temperamento e do caráter.»¹⁹

Não devem também ter ingresso, para assistir a sessões práticas, as pessoas que se encontram obsidiadas, principalmente se o grupo estiver no período de formação. A preocupação de querer fazer tudo, e depressa, tem sido a ruína de muitos grupos. A cura das pessoas perseguidas pelos Espíritos inferiores deve ser feita em sessões realizadas exclusivamente para esse fim. É sempre difícil conseguir concentrações boas com o obsidiado presente, porquanto ele, influenciado pelo perseguidor, tudo fará para perturbar os trabalhos.

Conquanto muito do que temos exposto até aqui não seja, infelizmente, adotado na maioria dos grupos, constringe-nos dizer que há adeptos que tomam nas sessões precauções pueris e até ridículas, como despojarem-se de objetos de metal, tirarem os sapatos, o casaco, colocarem velas sobre a mesa, etc. Tudo isso, ainda que determinado por «Espíritos-guias», denota simplesmente ignorância da Doutrina Espírita. Tudo quanto a nossa razão repele, não deve ser aceito. Para que um ensino possa ser adotado como verdadeiro, é necessário, diz-nos Allan Kardec, e o simples bom-senso confirma, que ele seja dado em toda a parte, por muitos Espíritos. Ora, o que acabamos de referir, não lemos em livro algum de autor de reputação firmada no meio espírita, como também não encontramos na generalidade das recomendações dos Espíritos, mas simplesmente em reduzido número de confrades que tudo aceitam sem examinar, pelo simples fato de virem esses conselhos de Espíritos que eles consideram superiores. Se aqui aludimos a esses preparativos, usuais em algumas searas, é apenas com intuito de despertar a atenção dos adeptos de boa-vontade, para se desfazerem de tudo quanto possa macular a pureza e simplicidade da prática espírita. Simbolismos, fórmulas, bem como velas, fumaças e rituais outros não se coadunam com a Doutrina Espírita. Observadas que sejam todas as indicações a que vimos de aludir, parece tudo indicar a obtenção dos melhores resultados. Entretanto, assim não acontece, porque, sem levar em conta que os Espíritos têm o seu livre-arbítrio e portanto só se comunicam quando lhes apraz, outras causas há que influem na produção do fenômeno. Entre elas, poderemos citar as variações atmosféricas. Se chove torrencialmente, a concentração não se faz com regularidade. Algumas pessoas desviam, muito naturalmente, o pensamento para suas casas distantes ou para as condições do caminho a percorrer na volta para o lar. Se troveja, as pessoas nervosas sentem-se mal e, assim, como poderemos, em dias tempestuosos, conseguir bons resultados? Uma cidade, sob a apreensão de revoluções ou agitações políticas, também influi de algum modo no resultado bom ou mau de uma sessão. Quanto mais observamos, estudamos e meditamos, vemos que mais nos falta aprender.

O estudo do Espiritismo assemelha-se à escalada de grande montanha: à

¹⁹ (19) Allan Kardec — "O Livro dos Médiuns", n.º 222.

proporção que subimos, o horizonte se alarga, nosso olhar se estende cada vez mais, descobrindo coisas novas e belas; ao mesmo tempo que, se o orgulho, provocando-nos vertigens no alto, não nos taldar o espírito, veremos que o nosso «eu» se toma cada vez menor na amplidão. Ai, humildes, de joelhos, conscientes da nossa pequenez, sem palavras, entoamos ao Senhor dos Mundos — o Grande Arquiteto do Universo — um hino de amor que só encontra semelhança no sorriso grácil que uma criancinha, estendendo os braços, dirige a sua mamãe.

*

Todos os grupos devem trabalhar intensamente pela propaganda do Espiritismo, e um dos melhores meios é a sessão doutrinária. Ela contribui, poderosamente, para instruir os confrades que não possuem recursos para estudar. As sessões doutrinárias são as únicas que podem realizar-se de portas abertas, pois não requerem concentração nem recolhimento profundos. É como se estivéssemos a assistir a uma conferência profana. Reunidos os membros do grupo, um deles presidirá aos trabalhos, iniciando-os, sempre, com uma prece. A seguir, o presidente lerá ou fará ler um trecho de «O Evangelho segundo o Espiritismo» ou de qualquer outra obra, de preferência de Allan Kardec. Finda a leitura, o presidente poderá conceder a palavra a qualquer confrade que deseje interpretar ou explanar o assunto lido, se não houver pessoa determinada para esse estudo. O presidente deve ser um homem sensato, ponderado e sereno, que, além de ter uma vida reta, possua sólido conhecimento da Doutrina. Cumpra-lhe sempre falar em último lugar para, em caso de necessidade, retificar o que de inconveniente houver nas perorações de algum pregador. E, se tal acontecer, deve agir com a máxima habilidade, evitando sempre discussões, por trazerem elas, em regra geral, resultados negativos.

Em alguns lugares temos presenciado sessões doutrinárias, acompanhadas de uma ou mais comunicações de incorporação (psicofônicas). Embora essa maneira de proceder encontre ajuizados e valorosos defensores, não recomendamos a incorporação, nem assim trabalhamos. Ao nosso ver, essas comunicações, perante um público numeroso, heterogêneo por natureza, ainda que os médiuns sejam experimentados, oferecem sempre alguns inconvenientes e perigos, que não se evidenciam de pronto nas manifestações, mas quase sempre se demonstram nas consequências das prédicas dos Espíritos.

A corrente de pensamentos numa assembleia avultada, constituída de elementos de todas as categorias, não pode deixar de causar males muito sérios aos médiuns, e estes, quando se exibem publicamente, estão mais sujeitos que os outros a se deixarem influenciar pela lisonja dos assistentes.

Nos primeiros tempos ainda havia certa justificativa para as manifestações públicas; hoje, porém, elas não se recomendam mais. Não produzem mais adesões e convicção do que a leitura e a meditação. Os que querem fatos são incontentáveis; quanto mais se lhes apresenta, mais exigem. São como os

fariseus que, quanto mais viam as obras de Jesus, mais lhe pediam.

As sessões doutrinárias devem, pois, ser só de explicações da doutrina, e não intercaladas de manifestações de incorporação.

Os Espíritos de certa elevação raramente se manifestam e condições especiais concorrem para isso, entre elas a harmonia perfeita do ambiente, o recolhimento, o silêncio, a elevação de sentimentos, coisas muito difíceis de conseguir em meios de avultada frequência; logo, não é nas sessões públicas que devemos esperá-los.

Todavia, convém considerar que falamos em tese, pois há casos em que as manifestações públicas se impõem; entretanto, é preciso notar, o que temos tido de melhor em Espiritismo sempre vem mais espontaneamente do que provocado.

NOTA À 3ª EDIÇÃO, EM 1951

No "Grupo Ismael", cékila-máter da Federação Espírita Brasileira, assim se processam as sessões:

a) *leitura de um capítulo do livro "Caminho Verdade e Vida" ou, do "Pão Nosso", sempre seguidamente, lendo-se numa sessão o capítulo seguinte ao que foi lido na anterior;*

b) *prece proferida pelo presidente do grupo, baseada, quase sempre, senão sempre, no trecho lido;*

c) *recebimento e leitura de comunicações psicográficas obtidas na própria reunião;*

d) *leitura, pelo presidente, de um trecho do Evangelho²⁰, também seguidamente, como explicamos na letra "a";*

e) *dissertação, por um dos presentes, sobre o trecho lido. A pessoa designada pelo presidente discorrerá sobre o ponto, podendo as demais, em caso de necessidade, pedir a palavra para esclarecimentos ou para apresentar ponderações;*

f) *diminuída a luz na sua intensidade, há um pequeno intervalo de segundos, de concentração silenciosa, passando-se, então, ao recebimento de comunicações psicofônicas*

g) *aconselhados e doutrinados os Espíritos perturbados, sempre com o maior respeito ao livre-arbitrio deles, no fim das guias do "Grupo" dá por finalizados os trabalhos da reunião, quase sempre descrevendo sucintamente o que foi conseguido e, algumas vezes, apresentando orientações gerais sobre o movimento do Espiritismo;*

h) *antes de encerrar a reunião, o presidente profere a prece final, agradecendo e suplicando bênçãos, máxime para os Espíritos que foram doutrinados;*

i) *encerrada a reunião, os médiuns videntes, se alguma coisa houverem presenciado, relatarão o que julgarem necessário. No correr da reunião propriamente dita, os médiums*

²⁰ (20) O estudo do Evangelho foi realizado, no "Grupo Ismael", desde a sua fundação, pela obra "Os Quatro Evangelhos", de J. B. Uoustaing, já em 5ª edição na FEB. IIA quase 100 anos. portanto. (Nota da Editora, em 197:1.)

videntes intervirão, quando solicitados pelo presidente.

— A Federação Espírita Brasileira realiza também sessões públicas, às terças e sextas-feiras e aos domingos, assim classificadas: Evangélicas, Doutrinárias e de Palestras.

As evangélicas, realizadas às terças-feiras, obedecem à seguinte orientação:

- a) *exórdio do presidente e prece por este proferida;*
- b) *recebimento e leitura das mensagens psico-grafadas, obtidas na própria reunião;*
- c) *leitura de um trecho do Evangelho²¹, e sua explanação por um ou mais pregadores previamente designados;*
- d) *breves palavras do presidente e encerramento da reunião após uma prece pronunciada por pessoa designada pelo presidente.*

As doutrinárias, realizadas às sextas-feiras, obedecem à mesma orientação, modificando-se apenas quanto à letra "c", pois que o trecho lido e comentado é extraído de "O Livro dos Espíritos"

As de palestra, realizadas aos domingos, são mais ou menos semelhantes às anteriores, pois que há apenas a substituição das letras "b" e "c" por uma palestra pronunciada por confrade quase sempre antecipadamente convidado.

As evangélicas e as doutrinárias têm a duração de 90 minutos; as de palestra, 60 a 75 minutos.

Além dessas sessões, realiza ainda a Federação Espírita Brasileira, todos os domingos, reuniões especiais, destinadas às crianças, às quais é ministrada instrução evangélica segundo o programa consubstanciado no opúsculo — Educação Cristã da Infância.

Capítulo V SESSÕES DE CURAS

Obsessão. — Fascinação. — Subjugação. — Médiuns curadores. — Aplicação de passes.

— Benzedeiras. — Medinidade receitista

Depois das chamadas sessões práticas, outras há que devem merecer carinhosa atenção de todos os adeptos, não só pela complexidade do estudo, como também pelos seus elevados fins — são as sessões de curas.

Os cuidados que se exigem dos componentes dos grupos que se dedicam a este gênero de trabalho, são mais extremados que os de quaisquer outros.

Os Apóstolos, convivendo com Jesus, tendo a grande ventura de receber lições dos seus próprios lábios, experimentando de perto a sua benéfica influência,

²¹ (21) Na FEB, as estudos evangélicos se fazem através da obra "Os Quatro Evangelhos", de J. B. Roulain, atualmente em 5ª ed. (Nota da Editora, em 1973.)

viam-se, por vezes, impotentes para expulsar os Espíritos imundos; como, pois, nós, que ainda vergamos ao peso das nossas imperfeições, poderemos ter ascendência sobre os Espíritos imperfeitos? O estudo, a meditação e a experiência prodigalizaram-nos ensinamentos que vamos transmitir aos nossos irmãos, repetindo, antes, as mesmas palavras que encontramos em um excelente livro de magnetismo: — «Se a tua vontade de regenerar-te é segura, e firme o teu desejo de semear o bem, aprende e pratica; entretanto, se qualquer impulso menos digno a isso te induz, pára, não continues, porque o mal se voltará contra ti, com todo o seu horror de dores e decepções.»

Em primeiro lugar vamos tratar da cura de obsidiados, que só deve ser tentada em grupos bem formados, organizados por elementos experimentados, e em sessões realizadas exclusivamente para esse fim. Havendo necessidade de fazer qualquer estudo referente aos trabalhos, poder-se-ão realizar sessões especiais, nelas não devendo comparecer os obsidiados, tampouco, se deve evocar os obsessores.

Presidente conhecedor da Doutrina, compenetrado da sua grande responsabilidade, médiuns desenvolvidos e experimentados, conscientes da sua nobre missão, com domínio perfeito sobre si mesmos e sobre os Espíritos, assistência restrita e escolhida, quando de todo não puder ser dispensada, tais deverão ser os realizadores das sessões de curas de obsidiados.

É imprescindível que reine a mais perfeita harmonia entre todos os elementos do grupo, completada por fraterna, esclarecida e poderosa assistência espiritual. **Devem-se acatar respeitosamente os conselhos dos guias espirituais, sem contudo deixar de submetê-los ao devido exame da razão, solicitando esclarecimentos, sempre que qualquer ponto nos parecer obscuro. Os bons Espíritos, empenhados em nos auxiliar na prática do bem, nunca se molestam com esse modo de proceder, conhecedores que são dos perigos a que nos achamos expostos. O contrário dá-se com os Espíritos imperfeitos, os quais procuram sempre impor a sua vontade, sem respeito ao nosso livre-arbítrio, zangando-se quando não são obedecidos.**

Nunca a responsabilidade do encargo de um tratamento deve ser aceita, sem que todos estejam de pleno acordo, e tenham previamente ouvido a palavra do diretor espiritual.

As primeiras tentativas devem ser feitas de preferência sem a presença do obsidiado, bastando apenas que seja sabido seu nome, idade e residência. Um doente excitado, como costumam ser os obsidiados, impede a coesão dos pensamentos, pela perturbação que leva para o ambiente.

Os Espíritos obsessores, em sua maioria, são inteligentes, têm consciência do seu estado, e, endurecidos no mal, empregam todos os ardis para ludibriar-nos, chegando mesmo a simular que estão regenerados, para melhor exercerem sua perigosa influência sobre a vítima da sua maldade. Quando se vêem impedidos de

continuar na perseguição, voltam-se contra os componentes dos grupos e, direta ou indiretamente, física ou moralmente, provocam-lhes dolorosos sofrimentos. É justamente por esta razão que um grupo em formação, composto de médiuns inexperientes ou fisicamente fracos, não deve ocupar-se desses encargos.

Corroborando estas asserções, fazemos nossas as palavras dum grande batalhador:

«Certos grupos adotam como tarefa especial evocar os Espíritos inferiores e, mediante conselhos e exortações, instruí-los, moralizá-los e ajudá-los a se desembaraçarem dos laços que ainda os prendem à matéria. É das mais meritórias essa missão, mas exige a perfeita união das vontades, profunda experiência das coisas do invisível, qualidades que só se encontram nos meios de longa data dedicados ao Espiritismo.»²²

Os menores defeitos, as mais pequenas propensões para este ou aquele vício, são habilmente estimulados pelos obsessores, que, desse modo, arrastam os componentes do grupo, especialmente os médiuns, para os desvios da perdição.

Para impor-se-lhes, é sumamente necessário tornarem-se escravos de elevada moral todos quantos pretenderem assumir o abençoado compromisso de curar os obsessos,

É bastante perigoso tratar-se de muitos enfermos ao mesmo tempo, porque aumentamos em volta de nós o número de Espíritos inferiores, que não querem ser contrariados em suas vontades. Eles se unem logo contra nós, na mesma intenção de prejudicar-nos. Assim, dois ou três no máximo, de cada vez, conforme o número de médiuns que estiverem em condições de trabalhar. Entretanto, para que os outros que baterem à nossa porta não fiquem desamparados, seus nomes serão lembrados na ocasião das preces. Nesses momentos, ora-se pelos obsessores e pelos obsidiados, pois que ambos são nossos irmãos e merecem todo o nosso amor.

A prece em conjunto, emanada do coração, com palavras que traduzam vibrações de puros e elevados sentimentos, constitui o preparo prévio para recebermos os obsessores a serem doutrinados.

Quando nos dirigimos aos Espíritos obsessores, nossa linguagem não deve deixar transparecer o mais leve indício de desafio. Tudo quanto possa macular a humildade e a caridade, contribui para diminuir nosso poder sobre os seres imperfeitos.

Convidai-os à prece, e, ainda que eles vos não queiram acompanhar, orai. De princípio desdenham, porém, quando começam a sentir-lhe os salutareos efeitos, deixam de rir, escutam-na com atenção, e, por fim, a pedem.

Por mais endurecido que seja o Espírito obsessor, terá sempre alguém que lhe recorde momentos de encantos amorosos. Um pai, uma mãe, um irmão, um filho, uma esposa, um amigo enfim, poderá contribuir para lhe proporcionar momentos de

prazer.

Aprendeis a aproveitar-vos dos sentimentos amorosos que também existem nos Espíritos imperfeitos, e cedo conseguireis vossos intentos.

Enternecei o obsessor com palavras de carinho e bondade, e fareis brotar o arrependimento no seu coração, com a rapidez com que os raios solares fazem germinar a semente escondida no seio da terra. Os maus também amam. Nos corações mais enegrecidos pelo ódio, existe uma fagulha aguardando o sopro da caridade para transformar-se na chama do fogo sagrado do amor. Para que assim não fosse, seria preciso que não fossem os maus, também, filhos de Deus, fonte do Amor Perfeito.

Mas, tende sempre o máximo cuidado, desconfiai de toda conversão imediata. Não abandonamos um vício, de um dia para outro; nem esquecemos uma paixão, da noite para o dia. Os Espíritos são os mesmos homens, apenas sem o corpo físico.

É aconselhável que as sessões de cura de obsidiados sejam só de incorporação, porque os diálogos são mais rápidos e lucrativos do que em comunicações escritas. **A disciplina do tempo deve ser observada com rigor. Não vades além de uma hora nesses trabalhos, porque eles fatigam demasiadamente os médiuns. Se, porventura, aparecer nas sessões de cura de obsidiados, ou noutra qualquer, algum Espírito que se queira manifestar, não devemos permitir a manifestação. Os bons Espíritos submetem-se perfeitamente à disciplina, respeitam o nosso livre-arbítrio e são os primeiros no cumprimento do dever. Assim, um Espírito que assalta um médium ou vem fora de tempo, em noventa e oito vezes sobre cem não tem boas intenções. Podemos afirmar que todas as vezes que procedemos de modo contrário, isto é, consentindo na manifestação, nos grupos sob a nossa direção, tivemos resultados desagradáveis a registrar.**

Nas sessões de cura, sempre que um médium ficar debaixo de forte e prolongada influência dum obsessor, é conveniente receber, por incorporação, o seu guia espiritual, para desfazê-la completamente.

Todo tratamento de obsessão tem resultado mais rápido e eficaz, quando se doutrina ao mesmo tempo o obsessor e o obsidiado, e se administram passes neste último. Para isso, deve-se ter o cuidado de incluir um médium de passes entre os componentes do grupo.

Por maiores que sejam nossos desejos de aliviar um irmão das garras de um obsessor, só deveremos agir com extrema prudência. Se o grupo que frequentamos não estiver em condições rigorosamente capazes de enfrentar a luta, é preferível limitar a nossa ação às preces, que representam valioso auxílio. Do contrário, o grupo correrá o risco de esfacelar-se, porque os Espíritos inferiores se atiram com fúria contra todos, provocando a cizânia e até doenças físicas. É mais humano e melhores resultados obteremos, deixando de trabalhar hoje por um irmão e atendendo a dois amanhã, do que atendendo mal hoje e ficarmos impossibilitados de atender melhor no dia seguinte.

Allan Kardec, tratando das perseguições dos Espíritos, classificou-as em três categorias: obsessão simples, fascinação e subjugação.

Obsessão simples é a perseguição continua de um Espírito, que impõe sua vontade à de um médium. Este, se tem consciência do mal que sofre, quer libertar-se da influência do seu perseguidor, mas não encontra meios para isso.

Outras vezes, não se trata de médium desenvolvido. A pessoa é inesperadamente tomada de acessos de loucura e dá a todos a impressão perfeita de encontrar-se doente das faculdades mentais. Este fato é mais comum nos meios alheios e até hostis ao Espiritismo, e demonstra, evidentemente, que não são os adeptos da Nova Revelação que buscam os Espíritos, mas que são estes que buscam os encarnados.

Toda obsessão que não tiver sua origem nas vidas passadas, é consequência do mau uso das faculdades mediúnicas, ou resultado dos maus sentimentos da vítima. No primeiro caso, quando se nos apresenta como expiação, obedece ao seu curso e raramente se pode curar, o que não impede, entretanto, que oremos pelo perseguido e pelo perseguidor ou perseguidores.

Sofrendo o médium a consequência dos seus abusos, cumpre-lhe frequentar um Centro bem orientado e afastar de si a causa originária da perseguição. Finalmente, quando a perseguição é oriunda da afinidade de sentimentos indignos entre perseguido e perseguidor, a condição essencial da cura é a imediata reabilitação moral da vítima.

Em «O Livro dos Médiuns», Allan Kardec narra o caso da perseguição que um Espírito movia a duas senhoras. Ao ser evocado, dirigiu-se de um modo mais conselheiral que evocado de ódio, porém, bastante recriminativo. Sendo-lhe observado que atenuasse a linguagem, a fim de serem as suas palavras transmitidas às vítimas, respondeu:

— «Digo o que devo dizer e como digo, porque as pessoas de quem se trata têm o costume de pensar que não praticam o mal pela língua, conquanto o façam muito. Eis por que é preciso impressioná-las de modo a que tomem o conselho como uma séria advertência.»

Para lidarmos com Espíritos inferiores é necessário tato especial, moral elevada e assistência espiritual bastante poderosa. Nem todas as pessoas se apresentam com as qualidades requeridas para isso. Há gente que, mesmo usando de linguagem afável, tem um tom áspero no falar, o que desagrada bastante. Tais pessoas, em nossa opinião, não devem presidir às sessões de que estamos tratando.

A fascinação é uma perseguição mais perigosa, porque o Espírito ilude arditosamente o médium, e a tal ponto que este não se julga vítima de um impostor ou perseguidor. O Espírito apresenta-se-lhe sob várias formas, simulando entidades diversas, e, quando o domínio se completa, submete a vítima a penosas e amargas decepções, expondo-a ao ridículo. Outras vezes, o que é pior, quando consegue atrair dois ou mais adeptos para apoiar o médium, provoca habilmente a

cisão entre os membros do grupo, que, desde esse dia, tem marcado o período da sua dissolução.

Conhecemos um médium, possuidor de faculdades bastante notáveis. Era um encanto vê-lo receber um Espírito de certa elevação: palavra fácil e belas imagens comoviam e empolgavam a todos. Um dia, respeitável entidade deu por seu intermédio uma comunicação que alcançou o sublime. Desde então o médium se tomou de vaidade, julgou-se privilegiado no meio. Não quis mais receber Espíritos inferiores. O abandono dos bons Espíritos foi imediato, e logo um Espírito culto, mas endurecido no mal, aproveitou-se da sua fraqueza. Fascinou-o e impôs-se no grupo. Era obedecido sem discussão. O próprio presidente, que pouco estudava, foi dominado. Um dia, porém, Deus se apiedou deles e fez penetrar no grupo um confrade experimentado, que arrancou a máscara ao impostor. Ao dar-se tal fato, todos vieram a sofrer amargamente o fruto da inexperiência, especialmente o médium, que ficou alguns dias acamado.

A fascinação ainda se exerce de um modo assaz perigoso.

«Há Espíritos obsessores, sem maldade, que até encerram alguma coisa boa, mas possuem o orgulho de falso saber, têm ideia e sistema próprios a respeito de ciências, de economia social, de moral, de religião, de filosofia — querem que as suas opiniões prevaleçam e, por isso, procuram médiuns crédulos que as aceitam de olhos fechados, e os fascinam com o fito de obstar a que distingam o verdadeiro do falso. São esses os mais perigosos, porque nada lhes custa o sofisma, de modo que fazem acreditar nas mais ridículas utopias; como conhecem o prestígio dos grandes nomes, não têm escrúpulo em ataviar-se com os daqueles ante os quais todos se curvam, e não recuam mesmo diante do sacrilégio de se darem por Jesus, pela Virgem Maria ou por qualquer santo.»²³

É deveras lamentável que alguns médiuns, de valor pelo seu preparo intelectual, se tenham deixado embair por falsos profetas, ao ponto de publicarem obras rotuladas de Espiritismo, cheias de absurdos e incoerências. O simples bom-senso, a lógica e o estudo da Doutrina apontam-nas imediatamente; entretanto, o médium e os seus apaixonados acham que os seus contraditores é que são os obsidiados. Não queremos faltar com a caridade para com alguns desses irmãos, inserindo aqui os nomes dos livros que nos parecem puras mistificações, porém, os que se quiserem precitar, devem simplesmente observar duas coisas: o nome pomposo da obra, o estilo em que é escrita e os frutos que ela produzir. Não se vejam nestas palavras alusões a este ou àquele autor, todos nos merecem o devido respeito e, como dissemos na introdução deste livro, poderemos estar errados.

A subjugação é o domínio completo do Espírito sobre o médium. Este fica com a vontade paralisada, e ainda que deseje repelir a influência do Espírito, sobre si,

²³ (23) Allan Kardec — "O Livro dos Médiuns", 2» Parte, cap. XXII.

não o consegue. O médium abdica inteiramente da sua vontade, ainda que o não queira.

É de «O Livro dos Médiuns» o seguinte fato: «Conhecemos um homem, nem moço nem bonito, que, sob o império de uma obsessão dessa natureza, era constrangido por força irresistível a pôr-se de joelhos diante de uma jovem por quem não tinha inclinação alguma, e pedi-la em casamento. Outras vezes, sentia nos ombros e nas pernas uma pressão epérgica, que o obrigava, apesar de todos os esforços, a pôr-se de joelhos e beijar o chão, nos lugares públicos, à vista da multidão. Esse homem passava por louco, entre os seus conhecidos; mas convencemo-nos de que o não era, porque ele tinha plena consciência do ridículo que praticava contra a sua vontade, e sofria horrivelmente com isso.»²⁴

Poderá parecer, à primeira vista, que certo exagero existe da nossa parte, em relação às recomendações feitas para obtermos bons resultados nas sessões; porém, os que conhecem de longa data a complexa prática de tratar com os invisíveis certamente nos darão razão.

Uma das formas mais sublimes da manifestação da Providência Divina às suas criaturas é tê-las dotado de uma faculdade mediúnica, cuja finalidade primacial consiste na cura dos nossos males físicos. Várias são as maneiras por que ela se nos apresenta: — passes, preces e receitas, que vão, desde os simples chás medicamentosos até as especializadas fórmulas em ampolas. Muitas pessoas, beneficiadas por essa abençoada faculdade, ignoram que a verdadeira causa da cura não está na recitação de certas palavras sacramentais. Os bons Espíritos, encarregados de velar pelo bem-estar da Humanidade, sentem-se sempre atraídos pelas preces sinceras daqueles que querem fazer o bem ao seu semelhante. Assim, tenham ou não eles consciência do amparo dos Espíritos, estes aí estarão para transmitir fluidos benéficos, que operam o equilíbrio das funções físicas e conseqüente restabelecimento do enfermo. Os médiums que exercem a sua faculdade, na ignorância completa de que são dotados desse «dom», são classificados, por Allan Kardec, de médiums involuntários, ou naturais.

Fim regra geral, os portadores desse tesouro do Céu são esforçados e abnegados, tendo alguns pago pesado tributo à perseguição da ciência oficial, sob o falso pretexto de exercício ilegal da Medicina. No Brasil, mercê de Deus, não proliferou, como noutros países, a casta dos médiums mercenários. Havendo, pois, devotamento pelas necessidades alheias e completo desinteresse pecuniário, é desumanidade coagir e perseguir os médiums.

Abrimos um parênteses, aqui, para render nossa homenagem sincera e despretensiosa aos magistrados do País que, do norte ao sul, têm sabiamente distribuído justiça, garantindo aos médiums curadores o livre exercício da sua

²⁴ (24) Allan Kardec — "O Livro dos Médiuns" capítulo XXm, 240.

faculdade benfeitora .

Quando, nos meios espíritas, aparece um charlatão, o que felizmente é raro, os adeptos da Nova Revelação são os primeiros a prevenir os incautos. Todos os jornais e revistas, sob a direção de confrades esclarecidos, não se fartam de dizer que todos os médiuns que se fazem pagar, sob qualquer pretexto, não são verdadeiros espíritas.

São denominados médiuns curadores todos aqueles que se dedicam à nobilíssima missão de curar os enfermos. É natural, pois, que gozem de privilegiada proteção do Alto. Todavia, convém frisar, são criaturas humanas como nós, presas à carne, sujeitas às tentações mundanas, ameaçadas pelo orgulho, vaidade e presunção. É, portanto, necessário, para usufruir sempre a valiosa proteção dos Mensageiros do Bem, uma vida de renúncia. Devem lembrar-se da parábola dos talentos, proposta por Jesus aos seus ouvintes, para não enterrarem a riqueza de que se tornaram depositários.

Se além da dedicação à prática do bem, esses abençoados trabalhadores da seara do Senhor estudarem os meios de melhor servir à Causa, então abundante será a colheita.

Procurando humildemente auxiliar esses confrades, dotados de tão afortunados dons, vamos expor o que aprendemos com os mestres e com a experiência própria.

Iniciaremos pela cura, por meio de passes, transcrevendo o diálogo de Allan Kardec com os seus instrutores:

1 — Podem considerar-se as pessoas dotadas de força magnética como formando uma variedade de médiuns?

•— Não podes pô-lo em dúvida.

2' — Entretanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem; ora, o magnetizador, tirando de si mesmo a força, não parece ser intermediário de alguma força estranha.

— É um erro, o poder magnético reside, sem dúvida, no homem; porém, é aumentado pela ação dos Espíritos que ele chama para o auxiliar. Se magnetizas com a intenção de curar, por exemplo, e evocas um bom Espírito que se interesse por ti e pelo teu doente, ele te aumentará a força e a vontade, dirigir-te-á o fluido e lhe dará as qualidades necessárias.

3° — Entretanto, há muito bons magnetizados que não acreditam nos Espíritos.

— Pensas tu, então, que os Espíritos só atuam nas pessoas que acreditam neles? Os que magnetizam, com o fim de fazer o bem, são ajudados pelos bons Espíritos. Todo homem que tem vontade de fazer o bem, chama-os sem o saber; assim como atrai os maus, desde que nutra o desejo de fazer o mal e tenha más intenções.

4" — Aquele que, tendo esse poder, acreditasse na intervenção dos Espíritos,

atuaria mais eficazmente ?

— Faria coisas que considerarias milagres.»²⁵

Não é raro encontrarmos médiuns que, na ânsia de espalhar o bem, aplicam passes sem previamente tomarem algumas explicações. Os passes não são todos iguais, nem os seus efeitos semelhantes. Há passes longitudinais, rotativos e dispersivos. A aplicação deles requer algum conhecimento. Os médiuns de passes, que desejarem aumentar os poderes de sua faculdade, deverão estudar a excelente obra «Magnetismo Curativo», de Afonso Bué, e «Magnetismo Espiritual», de Mi-chaelus.

Os passes são aplicados com as pontas dos dedos, ou com as mãos espalmadas na direção do paciente, ou, diretamente, sob a parte enferma, a pequena distância, ou tateando. Pessoas há que aplicam passes esfregando as mãos sobre os pacientes. Isso deixa de ser passe ou imposição, o que é a mesma coisa, para ser fricção. Neste caso, a experiência nos previne de que deveremos conhecer de antemão o caráter das pessoas que assim procedem, pois, infelizmente, pesa-nos dizer, tem aparecido gente que se finge de espírita e que se aproveita desses momentos sagrados para dar azo aos seus instintos sexuais.

Para aplicarmos passes, deveremos colocar-nos de pé ou assentados a pequena distância- do paciente, que ficará sentado, ou mesmo deitado, quando o seu estado não lhe permitir outra posição.

«Finalmente, antes de procurar tratar de um doente, cumpre fazer um exame em si próprio e refletir maduramente, considerando o objeto que se propõe, que é curar, como verdadeiro sacerdócio; é necessário tomar a resolução de imprimir a todos os seus atos o mais correto procedimento, as mais puras intenções, inteira discrição, dedicação absoluta, e só empreender o tratamento quando se está certo de levá-lo a bom termo, nas condições exigidas.»²⁶

Ninguém ousará negar que a mediunidade é um dom privilegiado de certas pessoas, não dependendo em absoluto de nós a sua aquisição, porém, entre o servir de instrumento puramente passivo aos Espíritos, e desenvolver qualidades, dotar-se de conhecimentos que lhes permitam encontrar em nós forças capazes de aumentar a intensidade das suas manifestações, devemos, sem dúvida alguma, preferir o segundo caminho. Eis a razão por que não nos fartamos de exortar os médiuns ao estudo e à meditação.

Jesus, o meigo nazareno, disse que se tivéssemos fé do tamanho dum grão de mostarda, diríamos a um monte: muda de lugar, e logo ele se transportaria. Assim sendo, se puséssemos toda a nossa fé nas palavras de uma prece oriunda do imo dalma, de quanta coisa, que nos parece impossível, seríamos capazes?

Mas, comumente, nós não sabemos orar: ligamos mais importância às palavras

²⁵ (25) Allan Kardec — "O Livro dos Médiuns", Parte 2<, cap. XIV.

²⁶ (26) A. Bué — "Magnetismo Curativo", pag. 34,

que proferimos do que aos sentimentos que nos animam. Prendemo-nos a fórmulas, a orações coordenadas e decoradas, que, à força de serem repetidas, perdem a sua virtude. Aprendamos a orar; a orar mais com o pensamento do que com as palavras. Deixemos nossa alma partir para o Infinito, em busca do Pai Celeste, suplicando-lhe pelos nossos inimigos, parentes, amigos e protetores, deste e do outro mundo, e, em colóquio com o Pai, por intermédio de Jesus, peçamos mais forças para resistir às tentações do que meios de nos preservar delas. Ê na luta que se revelam os fortes. E' na luta que se sagram os heróis. É na luta, enfim, com as tentações do mundo, que se santificam os homens e as mulheres. Os primeiros cristãos foram os maiores lutadores do mundo. Lutaram contra a maldade dos homens para construírem o edifício majestoso do Cristianismo. Alguns sorriam com o sofrimento, não derramavam lágrimas, pelo prazer de dar o sangue para a argamassa que devia ligar as pedras do templo.

A prece era o refúgio sagrado. Sabiam orar. As palavras recitadas, nos momentos do suplício, tinham os encantos dos gorjeios dos passarinhos no seio da mata, aos primeiros alvares da madrugada.

Todos os Espíritos nos falam de maneira assaz encantadora a respeito da prece. Podemos citar aqui algumas frases da comunicação de Alves Mendes ao médium Fernando Lacerda, insertas no segundo volume da obra «Do País da Luz»:

«Não se sabe bem o que é a prece, senão depois de havermos abandonado a Terra.»

«Pela prece se conhece o estado de pureza da alma. Ela, quando sincera e humilde, estabelece, em volta de quem a faz, tão luminosa e santa irradiação, que dificilmente algum Espírito inferior se atreve a aproximar-se.»

«Ê coisa maravilhosa ver como, às vezes, de sórdida criatura terrena se despede, em suavíssimas efluações, a luz esplendorosa da prece, que vai subindo em ondulações vibrantíssimas até se perder no espaço infinito onde reside Deus.»

«Faz lembrar o carvão negro do arco voltaico, que, tocado pela corrente elétrica, desprende o clarão branco e intensíssimo que se vai perder na distância infinita, em etéreas vibrações.»

«A prece, como a dor, é dos principais fatores na evolução da alma. A dor corrige, desbasta, amolda, modifica, seleciona, esmaga, humilha, enaltece, martiriza, santifica; a prece depura, sutaliza, espiritualiza, liberta, eleva.»

Há pessoas, porém, que desdenham da prece, julgam-na própria de espíritos atrasados; essas, como bem diz Léon Denis, nunca oraram ou não souberam orar.

A prece também cura. Não serve somente para alívio dos sofrimentos da alma, assim nos dizem os Espíritos esclarecidos.

No seio das classes humildes, destacam-se as conhecidas «benzedadeiras». Mulheres ignorantes, na maior parte das vezes fazendo uma espécie de mistério em torno das suas rezas, são chamadas a muitos lares para «benzer» crianças, tirar «mau-olha- do» ou «matar» erisipelas. Pessoas pouco reverentes não as têm

poupado com chacotas e com o ridículo; entretanto, os homens esclarecidos encontram aí um vasto campo de observações.

O «quebranto» e o «mau-olhado» são choques de fluidos que se não identificam nem se harmonizam. Se entre os adultos há pessoas que se sentem mal ante o olhar de outras, é natural que as crianças sofram muito mais os efeitos de um olhar de poderosa influência magnética, consciente ou não.

Na sua quase totalidade, os causadores desses incômodos às crianças ignoram por completo o mal que produzem.

As «benzedadeiras», quando chamadas, operam do seguinte modo: para curar o «quebranto» ou «mau-olhado», tomam um raminho verde, de preferência de arruda, e com ele batem levemente na criança, fazendo movimentos em cruz; para «matar» erisipela, empunham uma faca e com esta cortam no ar, em forma de cruz, um pouco acima da parte doente. Enquanto gesticulam, seus lábios não deixam de murmurar preces, a que dão subido valor. Várias vezes tivemos oportunidade de observar de perto os benéficos efeitos da intervenção dessas incultas e boas mulheres. Elas são médiuns involuntárias ou naturais, e os seus gestos correspondem perfeitamente à aplicação de passes ou imposições das mãos. As preces são poderosos meios de evocação aos Espíritos bons que as assistem.

— «Podem obter-se curas por meio de preces?»

— Sim, se Deus o permite, mas pode suceder que o bem do doente seja ainda sofrer, e, então, acreditais que a vossa prece não foi ouvida.»

— «Há, para isso, quaisquer fórmulas mais eficazes que outras?»

— **Só a superstição pode atribuir uma virtude a certas palavras, e só Espíritos ignorantes ou mentirosos podem alimentar semelhantes ideias, prescrevendo fórmulas. Entretanto, pode acontecer que, para aqueles que são pouco esclarecidos e incapazes de compreender coisas puramente espirituais, o emprego de uma fórmula contribua para lhes dar confiança. Em tal caso não é a fórmula que é eficaz, mas a fé, que aumentou com a ideia atribuída ao emprego da fórmula.»²⁷**

Nos sertões do nosso País, há pessoas dotadas de dons especiais, cuja força atribuem exclusivamente às suas rezas, as quais, ao seu ver, curam até animais, mesmo distantes. Chama-se a isso cura pelo rumo ou pelo rastro. Até este momento, ainda não tivemos oportunidade de observar essas curas, e aqui as mencionamos pela confiança e respeito que nos merecem as pessoas que no-las relataram.

Não é coisa para duvidar, pois há magnetizações que exercem influência a distâncias bastante consideráveis.

Os animais, como as plantas, também são sensíveis à ação magnética do homem; as experiências de pessoas como A. Bué, Lafontaine e outros tornaram evidentes

²⁷ (27) **AJlan** Kardec — "O Livro dos Médiuns", 2* Parte, cap. XIV.

essas provas, conforme se pode ler na obra «Magnetismo Espiritual».

Numerosos são em nosso País os médiuns re- ceitistas.

Em toda a parte eles exercem a sua atividade, prescrevendo, sob a influência de médicos do Espaço, tisanas, homeopatia, preparados ou fórmulas alopatas.

Alguns desses trabalhadores da seara de Jesus estendem o desempenho de sua abençoada missão a distâncias consideráveis. Para isso, é necessário um Espírito-guia, suficientemente esclarecido, e um devotamento sincero, desprendido, uma vida reta.

Nós, francamente, não temos confiança nos bons resultados de certas receitas dadas a longa distância, embora reconheçamos que isso nada representa para os Espíritos. Nossa dúvida é oriunda de termos tido oportunidade de observar que exploradores da credulidade pública lançam mão, constantemente, desse processo de receituário, através de caixas postais, em anúncios pelos jornais.

Tempo houve, e não vai longe, que incrédulos dirigiram, a tais «médiuns», pedidos de receitas para pessoas imaginárias, ou já falecidas, e imediatamente receberam resposta com indicações, como se realmente se tratasse de pessoas necessitadas.

Isso produziu escândalo e muito alarde fizeram aqueles que pretendem entrar a marcha inflexível do Espiritismo.

Alguns desses exploradores têm sido presos e condenados. Um deles mantinha cinco caixas postais e era fabricante dos remédios que receitava.

Exploravam o público, aproveitavam-se do bom nome e conceito do Espiritismo e, fingindo-se espíritas, vendiam os seus remédios. O fato, aliás, se dá em todos os meios sociais. Até senhoras têm sido presas, vestidas de freiras e colhendo espórtulas de casa em casa.

Entretanto, os Centros bem orientados, com médiuns dedicados e merecedores das graças de Deus, saíram-se bem dessas provas, como, por exemplo, no seguinte fato ocorrido em São Luís (Maranhão), fato do conhecimento de numerosas pessoas ali residentes .

O Sr. V.V., juiz federal naquela cidade, depois de contraditar o Espiritismo, resolveu provar a alguns amigos a ineficácia das receitas espíritas. Dirigiu-se a uma sociedade espírita da Capital Federal, cujo nome não nos souberam informar, solicitando receita para um forte e robusto menino, que morava com ele. A resposta não se fez esperar, com estas simples e expressivas palavras: — «Com coisas sérias, não se brinca.»

Admirado do resultado, mas não convencido, mostrou a resposta aos amigos e resolveu fazer novo pedido. Mais uma vez uma advertência como resposta: — «Com coisas sérias, mas, muito sérias, não se brinca.»

Diante da segunda resposta, o Sr. V.V. considerou o Espiritismo como coisa digna de atenção, tanto assim que, tempos depois, recorreu às receitas espíritas com bons resultados.

Outro fato, também digno de menção, foi-nos relatado, ainda em S. Luís (Maranhão), por pessoa que nos merece toda a consideração.

M.S., bastante relacionada no meio, desejou pedir uma receita para uma amiga que se encontrava em estado grave. Uma dificuldade, porém, se apresentou. Toda a família da enferma era cheia de preconceitos religiosos. Não querendo melindrar a família, mas ansiosa por prestar um auxílio, dirigiu-se a um Centro Espírita, também da Capital Federal, solicitando uma receita. Sendo, porém, desconhecedora da Doutrina Espírita, e, como dissemos, não querendo causar dissabores, deu o endereço da sua própria casa, com o nome e a idade da enferma. Decorrido o tempo necessário, chegou a resposta: «Na casa mencionada não encontramos ninguém com o nome indicado.»

Os Espíritos não intervêm somente por meio de receitas. O Dr. Mata Bacelar, de saudosa memória nos meios espiritualistas de Belém (Pará), teve ocasião de observar uma operação feita por um médico do Espaço, por intermédio da Sra. Ana Prado. Este fato, bastante interessante, é narrado com todas as suas minúcias no livro «Renascença d'Alma», de Nogueira de Faria.

E fatos, como este, contam-se aos milhares.

Os médiuns de passes e receitistas deverão ter dias e horas determinados para trabalhar e local exclusivo para esse fim. Já vimos, no capítulo m, os cuidados de que nos devemos cercar para trabalhar com mais proveito. É de toda conveniência que o médium tenha o gabinete separado da sala de espera ou, nessa impossibilidade, seja protegido por um biombo. Os olhares dos curiosos, sobre o médium e o consulente, perturbam a boa manifestação dos Espíritos.

Entretanto, não fica inibido o médium de atender em casos de urgência aos aflitos, que a ele recorram fora dos diis designados, ou longe do ambiente apropriado ao desempenho da sua missão. Em tudo é preciso tomar em consideração as circunstâncias do momento.

Os olhares curiosos, capazes de originar pensamentos levianos, perturbam o médium, impedindo, assim, que o necessitado receba em sua plenitude aquilo de que carece. Todos temos um justo recato em ver expostas, perante estranhos, as nossas misérias físicas ou morais. Estas considerações demonstram cabalmente que o médium curador deve trabalhar afastado das vistas indiscretas.

Em geral, os médiuns curadores são intuitivos, e raramente inconscientes; assim, sem conhecerem bem onde termina o que é seu, e onde começa o que é dos Espíritos, os médiuns devem cuidar com desvelos do estudo da Doutrina, e da sua própria reforma moral. É imprescindível, sobretudo, aprenderem a conhecer e julgar os homens, tratarem com carinho todos quantos lhes baterem às portas. Serenidade de atitudes, semblante risonho e franco, palavras sinceras e afáveis, tais deverão ser os característicos dos médiuns curadores.

Os doentes, sejam da alma ou do corpo, carecem de palavras de encorajamento, conforto e estímulo, para despertar-lhes a fé amortecida e reanimar-lhes o físico

combalido.

O médium curador deverá ter em vista o estado de nervosismo daqueles que o forem consultar, não usando de franqueza rude e anticaridosa, porque de suas palavras poderá resultar algumas vezes maior mal do que o bem desejado. Imagine-se da situação angustiosa de nm doente ao qual o médium falou da impossibilidade da sua cura. Suponha-se uma pessoa atacada de fobia de perseguição, que ouvisse da boca do médium esta tenebrosa afirmativa: «sete ou setenta Espíritos procuram perder-vos». O pobre doente sairia, dali, sentindo junto de si Espíritos de todas as categorias.

Infelizmente, tivemos oportunidade de encontrar médiuns receitistas ou de passes, de trato áspero, como soem ser os médicos de nomeada, envaidecidos pela numerosa clientela.

Numerosos têm sido os médiuns curadores procurados por nós, bem poucos, porém, têm sido os que nos agradaram. O menor vestígio de presunção, de vaidade, de orgulho, é suficiente para fazer desaparecer nossa confiança, por maior e meritório que tenha sido o reclamo feito em torno do médium.

Se um médium se desvia pelos atalhos perigosos da presunção, julgando-se um predestinado, cedo terá a sua «recompensa».

Graças ao Bom Deus, o número desses desviados é bem inferior ao dos abnegados apóstolos da caridade. Conhecemos médiuns que, desde as primeiras horas dos dias destinados ao seu ministério, até as últimas da noite, não se poupam de esforços em benefício do próximo. A esses não faltam o amparo dos bons Espíritos nem o olhar terno e carinhoso de Jesus.

Capítulo VI SESSÕES DE EFEITOS FÍSICOS

Típtologia. — Levitação. — Voz direta. — Escrita direta. — Materializações

Em virtude da morosidade com que se obtêm comunicações típtológicas, raramente encontramos núcleos preocupados com a realização de sessões dessa natureza.

Efetivamente, se com um médium psicógrafo ou de incorporação os Espíritos se manifestam com maia facilidade e desembaraço, por que continuar a usar dos mesmos processos dos primeiros tempos? O Espiritismo, acompanhando o progresso, modifica-se com o tempo e a experiência, na sua parte prática, porquanto a moral é a mesma desde o princípio.

Para se obterem comunicações típtológicas, reúnem-se os adeptos em volta de uma mesa pequena, de três pernas, e sobre ela apoiam com naturalidade as mãos espalmadas, ou simplesmente as pontas dos dedos.

Feita a prece inicial, evoca-se diretamente o Espírito com o qual desejamos

falar, ou pede-se a manifestação de qualquer um, mais qu menos da seguinte maneira: <Se há algum bondoso Espírito presente, pedimos que se comunique conosco, em nome de Deus.>

A presença de qualquer Espírito se faz logo sentir por sinais inequívocos, como estalidos secos, característicos, inimitáveis, semelhantes aos sons produzidos pelo bater com a ponta da unha sobre a madeira. Outras vezes, sem se ouvirem esses ruídos, a mesa começa logo a inclinar-se ligeiramente, levantando um dos pés, caindo bruscamente à posição primitiva, batendo no chão.

Para estabelecer a conversação, convencionou-se a linguagem por meio de sinais, do modo seguinte: uma pancada para dizer sim, duas para significar não, correspondendo as letras do alfabeto ao número de ordem das mesmas, assim: a **1**, b **2**, c **3**, etc.

Sobre a influência de um Espírito, a mesa lembra uma pequena máquina acionada pela eletricidade, a mover-se como se estivesse possuída de vida própria.

Para a realização de sessões de tiptologia, levitação, voz direta e outras de efeitos físicos, não se observam os mesmos preceitos exigidos para as sessões práticas, por serem outros os métodos de trabalho; todavia, a escolha do local e a seleção das pessoas que devem compor o grupo não devem ser relegadas a plano inferior, tampouco nos devemos descurar da higiene da alma.

Alguns adeptos, preocupados em dar uma feição puramente científica a essas sessões, têm chegado ao ponto de desprezarem a prece. É verdade que o reputado publicista espírita Gabriel Delanne disse, a este respeito, o seguinte: — «Sem dúvida, não há necessidade de preces, porque evocamos seres como nós, que só pela sua invisibilidade diferem dos homens...»²⁸

Respeitando essa valiosa opinião, discordamos dela porque a prece, ainda que seja de meia dúzia de palavras, empresta ao ato grave solenidade e profundo respeito.

Allan Kardec e Léon Denis dedicaram, em suas obras, páginas inteiras à prece, realçando-lhe o valioso poder; e sempre encontramos a mesma opinião por parte dos Espíritos.

Ela exalta a nossa fé, enche-nos a alma de esperança e predispõe-nos o coração para os atos abençoados da caridade.

A fim de obtermos qualquer resultado satisfatório nessas sessões, é imprescindível que os membros do grupo tenham paciência e perseverança em elevado grau. Sem isso, nada conseguiremos de aproveitável. Todas as descrições que têm sido publicadas deixam bastante claro as numerosas tentativas infrutíferas para obter-se um resultado bom, ou, quando muito, sofrível.

Muitas vezes o desenvolvimento dum médium dura anos, e o Espírito, para alcançar a plenitude da produção do fenômeno, tem que vencer dificuldades várias,

²⁸ (28) Gabriel Delanne — "O Fenômeno Espírita", Parte Terceira,

e uma delas é, sem dúvida, estabelecer uma confiança mútua sob todos os pontos de vista.

Foi somente depois de três anos de sessões contínuas que William Crookes captou a inteira confiança do Espírito de Katie King, que se manifestou graças à mediunidade de Florence Cook. Outros experimentadores, que se dedicaram ao estudo do fenômeno de materializações, não obtiveram bons resultados senão após conquistarem a confiança dos Espíritos.

Os médiuns chamados de efeitos físicos, quando suficientemente desenvolvidos, e bem orientados, poderão servir para qualquer fenômeno dos considerados nesta categoria.

Frequentemente são esses médiuns sujeitos à rigorosa inspeção, antes da realização dos fenômenos, a fim de os experimentadores se certificarem de que eles — médiuns — não conduzem consigo coisa alguma para simulações. Home, célebre médium inglês, escrupulosamente a exigia; Eglinton, outro médium de reputação mundial, assim procedia, como Eusápia Paladino e outros.

— A razão se revolta com a ideia das torturas morais e corporais a que a Ciência sujeita às vezes entes fracos e delicados, com o fim de verificar se há ou não artifício da parte deles; estas «experimentações», as mais das vezes feitas com mau intento, são sempre nocivas às organizações sensíveis, pois podem produzir grave desordem na economia: é arriscar a vida. O observador de boa-fé não necessita empregar tais meios; aquele que está familiarizado com esta espécie de fenômeno sabe, além disso, que eles pertencem mais à ordem moral que à ordem física, e que de balde se buscaria a solução deles nas nossas ciências exatas.»²⁹

Se o médium, pela sua honestidade, merece a nossa confiança, não é vexatório sujeitá-lo a inspeções? Uma vez melindrado, mesmo sem o deixar transparecer, não poderá o médium cooperar para um bom resultado.

• Submeter a produção do fenômeno a determinadas exigências não é aconselhável, principalmente por quem não tem o tino do bom observador. Quem produz o fenômeno é uma entidade livre como nós, não se sujeitando, portanto, aos nossos caprichos e vontades; além disso, todas as manifestações se regem por leis próprias.

Deixando o fenômeno produzir-se naturalmente, oportunidades várias se nos apresentam, que demonstram exuberantemente a veracidade das manifestações .

Eis alguns exemplos:

«Certa vez fomos assistir a uma sessão na sede do Instituto Metapsíquico Paraense. Feita a completa escuridão no ambiente, nós, que estávamos com arrepios de frio e febre, nos encolhemos na cadeira, tomando a atitude de um enfermo embrulhado no leito. Monteiro Lopes, entidade que se manifestava pela voz direta, riu gostosamente e disse: — «Eu só queria que vocês vissem o jeito

²⁹ (29) Allan Kardec — "O Livro dos Médiuns", 2* Parte, cap. XIV.

dele, tão encolhidinho na sua cadeira de balanço.» Na sala só havia uma cadeira de balanço, e nela estávamos sentado. Na escuridão, em que se achava mergulhado o salão, a ninguém seria possível ver a posição que havíamos tomado.»

— «De outra feita, a sessão decorria satisfatoriamente quando o Espírito anunciou que iria distribuir flores aos assistentes. F. Carvalho, ao receber alguma coisa, pois que nada via devido à escuridão, perguntou se só lhe havia cabido um simples junco. M. Lopes respondeu que lhe havia dado uma rosa. Replicando o Sr. Carvalho, M. Lopes confirmou o que lhe tinha dito. O Sr. Carvalho, para evitar nova contestação, calou-se, convencido de que tinha recebido um simples caule, liso, pois somente isso pressentia pelo tato, na escuridão em que se achava mergulhado o ambiente. Fazendo-se luz, verificamos que na ponta do junco estava habilmente colocada uma rosa.»

— «Em princípios de 1931, realizava-se com pleno êxito uma sessão de voz direta, na sede da União Espírita Paraense, quando tivemos a ideia de tentar comunicações telefônicas. Antes de iniciarmos os nossos trabalhos, recebemos um cartão do Desembargador Nogueira de Faria, então Chefe de Polícia do Estado do Pará, avisando-nos de que era impossível o seu comparecimento, porque um motivo de urgência o retinha na Repartição Central. Desejando pô-lo imediatamente a par do êxito que estávamos obtendo, perguntamos ao Espírito se lhe era possível conversar pelo telefone. Tendo resposta afirmativa, estabelecemos a ligação e entregamos o fone ao médium, que o segurou, esticando o braço inteiramente. O Espírito conversou com admirável precisão. Enquanto o fenômeno se produzia, o médium, em completo estado de vigília, era visto e observado por todos, por estar o salão suficientemente iluminado.»

Sempre que pretendemos impor a nossa vontade, contrariando os Espíritos e constringendo os médiuns, o fenômeno se reduz a proporções nada satisfatórias.

Deixando o fenômeno produzir-se naturalmente, oportunidades várias se nos apresentam, demonstrando exuberantemente a veracidade das manifestações .

A sala para a realização das sessões de efeitos físicos deve ser ampla, arejada e prestar-se a ficar imersa na mais completa escuridão. Uma instalação elétrica adequada a iluminar o ambiente, com a intensidade de luz e variedade de cor que as necessidades exigirem, é, pois, recomendável. Mobiliário simples, paredes nuas, portas e janelas sem cortineis, são cuidados que impõem confiança. Devemos evitar qualquer aparato que deixe supor desejos de simulação.

Num dos recantos da sala, onde não possa haver fácil acesso para outra qualquer dependência da casa, instala-se o gabinete mediúnico. Este pode ter a sua armação de ferro ou madeira, e as tapagens, de pano grosso e preto ou de outra cor bastante escura. A altura do gabinete não deve ser a mesma da sala, para lhe não tornar o ambiente insuportável, pelo calor. As paredes devem ser corrediças, porém, dispostas de modo que, ao se iniciarem os trabalhos, o médium permaneça

separado dos experimentadores.

O médium terá no gabinete uma cadeira ou canapé, que lhe permita recostar-se comodamente, para o transe.

Os experimentadores sentar-se-ão em semicírculo ou em filas, como melhor convier, voltados de frente para o gabinete.

Nessas sessões não há necessidade de concentração, como nas sessões práticas; exige-se, porém, a maior circunspeção. A concentração faz-se de modo diverso: Os experimentadores conversarão sobre assuntos vários, mas que não apaixonem e nem ocasionem discussões. Quando desejável, far-se-á ouvir uma música maviosa e lenta.

O Espírito, para operar, necessita haurir nos experimentadores e especialmente no médium as energias precisas para a produção do fenômeno; a excessiva preocupação dos assistentes, de ver logo os resultados, ocasiona-lhe sérios embaraços. Enquanto os assistentes conversam, absorvendo-se nos assuntos ventilados, o Espírito age com mais liberdade e segurança.

Convém, também, conforme o fenômeno que a faculdade do médium favoreça, possuir o grupo uma coleção de objetos para uso do manifestante, a fim de proporcionar maiores provas de autenticidade. Assim, se for:

a) voz direta, há necessidade de trompas, cornetas, porta-vozes etc.;

b) escrita direta, ardósias simples e duplas que possam ser fechadas e lacradas, folhas de papel liso, lápis, receptáculos para encerrar hermeticamente aqueles objetos;

c) levitação, campainhas, tambores, flores, etc;

d) materialização, caixas gradeadas de regular tamanho para colocar baldes com parafina líquida e com água fria, para feitura de moldes de várias espécies, flores, etc.

Todos esses apetrechos serão utilizados à proporção que as necessidades exigirem e poderão ter uma cinta de substância fosforescente que nos permita distingui-los na escuridão e acompanhar todos os movimentos que o Espírito lhes imprimir.

Nas sessões do Instituto Metapsíquico Paraense era tomada esta medida, que proporcionava provas concretas da realidade dos fenômenos. Via-se, com perfeição, um porta-voz elevar-se no ar, à altura do teto onde batia, e, de lá, ouvia-se partir o som das palavras do Espírito manifestante. Outras vezes, as trompas descreviam círculos em volta da cabeça dos assistentes, que se mostravam medrosos; entretanto, nenhuma vez foi um deles alcançado. Se houvesse simulação, isto seria impossível numa escuridão completa.

Depois que a mediunidade alcançar certo desenvolvimento e os experimentadores se tiverem imposto à confiança dos Espíritos, a escuridão completa deixará de ser condição necessária. Ela irá pouco a pouco sendo dissipada, até que os fenômenos se possam produzir sob luz intensa. Nas últimas

sessões de voz direta que dirigimos, no Pará, já o ambiente era fracamente iluminado e nós nos assentávamos encostados ao gabinete.

Quando, há cem anos, os Espíritos surgiram em todos os recantos do Globo, fazendo-se ouvir, a Humanidade se espantou. A Ciência, cheia de orgulho, negou; as religiões, defendendo interesses, anatematizaram; as sociedades, cheias de preconceitos, desdenharam; mas os Espíritos, indiferentes a essas míseras imperfeições terrenas, não cessaram de trabalhar para despertar os homens do sono da indiferença e da corrupção nefasta, fruto do materialismo.

Como um exército que se aventura na conquista de terra estranha, levando homens para o desempenho de vários misteres, os Espíritos vieram até nós, cada qual com o encargo de uma tarefa. Foi por isso que fenômenos de várias espécies se produziram, cada um com determinado alcance.

Os fenômenos denominados de efeitos físicos tiveram o objetivo de chamar sobre eles a atenção dos cientistas. Logo que muitos destes, colocando a Verdade acima de tudo, fizeram a sua pública profissão de fé, esses fenômenos começaram a diminuir de intensidade por já não serem tão necessários. Ainda hoje, pessoas rebeldes e motejadoras têm passado momentos de apreensão nas chamadas casas mal-assombradas. Cessada que seja a causa, desaparece o efeito, mas o médium que, consciente ou inconscientemente, serviu de instrumento ao Espírito, continua a existir. Os Espíritos, aproveitando-lhe a faculdade, preparam-no para a produção de outros fenômenos. É assim que, atualmente, são raros os médiuns de levitação, voz e escrita diretas, ou materializações.

É natural que assim aconteça, pois sendo a finalidade do Espiritismo cooperar para a redenção moral da Humanidade, as manifestações intelectuais, constituídas na maior parte por ensinamentos transmitidos pela psicografia ou pela incorporação, têm que sobrepujar os fenômenos de efeitos físicos.

Em nosso País, poucos conseguiram despertar a atenção dos nossos estudiosos.

Em sessões de efeitos físicos, embora sejamos de opinião que se não deve revistar o médium como se fora um criminoso, aconselhamos a não desprezar uma única oportunidade de analisar tudo o que ocorre. Na Europa e na América, alguns dos melhores médiuns que levaram a convicção a pessoas de reputação firmada, na sociedade e nos meios científicos, foram apanhados posteriormente em atos de simulação.³⁰

Nas sessões de efeitos físicos, especialmente de materializações, devemos ter extremado cuidado com a assistência, pois esta, sendo constituída de elementos heterogêneos e incrédulos, a maior parte das vezes possuídos da estulta pretensão de mais sabidos que todo o mundo, são capazes de atos irreverentes que podem causar sérios dissabores e até doença grave nos médiuns.

³⁰ (30) No próximo capítulo trataremos deste assunto.

No Instituto Metapsíquico Paraense, um assistente, no decurso de uma sessão de levitação, acendeu poderosa lanterna que inundou de luz o ambiente, no momento exato em que uma trompa, circulada com substância fosforescente, era transportada pelos Espíritos. Esse objeto-foi visto, solto no ar, na altura do teto e, poucos instantes depois, caiu verticalmente ao solo. Além do natural constrangimento que se apoderou de quase todos, o médium adoeceu e o fenômeno deixou de produzir-se durante um período de mais de três meses.

É sumamente necessário fazer sentir a todos o grave perigo que ocasiona ao médium o iluminar-se bruscamente a sala das sessões. A luz só deve ser acesa quando autorizada pelo Espírito-guia.

A materialização é uma operação delicadíssima, que consiste na combinação de fluidos vitais e materiais do médium e dos próprios assistentes com os do Espírito manifestante, até adquirir a aparência de uma pessoa física.

A fosforescência que às vezes determina a visão do corpo materializado é inerente ao Espírito e é humanamente impossível de ser imitada.

Outros fatos poderíamos citar como prova da gravidade do perigo que determina a iluminação inesperada do ambiente, porém, não sendo nosso objetivo demonstrar a ação dispersiva da luz, nem o desequilíbrio das funções físicas do médium, aconselhamos o leitor a compulsar as obras de Alcsahof, Léon Denis, Gabriel Delanne, Paul Gibier, Bozzano e outros autores mundialmente considerados e respeitados .

É de toda a conveniência, portanto, limitar o número dos assistentes em cada sessão e sujeitá-los a uma disciplina e, por isso, cada núcleo de experimentação deverá possuir um regimento interno ao qual todos se submeterão.

Constituído o grupo e iniciadas as primeiras experiências, tudo mais depende do grau de faculdade do médium, elevação dos Espíritos-guias e objetivos a alcançar.

Tudo quanto vimos expondo é o resultado de experiência própria e de leituras de obras de reputados escritores, muitos deles já citados, o que julgamos suficiente para orientar os principiantes, interessados pelos fenômenos de efeitos físicos.

O Espírito-guia das sessões de efeitos físicos deve ser uma entidade esclarecida e boa, e a ação deve ser completada pela do diretor dos trabalhos, que, por sua vez, deve ser um homem de bem.

Acima de tudo, exige-se dos experimentadores desinteresse, honestidade, paciência e perseverança.

De todas as maneiras, os Espíritos manifestam sua existência; assim, seja qual for o seu grau de elevação, mostremo-nos sempre possuídos dos melhores propósitos, se quisermos ter o amparo dos bons e ficar livres das investidas dos maus.

Quanto mais importante é o grau de mediuni- dade de uma pessoa, maiores são

as suas responsabilidades e dos experimentadores que a têm sob o seu controle. Não tenhamos a doentia preocupação de fazer prosélitos entre os chamados homens de ciência, que entendem mais as coisas da matéria que as do coração e da alma. Não é de hoje isso, tanto assim que Jesus disse; «Graças te dou por teres revelado as coisas do Céu aos humildes e pequeninos da Terra e as ocultado aos sábios.» Em ciência, as leis tomam-se conhecidas pela experiência, e, para serem aceitas, é necessário que satisfaçam a todos os casos. O Espiritismo explica todos os fenômenos, analisa-os e deduz as suas consequências; entretanto, o preconceito dos cientistas leva-os a inventar hipóteses que não satisfazem nem a eles próprios, porque uma conclusão arranjada ontem, para explicar um fenômeno, não serve para o observado hoje.

Charles Richet, conhecido como o pai do Metapsíquismo, em quarenta anos de estudos não conseguiu fazer da Metapsíquica uma ciência tão simples, tão fácil de ser compreendida como o Espiritismo, produto de dez anos, apenas, de investigações do inolvidável Hippolyte Léon Denizard Rivail.

É um grande erro julgar que a preocupação dos Espíritos e dos espíritas restringe-se à fenomenologia. O escopo principal da Nova Revelação é espiritualizar a Humanidade, fazendo voltar ao redil todas as ovelhas tresmalhadas pelos ínvios caminhos do materialismo.

Tudo tem a sua época. O tempo tudo destrói. Das grandes Civilizações antigas restam apenas ruínas e simples referências históricas ou religiosas.

As religiões atuais já deram o que tinham de dar. Vivem somente do passado. As preocupações mundanas materializaram-nas, encheram-nas de dogmas que se entrecrocavam com a razão. E quando um homem de ciência, que passou a vida inteira a negar Deus e a alma, pregando o niilismo, ao ver aproximarem-se os seus últimos momentos na Terra, aceita os sacramentos que lhe são oferecidos, as trombetas se fazem ouvir pelos quatro pontos cardeais, anunciando a grande vitória. Insensatos! Nos derradeiros instantes, quase sempre o cérebro humano não funciona mais com a precisão dos momentos de vida sadia e forte. Na maioria dos casos, duas hipóteses se apresentam: uma, a irreverente traição da família às últimas vontades do enfermo, nos paroxismos da agonia; outra, o terrível medo do Nada.

Convém, pois, ó homens de ciência! meditar sobre uma coisa de grande alcance: «Nunca se deve destruir, sem logo construir.» Se a religião dos vossos pais não vos satisfizer mais, antes de se apagarem as últimas brasas do fogo sagrado — a Fé — buscai outra crença que vos satisfaça a razão, a alma e o coração.

Ao investigardes os fenômenos espíritas, preocupai-vos mais com as consequências morais do que em formulardes hipóteses para explicá-los, porque só no Espiritismo encontramos explicações satisfatórias.

Se quereis destruir o Espiritismo, fonte inesgotável de tantas e tão doces consolações, dai-nos, como disse Allan Kardec, mais e melhor.

Ao encerrarmos este capítulo, deixamos aqui registrada a nossa homenagem sincera aos médiuns de efeitos físicos, especialmente aos de materializações, expressa por um pensamento bom, elevado a Deus, em benefício deles, pois quase todos têm sido sacrificados no desempenho de suas missões.

Na Europa e na América do Norte, foram tomados como impostores, charlatães, tendo alguns sofrido prisões prolongadas. Anna Rothe viveu amargurados dias em uma cadeia, impedida de prestar assistência à filhinha.

No norte do nosso País, Anna Prado vergou ao peso dos maiores sofrimentos. Suas lágrimas eram insuficientes para lavar a alma das injúrias que lhe eram atiradas pela coorte chefiada por um sacerdote da religião que se diz de Jesus, o símbolo do amor, da tolerância. Tradições de família, vida honesta e laboriosa, desejo de prestar benefícios, tudo é posto de lado, para só verem simulações.

Os que assim perseguem, julgam-se com a Verdade, mas a Verdade é irmã do Amor. Não pode possuir a Verdade quem se divorcia dos bons sentimentos .

O eco das sensatas palavras de Gamaliel, exprobrando o procedimento do Sinédrio para com os Apóstolos, raramente se ouve em nossos tempos, e, por isso, os atuais fariseus, mais perigosos que os da época de Jesus, atiram-se impiedosamente contra os humildes servidores da seara do Senhor.

Deus, a Bondade Infinita, não esquece um ato de menor importância de seus filhos. Sofrer no desempenho de uma tarefa é glorificar-se perante os Céus. Os médiuns que na Terra souberem enfrentar corajosamente a falange do Espírito das Trevas e a imperfeição dos homens, serão recebidos no Além como os soldados que voltam à Pátria, glorificados nos campos de batalha.

Tu, leitor, que nos acompanhas lendo este livro, eleva também o teu pensamento a Deus pelos médiuns, que são os auxiliares humildes, sofredores e muitas vezes anônimos, da emancipação da Humanidade.

Pede para eles, não os gozos da Terra, mas a resistência às tentações, o desprendimento, a vida de renúncia, a abnegação, a caridade, a fim de poderem cumprir rigorosamente os compromissos assumidos no Além.

Os cegos que nos combatem não avaliam o mal que chamam sobre si mesmos. Impedindo que o Espiritismo ofereça o seu valioso concurso para regenerar a Humanidade, e não tendo elea doutrina melhor para dar, facilitam a implantação do materialismo destruidor.

E tu, médium, que também lêes este livro, prepara-te para a luta. O homem que não trabalha não faz jus ao salário. As necessidades que nos assoberbam são estimulantes para o nosso progresso. Sem elas, a evolução não se faria. Aprende a sofrer com paciência, desempenha a tua tarefa, ora e vigia, que o Senhor será contigo.

Capítulo VII

DESENVOLVIMENTO DE MÉDIUNS. — SEUS DEVERES. — TRABALHO E REPOUSO. — PERDA DAS FACULDADES

Dificuldade de os Espíritos se manifestarem

Uma das mais sérias dificuldades que se antepõem aos experimentadores é, sem dúvida alguma, o saberem trabalhar com os médiuns. Fácil nos é manejar os complicados aparelhos do engenho humano; outro tanto, porém, não acontece com os médiuns, embora os denominemos também de aparelhos. É que eles são aparelhos que pensam, têm vontade própria e necessidades, bem como possuem desejos, caprichos e paixões.

É problema bastante complexo saber desenvolver e bem orientar um médium; requer do experimentador conhecimento prático dos homens e do mundo invisível, bom preparo geral e acurado estudo da Doutrina Espírita.

Fazer sessões é tarefa elevada e difícil, que se não pode restringir a uma série inumerável de comunicações acacias e exortações piegas, que o hábito transforma em banalidades.

Há grupos que passam anos na monótona e improdutiva ocupação de receber manifestações. Os adeptos nada aproveitam em seu benefício, nem concorrem para o bem alheio. Continuam com os mesmos hábitos viciosos, com as mesmas inclinações condenáveis que já possuíam antes de se tornarem espíritas. Entrincheirados na sua presunção, julgam que tudo se aplica aos outros. Nenhum progresso se verifica nesses Centros, nem quanto à melhoria moral e instrução dos seus componentes, nem quanto ao desenvolvimento dos médiuns.

Se analisarmos os ditados obtidos, notaremos a profunda semelhança que existe entre eles. Frases empoladas, com palavras de amor e caridade e seus derivados, são repetidas para disfarçar a ausência de sentido e de fundo moral. Num mesmo grupo, cada uma dessas comunicações traz consigo o cunho capaz de determinar-lhe a origem, qual o médium e qual a entidade do Além.

Faz tempos, conhecemos um médium que empolgava a quem o ouvisse nas

primeiras vezes; entretanto, daí por diante, ficava o observador persuadido de que era um mesmo Espírito sob vários nomes, ou um caso de animismo. Parecia um desses oradores de banquetes, que decoram uma dúzia de chavões. Expressões, imagens, tudo se repetia, com uma única diferença: ora a linguagem era na ordem direta, ora na inversa.

Como esses, muitos outros são encontrados por aí a fora. Julgá-los mal é, de certo modo, imprudente, porque na maioria das vezes bons sentimentos os animam e não são maus os Espíritos que os assistem. O que lhes falta é apenas uma esclarecida orientação sobre a maneira de bem aproveitarem suas faculdades. Para isso, é necessário que, em todos os recantos onde se cultiva o Espiritismo, sejam instituídas escolas de médiuns.³¹

A fim de alcançarmos elevado grau de conhecimento nas artes e nas ciências, ainda que tenhamos trazido grande patrimônio das vidas passadas, que nos faça parecer crianças prodígios, é imprescindível frequentar escolas para receber a instrução de certas e determinadas regras, sem as quais não saberemos coordenar e aproveitar todas as aptidões.

Anos de perseverança e dedicação são necessários a quem quer alcançar a auréola de mestre em qualquer ramo do conhecimento humano. Em Espiritismo nunca chegaremos a mestres, seremos sempre discípulos humildes, mas, a extrema necessidade de os médiuns conhecerem a Doutrina, distinguirem os Espíritos, analisarem as consequências das manifestações, ressalta de maneira evidente o quanto os Centros Espíritas precisam orientar os médiuns.

A faculdade mediúnica é uma graça para a posse da qual muitas vezes não concorreremos, nem nesta vida nem na anterior. Há quem a deseje e não a possua, e quem a possua e não a deseje. Qualquer que seja, porém, o modo por que lhe entramos na posse, é sempre melhor, sob todos os pontos de vista, ser um instrumento esclarecido, ativo e consciente dos Espíritos, do que lhes servir de simples juguete.

Alguns confrades julgam dispensável submeter os médiuns a um regime instrutivo e educacional, sob o pretexto de ser a mediunidade um dom divino. Isto, porém, de forma alguma destrói as nossas asserções.

Excelentes médiuns são recrutados nas classes humildes, ou entre pessoas que pela sua inferioridade moral não se recomendam, e a maioria é refratária ao estudo e à meditação.

Vemos aí a Providência Divina a manifestar a sua assistência aos homens; os da classe humilde servem para demonstrar que Deus não tem privilegiados; os de sentimentos impuros provam que a Bondade Divina fornece aos infelizes os meios de salvação.

Estas simples observações induzem-nos, forçosamente, a ver a necessidade das escolas de médiuns³². Não se destinam elas, como pode parecer, a ensinar

³¹ (31) Ver, & pág. 154, Nota da Editora.

³² (32) Ver, à p&g. 154, Nota da Editora.

meios de conseguir mediunidades ou a conceder títulos ou certificados. Pensar isso, não passa de insciência completa do Espiritismo, ou de pura infantilidade. Elas têm a finalidade de corrigir defeitos, estimular o amor pelo estudo e pela prática do bem, ministrar profundo ensinamento da Doutrina, proporcionar, enfim, humilde, sábio e consciente aproveitamento das faculdades mediúnicas.

Sem as escolas³³, os médiuns com mais dificuldade compreenderão o valor do estudo, a necessidade da disciplina e higiene da alma. O concurso dos médiuns insuficientemente preparados é sempre limitado.

Fazer sessões boas e aproveitáveis, não deve ser o passar interminável tempo numa série de reuniões, a receber simples e banais comunicações. Há grande necessidade de aumentarmos o número dos Centros bem orientados, cujos trabalhos sejam aproveitáveis, dentro e além das suas sedes. É preciso ter em vista a difusão do Espiritismo, aumentar o número de prosélitos, como também socorrer os necessitados, *«de e curai os enfermos»*, disse Jesus.

Em volta de nós, as dores morais e físicas acabrunham os nossos irmãos, e é nas sessões bem orientadas que eles encontram a fonte maravilhosa, cuja água sacia a sede de consolações e cura as dores do corpo e da alma.

O Semeador espalhou, por todos os recantos da Terra, a semente da Nova Revelação. Urge pois prepararmos as searas para colheitas fartas. Orientemos os cultivadores dos campos na maneira de destruir as ervas e insetos daninhos.

Muitos médiuns não produzem tudo quanto de bom poderiam proporcionar suas faculdades, exclusivamente por terem tido um mau princípio de desenvolvimento.

É frequente, logo que alguém sente de maneira acentuada a influência dos Espíritos, fazê-lo sentar à mesa de uma sessão, para trabalhar. Todos aconselham a essa pessoa a prática do Espiritismo, como meio de melhorar-se e prestar a caridade aos seus irmãos da Terra e do Espaço. Se essa pessoa não é indiferente à prática do bem, vê-la-emos imediatamente no desempenho de sua missão. Eis aí um erro gravíssimo. Muita razão assiste a Leopoldo Cirne, mostrando-se inteiramente contrário a esse modo de agir.

Efetivamente, como fazer uma pessoa receber Espíritos, sem um preparo lento e antecipado, para constituir-se senhor absoluto de si mesmo? Se os que já têm tirocínio bastante longo se sentem por vezes envoltos em dificuldades gigantescas, como poderão vencê-las os neófitos? Não é preciso profundo conhecimento para constatar os gravíssimos perigos a que se acham expostos os inexperientes.

Para um médium prestar conscienciosamente e com ótimos resultados o seu concurso, é necessário:

a) vida de renúncia, preocupação continua de progredir espiritualmente, elevar o nível de sua moral, aumentar o seu preparo intelectual;

³³ (33) Idem.

b) possuir Hnmínir» absoluto sobre si mesmo, para só receber os Espíritos que quiser e quando

julgar necessário;

c) tomar-se capaz de reprimir todos os gestos violentos e linguagem obscena ou ofensiva aos Espíritos;

d) saber distinguir a categoria dos Espíritos pela linguagem, fluidos e atitudes;

e) estar sempre prevenido contra qualquer lisonja, porque pode despertar das cinzas das inextintas imperfeições o fogo abrasador da vaidade, do orgulho e da presunção.

Fazer um médium trabalhar quando ele ainda não sabe atenuar nem repelir as influências ocultas, é sujeitá-lo a muitos dissabores, submetê-lo ao jugo de Espíritos de qualquer natureza. Uma pessoa, ao iniciar o seu desenvolvimento, deve sentar-se à mesa como simples assistente. Não deve receber Espíritos, mas observar o modo de trabalhar dos outros, pôr-se ao corrente dos meios de furtar-se às influências dos Espíritos, instruir-se enfim.

É preciso não ter pressa. A pressa é inimiga da perfeição. É preferível **caminhar** experimentando o terreno, a se afoitar e cair num atoleiro. O trabalho do homem sábio e metódico é mais produtivo e menos fatigante que o do ignorante e desorganizado.

Depois de ter frequentado com assiduidade um grupo, poderá o médium começar a sua árdua missão de receber os Espíritos.

O que vimos de dizer é recomendável a todos os médiuns, porém, mais particularmente, aos de incorporação.

Não há regras sem exceções, e na Humanidade todas as coisas se encadeiam por uma escala de gradação infinita. Assim, há médiuns que escapam às particularidades preliminares que acabamos de aconselhar, apresentam-se logo em condições assaz favoráveis para trabalhar com bons resultados. Cumpre ao diretor da seara distingui-los dos outros, para aproveitar logo a cooperação deles.

E' comum a crença de serem os médiuns, em começo de desenvolvimento, aparelhos apropriados exclusivamente aos Espíritos pouco evolvidos. Embora numerosos casos sirvam de base para essa argumentação, não pode constituir regra, porque grande também é o número dos que se iniciaram recebendo logo Espíritos esclarecidos e bons. Disto, temos observações particulares, que a longa prática nos proporcionou.

Justificando as condições estabelecidas acima, esclarecemos :

Uma vida de renúncia é o desapego aos bens terrenos, é lançar o olhar em volta para ver as misérias do próximo e lembrar-se de socorrê-lo, antes de suprir as suas próprias. A elevação moral é a base fundamental do templo que havemos de erigir ao Senhor dos Mundos. Sem ela não teremos ascendência sobre os encarnados e desencarnados. A instrução deve caminhar paralela com a educação moral, para haver harmonia no todo. Em caso contrário, veremos

médiuns de bons sentimentos, sem instrução; ou de péssimos costumes, e instruídos. Estes não podem ser perfeitos obreiros. Os Espíritos de certa elevação só vêm aos meios sérios e bem orientados, da mesma forma que os homens de bem, na Terra, não frequentam os lugares duvidosos. Sem o domínio sobre si mesmo, o médium está à mercê dos Espíritos, fi necessário que ele saiba repelir todas as influências, especialmente quando fora de tempo, isto é, longe do ambiente dos grupos. Se não souber reagir, poderá servir de instrumento contínuo dos Espíritos e ser perturbado até nas suas próprias ocupações de angariar meios de subsistência. Algumas obsessões só se tornaram efetivas por não ter conseguido o médium o controle sobre si mesmo e sobre os Espíritos. O médium, desenvolvido com método e disciplina, chegará ao ponto de reprimir todas as violências dos Espíritos impuros.

Mercê de Deus, durante o longo período de nossa prática espírita, nunca se verificaram, com médiuns por nós desenvolvidos³⁴, dissabores provocados por ofensas físicas ou morais. Não é que Espíritos rebeldes nunca se tivessem aproximado deles, mas simplesmente porque aprenderam a conter todos os impulsos malévolos dos Espíritos atrasados .

Em São Luís (**Maranhão**), os confrades que trabalharam conosco, na modesta seara do Irmão Germano, tiveram oportunidades várias de observar o que acabamos de dizer.

Uma jovem começou a frequentar o nosso grupo para libertar-se de más influências. A sua pouca idade e o seu físico franzino eram obstáculos a que a desenvolvêssemos³⁵ no momento.

Sentava-se à mesa para receber instruções sobre a maneira de defender-se. Muitas vezes, suas mãos crispavam-se em ameaças terríveis e aproximavam-se de nós; seus lábios estremeciam num balbuciar intraduzível. Entretanto, jamais fomos atingidos, e nem um único gesto de defesa alçamos. Observava-se verdadeira luta, a médium torcia-se desesperadamente como quem gesticula para livrar- -à de alguém que a agarra. Depois de uma série de sessões, apesar da pouca modificação no caráter do Espírito endurecido que a influenciava, tinha essa irmã inteiro domínio sobre si mesma. Deixou de freqüentar a seara, por conselhos dos próprios Guias, a fim de aguardar a hora da futura chamada para prestar o seu auxílio. Quando isso ocorrer, essa médium já não será para os Espíritos um simples brinquete, porque, uma vez aprendido o meio de defesa, nunca mais o esqueceremos.

Eis posas, irmãs e outras pessoas amigas, desenvolvidas sob nossa direção, graças à bondade de Deus e de Jesus e o amparo dos nossos Guias, conseguiram completo controle de suas faculdades. Reprimem todos os ímpetos maus e só recebem os Espíritos nos momentos oportunos.

³⁴ (34) Ver, & pág. 154, Nota da Editora.

³⁵ (35) Idem.

Os médiuns devem habituar-se a distinguir a categoria dos Espíritos que deles se aproximam. Para isso, basta um estudo de psicologia prática. Saber observar os homens, analisar-lhes as maneiras, medir suas palavras e aplicar ao mundo invisível, que é apenas reflexo do nosso, o resultado das suas observações.

Nos homens, a fisionomia, verdadeiro espelho da alma, deixa transparecer o amor ou o ódio, o desejo ou o tédio, o saber ou a ignorância, a impureza de sentimentos ou a elevação moral; nos Espíritos, a fisionomia é substituída pelos fluidos. As instruções aos médiuns servem para orientá-los, mas não lhes dão conhecimento completo, pois há sutilezas que a prática de cada um sabe distinguir.

Os Espíritos, ao manifestarem-se, transmitem aos médiuns todos os característicos da sua elevação ou da impureza de sentimentos.

Os elogios, mesmo a título de estímulo, devem ser recetados com muita reserva. O máximo cuidado é pouco, pois os Espíritos lêem o nosso pensamento como em livro aberto, e sabem na ocasião propícia lançar a semente da maldade. Se não nos revestirmos da simplicidade de costumes e da humildade de sentimentos, poderemos deixar nossa alma servir de campo fértil para o cultivo de ervas venenosas.

Como todas as atividades humanas, a faculdade mediúnica não deve ser usada sem ordem e método. Não é aquele que mais se esgota, quem maiores e melhores resultados apresenta, mas, sim, aquele que sabe aproveitar o tempo, trabalhando e repousando .

○ repouso é consequência do trabalho. Na alegoria bíblica do descanso de Jeová, está um ensinamento ao homem para que se não deixe esgotar.

O método de trabalho dos médiuns deve consistir em emprestar o seu corpo aos Espíritos, com determinadas restrições. Não trabalhar a qualquer momento, mesmo porque os bons Espíritos também têm ocupações. Lá, como aqui, só os ociosos estão prontos a atender a todo momento.

Todo médium deve dedicar-se a uma só mediunidade, ou a duas no máximo. Desejar ser médium de tudo, é vaidade imperdoável. Evitar o trabalho isolado. Escolher seara bem orientada. Se for médium de incorporação, não deverá receber mais de dois Espíritos em cada sessão. Se as sessões forem diárias, o que raramente acontece, deverá intercalar dias de descanso. Se a falta de médiuns justificar o recebimento de um terceiro Espírito, o último deverá ser o guia do médium ou um Espírito bom, cuja influência dissipe todas as impurezas deixadas pelos Espíritos atrasados ou sofredores.

Havendo muitos médiuns, é recomendável estabelecer escalas, devendo em uma sessão trabalhar uns, noutra, outros. Enquanto uns recebem, os outros têm oportunidade de observar e colher ensinamentos.

O repouso é uma necessidade. Nenhum médium deve trabalhar a ponto de sentir-se enfraquecer. Os próprios Espíritos recomendam o repouso, e, se não são

ouvidos, empregam, às vezes, meios para serem atendidos.

Eis um exemplo:

«De uma senhora, que tinha passado algum tempo em uma Casa de Saúde em Somerville, Massachusetts, conta-se o seguinte: Era uma viúva rica que tinha recebido educação excelente e fazia parte da melhor sociedade de Boston e dos arredores. Logo no começo do movimento espírita, tornou-se médium escrevente.

Entusiasmada com o novo modo de se comunicar com os mortos, abriu as portas com toda a franqueza àqueles que desejassem fazer uso das suas faculdades mediúnicas, sem exigir paga na entrada, nem remuneração alguma. Sucedia-lhe passar dias inteiros, de manhã até à noite, a dar consolação, conselhos e instruções a todos que vinham procurá-la. O estado de superexcitação, no qual se achava, começava a arruinar-lhe a saúde. Seus amigos invisíveis aconselharam-lhe que moderasse o zelo e não sobrecarregasse suas faculdades. Ela não prestava atenção a esses conselhos, considerando que a obra a que se tinha votado era muito gloriosa para que a desprezasse.

Tinha ela um irmão, médico, que morava na vizinhança. De acordo com a maior parte de seus colegas, ele encarava o Espiritismo, com olho céptico, acompanhando de longe as ocupações da irmã. Chegou à conclusão de que ela se tinha entregado a perigosa ilusão e deu-lhe a entender que acabaria por ser levada para um manicômio, se continuasse no mesmo gênero de vida.

Ora, os amigos invisíveis dessa senhora convidaram-na a descer ao porão.

— Para que, então? — perguntou.

Responderam que receberia a resposta no lugar indicado. Ela apressou-se contra a vontade e divisou uma grande tina. As vozes misteriosas lhe ordenaram que colocasse a tina de fundo para baixo.

— Mas para quê? — perguntou ainda.

— Verás — responderam-lhe. — Agora entra.

Ela recusou a princípio obedecer a essa estranha proposta, mas deixou-se persuadir pelas instâncias dos interlocutores.

Apenas se tinha instalado nesse estranho alojamento, entrou o irmão. Ele a tinha procurado inutilmente no quarto. Tendo vindo informar-se de sua saúde, e notando que estava aberta a porta que dava para a cava, desceu e encontrou a irmã em posição incontestavelmente ridícula. Olhou-a fixamente, manifestou a sua admiração e afastou-se.

Nesse momento, ela experimentou uma espécie de ausência da influência misteriosa que a impressionava e teve o pressentimento de uma crise em sua vida; assim, não manifestou surpresa alguma quando, alguns minutos mais tarde, o irmão voltou e insistiu com ela para dar um passeio de carro, em sua companhia. Ela lhe adivinhara perfeitamente a intenção, mas dirigiu-se, apesar disso, a instâncias dele, convencida de que toda oposição seria inútil. Em pouco tempo eles desceram à porta da Casa de Saúde Mc Lean, em Somerville, onde o irmão a internou na

qualidade de doente afetada de alienação mental.

Quando ela se achou a sós no aposento que lhe tinha sido destinado, exprobrou os amigos espirituais por lhe terem exposto a semelhante infortúnio. A resposta foi:

— Nós o fizemos com intenção deliberada, para teu bem. Não quiseste seguir nossos conselhos e advertências, por isso te atraímos àquele lugar, para evitar a ruína certa, quer moral, quer física, para a qual caminhavas obstinadamente.

Ela compreendeu o acerto desse raciocínio e, resignada, conformou-se com a situação. Felizmente, o asilo de Mc Lean achava-se então sob a direção do nosso velho amigo Dr. Lutero Bell, que se ocupava de pesquisas espíritas; ele acreditava nelas até certo ponto, e conhecia muito bem as diversas manifestações da mediunidade.

Compreendendo em pouco tempo a situação de sua cliente, percebeu que ela não estava de maneira alguma acometida de moléstia mental, que era simplesmente médium, e realizou com ela algumas sessões interessantes. Depois de muitas semanas de repouso e tranquilidade necessários à sua saúde, obteve alta. Entrando de novo em casa, mostrou-se daí por diante mais reservada em suas ideias.»³⁶ Ao começo da narração, tem-se a impressão de haver o médium recebido uma rude provação, porém Deus, que ampara com carinho todos os seus filhos, faz brotar o bem no meio da desgraça, como as lindas flores vicejam nos monturos. Indo para o asilo, lá encontrou um orientador sensato, metódico, que lhe transmitiu ensinamentos preciosos para continuar a sua tarefa de beneficiar o próximo.

Muitas vezes, para o médium ter um repouso completo, atravessa uma fase de aparente perda da faculdade mediúnica. A perda da faculdade pode ser temporária ou definitiva, e nem sempre tem sua origem na fadiga do médium. Outros fatores contribuem para isso. O orgulho, a vaidade, o mau desempenho da missão e a venalidade concorrem em larga escala para privar o médium do dom recebido. As vezes, porém, o médium está sendo submetido à prova da paciência, da resignação e da perseverança, a fim de que os Espíritos possam ajuizar das qualidades de que se acha possuído.

Cada um recebe o encargo de determinada tarefa, mas, tendo o seu livre-arbítrio e estando sujeito às tentações do mundo, pode falir e os Espíritos imediatamente procuram outro, pois isso é dos desígnios de Deus.

«Se falha aquele a quem incumbe uma missão, outro o substitui. Não há missão fatal; o homem é sempre livre para desempenhar a que lhe foi confiada e voluntariamente aceitou; se não a executa, perde o benefício e assume a responsabilidade dos atrasos que podem resultar de sua negligência. Deus pode humilhá-lo com um sopro.»³⁷

³⁶ (36) A Akjakof — "Animismo e Espiritismo", cap. III.

³⁷ (37) AU&n Kardec — "A Gênese".

No período da suspensão do exercício da sua faculdade, o médium não fica privado da assistência espiritual. Seus guias continuam velando por ele. Logo que cessa a causa que a determinou, os Espíritos recomeçam a atividade por intermédio dele.

Apesar de haver médiuns que seguem quase por completo todas as regras e preceitos ensinados pelos Espíritos para favorecer as comunicações, apresentam-se ainda dificuldades tão grandes que escapam aos nossos cuidados e conhecimentos.

Foi isso que levou o Espírito Roberto Hyslop, pai do Prof. Hyslop, a dizer-lhe contristado: «Todas as coisas se me apresentam nitidamente, mas, quando aqui venho exprimi-las, James, não posso.»³⁸

Para os Espíritos se manifestarem com certo desembaraço, precisam encontrar no subconsciente do médium, armazenados, embora não se manifestem, conhecimentos das letras e das ciências, que lhes permitam o uso de termos técnicos e apropriados a certas explicações. É por isso que encontramos pessoas rudes, que apenas falam a língua materna, servirem como intérpretes de Espíritos de pessoas estrangeiras, que usam a sua língua própria, com extrema facilidade; outras vezes, aparecem médiuns analfabetos, que discorrem sobre ciências ou assuntos filosóficos.

A propósito do que acabamos de dizer, o Espírito Camilo Castelo Branco escreveu o seguinte, por intermédio de Fernando de Lacerda:

«Se o teu cérebro estivesse riquíssimo de termos e de conhecimentos, larga, proficiente e pacientemente selecionados e armazenados, eu teria melhor propósito de tudo dizer, com o modo próprio com que o fazia com o material integralmente meu, como o tipógrafo terá mais facilidade de variar de tipo, consoante a riqueza e variedade dos caixotins de que dispuser.

«Isto é comezinho e da mais clara vulgaridade, entre os que regularmente estudam os fenômenos das comunicações.

«Só com grande esforço meu, onsiço empregar termos e modos alheios ao teu especial conhecimento; e o proveito que desse esforço vem, não é assaz compensador, para que me atreite a empregá-lo amiúde. Limito-me a expor o que penso e quero, com a correntia facilidade que o teu intelecto me faculta e a tua quase absoluta ignorância da minha obra literária me permita.

«Trabalho mais depressa; e se a frase perde na forma e no colorido da exposição, o conceito em pouco se míngua e o assunto em nada desmerece, na minha opinião de principal interessado. Digo o que desejo. É o suficiente.»³⁹

Um médium analfabeto pode ser, algumas vezes, a encarnação de um sábio que foi castigado pelo mau uso dos seus conhecimentos. Nisto, por vezes, reside a

³⁸ (38) M. Sage — "Outra Vida?"

³⁹ (39) "Do Pais da Luz" — II vol., cap. XIV.

explicação de encontrarmos pessoas humildes e ignorantes, com facilidade extraordinária para assimilar estudos de ciências, e servirem de instrumento a Espíritos de vastos conhecimentos.

Sem que haja completa identidade de vibrações fluídicas, não se pode estabelecer uma comunicação perfeita. Espíritos há que passam longo tempo em busca de um médium que se preste às suas manifestações.

Léon Denis, que durante anos consecutivos presidiu a grupos notáveis pelos resultados mais satisfatórios, conta-nos que chegou a ver fugir-lhe a esperança de falar com o Espírito de seu saudoso pai. Poderei, a título de exemplo, citar o seguinte fato:

«Meu pai, falecido havia uns quinze anos, nunca se havia podido comunicar, no seio do grupo cujos trabalhos por muito tempo dirigi, por **nenhum** dos médiuns que aí se haviam sucedido.

Apenas um deles o tinha podido entrever como vaga e indistinta sombra. Perdera eu toda a esperança de conversar com ele, quando, uma noite, em Marselha, por ocasião de uma visita de despedida feita a uma família amiga, chega uma senhora, que não aparecia há mais de ano, e, trocados os cumprimentos habituais, toma lugar ao nosso lado. Em meio da conversação, ela cai em sono, espontâneo, e, com grande surpresa minha, o Espírito de meu pai, que ela jamais havia conhecido, se manifesta por seu intermédio, dá-me as mais irrecusáveis provas de identidade e, numa enternecida efusão, descreve as sensações, as emoções que sentira, desde o momento da sua separação.»⁴⁰

Os incrédulos que não buscam estudar a causa da falta de comunicação de um Espírito, cuja presença desejam, dão de si triste atestado de falta de senso.

Parece incrível — justamente porque os mais numerosos cépticos são letrados — que nos julguem «senhores» dos Espíritos, capazes de merecer deles uma obediência de escravo ou de colegiais. Na Terra, vamos onde desejamos, afastamo-nos dos meios que não nos convêm, temos a maior repulsa por quem quer experimentar-nos e até mesmo, nos estabelecimentos de crédito, há pessoas que se enchem de revolta quando, por natural providência, se lhes pede meios de identificação. No outro mundo, sucede o mesmo. Ao transporem os limites deste mundo para o Invisível, levam os homens sentimentos e cultura que constituíam o seu patrimônio, assim como na Terra, na mudança de um país para outro, eles continuam os mesmos.

Além de ser necessário um médium cujos fluidos se identifiquem com os da entidade do Espaço, é imprescindível que bons propósitos animem aqueles que desejam assistir à manifestação de um ente caro. Se apesar de todas as probabilidades parecerem favoráveis, não se verificar o fenômeno, a causa pode ser uma provação para o Espírito ou para aquele que deseja com ele comunicar-se.

⁴⁰ (40) Léon Denta — “No Invisível”, cap. VIII.

Quanta dificuldade existe, entre nós, para que duas pessoas, que falam línguas diversas, se entendam, mesmo com o auxílio de um intérprete? Imaginemos, mesmo, duas pessoas distantes, que falam a mesma língua, e precisam identificar-se através de uma comunicação telefônica; de quantos recursos precisam lançar mão para chegarem a resultado satisfatório?

Era desejo nosso fechar este capítulo apresentando um quadro das variedades por que se nos apresenta a faculdade mediúnica; entretanto, não o faremos, porque as mediunidades, mais comuns, são do conhecimento de qualquer neófito do Espiritismo, e constituem assunto para profundo estudo, que não ficaria restrito numa explicação de meia dúzia de palavras, nem num simples quadro gráfico. Aqueles que desejarem conhecer os meios de privar conscienciosamente com os médiuns, distinguir todas as suas variedades, deverão recorrer ao «O Livro dos Médiuns», onde encontrarão as mais valiosas instruções.

Nesse livro, Allan Kardec expôs o resultado de prolongados anos de observações metódicas e judiciosas, firmado nos esclarecimentos dos próprios Espíritos.

Todas as religiões têm os seus livros sagrados. É neles que os sacerdotes buscam os elementos necessários para instrução dos adeptos. No Espiritismo, que é uma filosofia de consequências religiosas, não há livros sagrados.

«Não confiando a um só Espírito o cuidado da promulgação da Doutrina, quis Deus que tanto o menor, quanto o maior entre os Espíritos, como entre os homens, trouxesse a sua pedra para o edifício, a fim de estabelecer entre eles um laço de solidariedade cooperativa, que faltou às doutrinas de uma única fonte.»⁴¹

Todavia, dentre os homens, uns se avantajaram sobre os outros na escala intelectual ou moral.

A Hippolyte Léon Denizard Rivail, o modesto sábio que se deu a conhecer sob o pseudônimo de Allan Kardec, cabe a auréola de mestre do Espiritismo. É nos seus livros que encontramos a base fundamental da Doutrina Espírita, e por isso não nos fartamos de recomendá-los. Inúmeros são os adeptos que não lhe conhecem todos os livros, e que só empregam seu tempo na leitura de comunicações enfeixadas em publicações ou romances de alcance limitado; isso, no entanto, se é desculpável em pessoas que se não dedicam ao Espiritismo experimental, já não o é com os praticantes, especialmente com os presidentes de sessões.

O médium, qualquer que seja a sua faculdade, jamais deverá deixar de trabalhar com amor e desinteresse.

Os bons sentimentos e a prece são os escudos maiores e mais fortes para a defesa contra os dardos das almas imperfeitas.

Um simples descuido pode favorecer a aproximação delas, e logo o médium

⁴¹ (41) Allan Kardec — "A Gênese", cap. I, ne 54.

começará a sentir tédio, descabidas suscetibilidades, desconfianças pueris, incômodos que às vezes lhe parecem sintoma de moléstia grave. Não comparece à sessão habitual. Na semana seguinte, o mesmo lhe acontece, mas ele não repara que só nos dias de sessão se verifica o fato. Se cede pela segunda vez, fica a poucos passos de cair. Orar e vigiar deve ser a sua preocupação constante.

O médium, dissemos, jamais deverá negar-se ao trabalho, ainda contra a sua vontade, pois neste caso o seu mérito será maior, porque se desempenha dum encargo, vencendo as tentações. A falta de vontade e a repulsa que sente para trabalhar, pode ser muitas vezes influência perniciosa que lhe cumpre repelir.

A todos os médiuns que não trabalham, dirigimos a seguinte exortação: «Irmãos, sois comparáveis aos ricos que negam esmolas, com a diferença de que, na hora da justiça, a vossa pena será mais severa. Os ricos que negam esmolas, talvez tenham conseguido os bens após anos de rude labuta, ou herdado de alguém; de qualquer modo trabalham na sua administração; a vós, nada custou a posse de tão afortunado patrimônio e de nenhum esforço depende a sua conservação. Deveis meditar que eram dirigidas para vós as palavras de Jesus: «Dai de graça o que de graça recebestes.»

«É possível que já tendes censurado um rico de mau coração; entretanto, a vossa riqueza é bem maior, sendo portanto maiores os benefícios que podeis espalhar; mas, apesar disso, guardais avaramente esse tesouro e não proporcionais a caridade, nem a vós nem aos vossos irmãos. Sois o servo mau, que enterrou os talentos da sublime parábola de Jesus.

«Quando penetrardes no Além, podereis ter como castigo não encontrar médium que se preste às vossas comunicações, e serdes impedidos de vos manifestar. Embora repliqueis que ao partir não pretendeis voltar, pergunto-vos: Sabeis o gênero de morte que vos aguarda? Não podeis ser surpreendidos com o decesso no meio dos vossos afazeres? Tereis tempo de dispor os vossos negócios? E, neste caso, a saudade dos entes queridos, a preocupação de um dever não cumprido não vos atrairá à Terra?

«Meditai, irmãos, penitenciai-vos da vossa falta e lançai-vos à seara como os trabalhadores da última hora; pois, se o vosso trabalho for apreciável, tereis direito a um bom salário. Todavia, não penseis nele, mas na sensação agradável que nos enleva ao fazermos o bem aos nossos irmãos. Assim, distinguimo-nos aos olhos do nosso Pai Celeste.» ⁴²

⁴² O desenvolvimento da mediunidade se consegue, tranquila e eficientemente, através do aprimoramento morai e do estudo metódico e sistemático da Doutrina Espirita, como esclarece o Autor em toda a obra. O estudo pode ser realizado individualmente e, também, em grupo nas instituições espíritas. A FEB, porém, não recomenda a adoção de denominações tais como: "escolas de médiuns", "cursos" e semelhantes, que possam induzir à adoção, sempre inconveniente, dos métodos pedagógicos e didáticos da escola acadêmica vigente, ainda que as reuniões que se

Capítulo VII DAS MANIFESTAÇÕES DOS VIVOS E DOS MORTOS

Meios de identificar os Espíritos pela linguagem e pelos fluidos. — Maneira de falar com os invisíveis. — Fraudes e mistificações

No seu admirável livro «Animismo e Espiritismo», A. Aksakof denomina de animismo as manifestações dos vivos. Esse termo foi aceito por todos os espíritas, como necessário apenas para classificação dos fenômenos, porquanto nenhuma diferença existe entre a comunicação de um vivo e a de um morto. A fonte é sempre a mesma, é a alma, quer seja de um vivo ou de um morto, que manifesta sua existência real.

Respondendo ao Dr. von Hartmann, cientista alemão, A. Aksakof analisou os fenômenos com a paciência e a calma com que um cirurgião trabalha numa intervenção melindrosa. A. Aksakof cooperou para aumentar o patrimônio de conhecimentos espíritas.

A obra que vimos de citar, repositório de fatos numerosos e observações sábias, deve fazer parte da biblioteca de todo presidente de grupo, ao lado das de Bozzano, Gibier, Rochas, Schrenck-Notzing e outros. Sem o estudo meditado de livros de tal valor, não terá o experimentador orientação necessária para distinguir e classificar os fenômenos psíquicos.

É por isso que dissemos que a parte moral do Espiritismo está ao alcance de todos, enquanto a parte científica é privilégio dos que estudam.

As manifestações dos vivos podem confundir-se perfeitamente com as dos habitantes do Além, pois os fenômenos se produzem em idênticas condições. Como exemplo, vamos citar os seguintes fatos: a) manifestação inconsciente de uma pessoa distante; b) manifestação inconsciente de uma pessoa presente; c)

façam, sob tais terminologias, sejam de sadia orientação, a exemplo das que se organizam à luz das recomendações constantes neste livro. O "Reformador" tem insistido neste assunto, nos últimos anos, tendo em setembro de 1942 estampado vasto trabalho sobre as chamadas "escolas de médiuns".

Aos Interessados Indicamos, também, o estudo das seguintes obras editadas pela FEB, além das de Allan Kardec, Léon Denis e Gabriel Delanne, citadas no texto desta: "Desobsessão", de André Luiz, e "Estude e Viva", de Emmanuel e André Luiz, ambas psicografadas por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira; "Estudando o Evangelho" e "Estudando a Medlunidade", de Martins Peralva, a fim de completarem sua visão panorâmica a respeito dos problemas da medlunidade, em particular, e do Espiritismo, em geral. (Xota da Editora, em 1973, às chamadas de pé de página às páginas 135, 137 e 141.)

manifestação consciente de pessoa presente.

— «Durante três anos consecutivos pôde o Espírito de um vivo manifestar-se por via da incorporação, no grupo que dirigíamos, em Tours, sem que o pudéssemos distinguir dos Espíritos desencarnados, que intervinham habituadamente em nossas sessões. Os pormenores mais positivos nos eram, entretanto, por ele fornecidos acerca de sua identidade. Dizia chamar-se B. e haver sido sacristão da vila de D., na Sarthe. A voz arrastada, o gesto lento e fatigado, a atitude curvada, contrastavam com as atitudes e gestos próprios do médium e dos outros Espíritos familiares.

Nós o reconhecíamos logo às primeiras palavras proferidas. Punha-se ele a narrar os menores incidentes da sua vida, as admoestações do cura, por motivo de sua preguiça e bebedeiras que tomava, o mau estado da igreja e dos paramentos confiados aos seus cuidados, e até as suas infrutíferas pesquisas no Espaço, a fim de encontrar a confirmação do que lhe havia sido ensinado.

Tudo nele, propósitos, recordações, pesares, nos dava a firme convicção de estarmos tratando com um desencarnado.

Não foi por isso pequena a surpresa que experimentamos quando um membro do nosso grupo, tendo ido à indicada região e sido encarregado de proceder a uma pesquisa, nos informou que B. ainda pertencia a este mundo. Tudo o que nos havia dito era exato. Nosso secretário pôde vê-lo e conversar com ele. Achando-se velho e cada vez mais dado à preguiça e à embriaguez, tivera que abandonar suas funções. Todas as noites, às primeiras horas, deitava-se e adormecia profundamente.»⁴³

— «Em uma noite de abril de **1926**, em Mos- soró (Rio Grande do Norte), reunimo-nos com alguns amigos para a sessão habitual. Fazia parte do nosso grupo, F. Silva, um dos mais dedicados médiuns videntes que temos encontrado até ao momento.

No decurso dos trabalhos, ele divisou algo que lhe não pareceu ser a presença de uma entidade do

Espaço.

Ao ser suspensa a concentração para pequeno repouso, estabeleceu-se entre ele e outro companheiro o seguinte diálogo:

F. Silva — O irmão F. não se concentrou devidamente hoje, não é verdade?

F. — Perdão, posso garantir que hoje foi um dos dias que julgo ter melhor me concentrado.

F. Silva — Se não foi o irmão, foi outra pessoa. Estou certo de que alguém se distraía durante os trabalhos.

Nessa altura, vimo-nos obrigado a dizer que a falta nos cabia. O confrade F. Silva contou, então, a sua vidência. Tinha visto uma jovem, de forma diferente da

⁴³ **(42)** Léon Denls — "No Invisível", cap. XII.

que os Espíritos costumavam aparecer-lhe. Descreveu circunstanciadamente todos os característicos capazes de identificar a aparição, acrescentando que ela se mostrava e desaparecia com frequência, não tendo ele jamais presenciado um fenômeno igual. Terminada a sua narração, contamos então de que modo nos tínhamos distraído. Nessa mesma noite, após a sessão, deveríamos ir à casa de um amigo, cuja filha havíamos solicitado em casamento, para um colega bancário. A preocupação de não faltar à hora marcada, contribuiu para que, inconscientemente, se produzisse na sessão um fenômeno que julgamos ser o reflexo do pensamento ou uma forte atração da alma da moça.»

— «Em 1860, eu passava o verão na aldeia de Balaya Kolp (perto de Moscou), que é propriedade do Príncipe Shahovskoy.

Sua sogra, a Princesa Sofia Shahovskoy, tinha adquirido o hábito de tratar pela homeopatia os doentes dos arredores.

Certo dia levaram-lhe uma menina doente. Indecisa quanto ao remédio que lhe devia administrar, a princesa teve a ideia de pedir, por meio da mesa, um conselho ao Dr. Hahnemann. Eu protestei energicamente contra a ideia de tratar um doente segundo as indicações de um ser que não se poderia identificar. Insistiu-se, apesar da minha oposição, e conseguiram instalar-me diante da mesa, com a jovem Kovaleff, pupila da Princesa Shahovskoy.

Eu não confiava, então, na homeopatia e era de opinião que nos casos graves cumpria transportar qualquer doente à casa do médico da povoação. A despeito dessa oposição interior, pois eu me abstinha de estendê-la até à atividade das mãos — o pé da mesa soletrou, por meio de pancadas, o nome de Hahnemann, o que me contrariou bastante e fiz votos íntimos para que ele se recusasse a formular um conselho. E justamente a frase ditada foi que ele não podia dar conselhos. — A princesa contrariou-se, por sua vez; atribuiu essa recusa à minha oposição e afastou-me da mesa. Não posso dizer se quem me substituiu foi a própria princesa ou outra pessoa. Sentei-me perto da janela, a alguns passos da mesa, e esforcei-me por uma concentração de toda a minha vontade, em fazer reproduzir pela mesa uma frase que formulei mentalmente. Então a princesa perguntou por que motivo Hahnemann não podia dar conselhos. A resposta foi (em francês): «Porque eu me tornei um insensato em questões de Medicina, desde o dia em que inventei a homeopatia.» Ditei esta frase fazendo um apelo a toda a minha força de vontade e concentrando o pensamento sucintamente sobre cada uma das letras que deviam vir. Estou lembrada de que nenhum erro foi cometido durante a transmissão desta frase. Apenas foi terminada, senti violenta dor na cabeça.»⁴⁴

Julgam certos adeptos que a intuição e a assistência dos guias espirituais suprem perfeitamente a falta de conhecimentos; não refletem, porém, que sem termos ciência das coisas não poderemos ter percepção para distingui-las, e que a

⁴⁴ (43) A. Aksskof — "Animismo e Espiritismo", cap. TV

assistência dos nossos protetores é limitada. Sem estudos, não seremos capazes de fazer deduções metódicas e acertadas. Se os Espíritos nos dissessem tudo, nenhum mérito teríamos e nenhum progresso conseguiríamos; pois, pela lei natural do menor esforço, acabaríamos por abdicar da nossa razão, contando exclusivamente com o que proviesse dos invisíveis .

A primeira narração corrobora perfeitamente este fato. Durante três anos o Espírito de um vivo se manifestou num grupo, sem que os seus componentes tivessem o menor aviso dos seus guias espirituais. Entretanto, certo estamos de que foram eles que concorreram para a descoberta, a fim de proporcionarem aos seus protegidos mais uma oportunidade de estudo. O profundo respeito e gratidão que Léon Denis manifestou pelos seus guias, levaram-nos a pensar assim.

Quando se têm bons videntes, suficientemente desenvolvidos, não se toma difícil distinguir as manifestações da» ^{alrnm} encarnadas das de entidades do Além. Uma diferença bem frisante consiste em apresentarem as almas dos vivos um fio luminoso, alongando-se pelo espaço, semelhante à cauda de um cometa. É o laço que liga o Espírito ao corpo. Por maior que seja o desprendimento e a distância, ele não se parte senão com a morte. Em certas circunstâncias não será difícil haver confusão. Imaginemos que é evocado um Espírito que já está encarnado novamente, sendo-lhe permitida a comunicação. A fim de que isso se possa produzir, a nova personalidade deverá cair em transe ou adormecer.

O Espírito semiliberto comparecerá ao grupo, e, pela natural diversidade de dons — poderá ser visto por um médium, tal como foi, e, por outro, tal como é em sua nova vida. Desse modo, é lógico que o fio fluídico será observado com maior ou menor intensidade, conforme o grau de faculdade dos médiuns.

Os videntes são muito bons auxiliares em qualquer grupo, porém, como todos os médiuns, estão sujeitos a ser ludibriados. Ê pois indispensável recomendar a análise criteriosa de todas as descrições que fizerem, especialmente se as visões se apresentarem sob forma alegórica.

A razão e o bom-senso são mais difíceis de serem enganados, principalmente se a eles se aliar a rara faculdade da vidência mental.

Das medi unidades, parece-nos que a intuitiva é a menos sujeita a mistificação, pelo simples fato de não saberem com precisão, os possuidores dessa faculdade, onde acaba o que lhes pertence e começa o que vem dos Espíritos. Assim, mais que os outros médiuns, eles raciocinam demoradamente todas as vezes que recebem pensamentos estranhos.

Os videntes devem estar sempre prevenidos contra os Espíritos que se transformam ardilosamente em várias personalidades ou mudam de vestuário.

A interpretação das vidências cabe ao diretor dos trabalhos, ou aos seus auxiliares. Aos videntes compete distinguir a categoria dos Espíritos, pelos fluidos e pelas atitudes.

Os médiuns deverão receber elucidações bastante claras e precisas, porque há

Espíritos sofredores, bons; sofredores, maus; instruídos ou ignorantes, como felizes e desgraçados.

Os sofredores maus, em geral, deixam no médium a sensação de forte calor ou frio intenso, mal-estar inexplicável, angústia tal, cujo término só se verifica depois de certo tempo, ou mais rapidamente com a incorporação de um Espírito bom, ou do próprio Guia do médium.

A princípio, os médiuns sentem certa dificuldade em distinguir os bons dos maus, mas, depois de receberem algumas explicações e praticarem, aprendem a conhecer os invisíveis, como nós, com o decorrer dos tempos, acabamos por não confundir os tratantes com os homens de bem.

As manifestações dos obsessores não devem ser provocadas senão com as devidas cautelas, sob a orientação do guia espiritual, e nem todos os médiuns estão em condições de recebê-los, pois, embora eles, às vezes, não manifestem sinais evidentes de sofrimentos, experimentam cruciantes dores e deixam nos médiuns uma perniciosa influência que chega até a lhes causar males físicos. As pessoas sensíveis, delicadas de físico, nem sempre podem servir de instrumento a Espíritos endurecidos e maus.

A aproximação dos bons, que já não são atormentados por sofrimentos atroz, é tão agradável como a brisa suave e fresca de uma tarde primaveril. A influência deles se torna tão sutil que o médium se sente transportado, enlevado, persuadido de que não está sendo influenciado.

Uma vez, no Grupo «Paz e Harmonia», sentimos a intuição de que o médium M. estava vacilando em dar uma comunicação. Dirigimo-nos a ele sobre o modo de prestar o médium o seu concurso aos Espíritos, e imediatamente ele começou a transmitir uma admirável exortação. Ao encerrar-se a sessão, disse-nos que estava debaixo de agradável sensação, como nunca tinha experimentado, e, por isso, julgava que não se encontrava sob a ação de um Espírito.

Os Espíritos inferiores costumam simular sofrimentos para melhor se insinuarem. O presidente de uma sessão nunca deve perder de vista o médium que estiver recebendo uma comunicação, porque os Espíritos, queiram ou não, transmitem aos médiuns as sensações de suas próprias dores, gestos e expressões fisionômicas, assaz denunciadoras. Mais de uma vez tivemos oportunidade de desmascarar mistificadores, que se traíram desse modo.

Com exceção dos Espíritos elevados, a primeira impressão que causam os Espíritos, ao se aproximarem dos médiuns, é uma espécie de choque elétrico, ou uma formigação semelhante à que sentimos quando deixamos por longo tempo um membro, sem movimento, ou em posição forçada. Logo depois, uma impressão de peso ou leveza apodera-se da pessoa, parecendo que o Corpo cresce como balão.

Um bom Espírito, quando já tem a nobre missão de guia, não produzirá, em absoluto, num médium, sobressaltos e contrações fisionômicas, que dêem indícios

de sofrimentos, a não ser que o médium seja convulsivo⁴⁵, coisa bastante rara. Durante todo o tempo que nos iniciamos na prática espírita, até hoje, apenas encontramos um médium dessa natureza. E foi somente depois de certo tempo de observações sobre o caráter do médium, e dos esforços do seu guia espiritual, que pudemos classificá-lo nessa categoria.

Pelo que acabamos de dizer, não se deverá supor Espírito elevado o que faz o médium sofrer ao recebê-lo. Exemplifiquemos: Comunica-se um Espírito expressando-se em termos autoritários, aconselhando de maneira firme e imperiosa, alegando a sua qualidade de guia do Grupo ou de uma pessoa qualquer. — Só esse modo de proceder é bem significativo. Se observarmos atentamente o médium e notarmos contrações fisionômicas análogas às das pessoas que desejam esconder seus sofrimentos, poderemos concluir, sem medo de errar, que nos encontramos diante de um impostor.

A simulação é sempre indicio veemente de inferioridade. Os bons Espíritos nunca impõem, tampouco usam de ludíbrio, para conseguirem os seus objetivos.

Os experimentadores jamais deverão esquecer que a linguagem é um dos meios mais seguros para conhecermos a elevação dos Espíritos. Nunca é demais trocarem entre si, os membros dum mesmo grupo, impressões francas e leais sobre as manifestações recebidas, pois, deste modo, a presunção e a vaidade terão mais dificuldade de implantarem-se no meio.

A linguagem identifica sempre o Espírito. Os sofredores lamentam as suas dores, os obsessores deixam transparecer ódio e desejo de vingança, os impostores falam com autoridade e imposição, os velhacos revelam ciúme e inveja, os zombeteiros têm a preocupação de causar hilaridade.

Os bons respeitam as nossas convicções, nunca descobrem coisas íntimas que possam envergonhar alguém diante de outrem; aconselham e suas palavras parecem com as que um pai amoroso dirige aos seus filhos, induzindo-os ao bom caminho. Até mesmo o simples gracejo é diferente. O proveniente de um Espírito bom, é fino, agradável, causa bom-humor, mas não suscitabiliza, não ofende, não acabrunha. O de origem má é grosseiro, ferino, perverso.

Um Espírito bom, quando necessita advertir-nos sobre qualquer motivo, fá-lo de maneira hábil, sem causar humilhação ou constrangimento. Eis um exemplo edificante:

«Acontece frequentemente que pessoas vindas pela primeira vez às nossas reuniões e desconhecidas dos médiuns, recebiam conselhos, palavras de animação ou censura, apropriadas ao seu estado moral e aos seus secretos pensamentos. Essas advertências, obscuras para os outros ouvintes, eram sempre claras e positivas para os interessados. E não era um dos menores atrativos de tais manifestações essa arte que empregava o «Espírito Azul», em falar diante de

⁴⁵ (44) Vide "O Livro dos Médiuní".

todos, de coisas íntimas e ocultas, de modo a evitar qualquer indiscrição, tornando-se perfeitamente claro para a pessoa alvejada.»⁴⁶

Quanta ventura a de possuir o privilégio de contar com protetores invisíveis dotados de tal elevação!

Para conquistá-la, é necessário dedicação, perseverança, vontade firme de progredir e fazer o bem, e isso só conseguimos depois de largo tirocínio de experimentação.

Os Espíritos sérios são incapazes de responder sobre o que ignoram. Confessam-no sempre com naturalidade, e, quando sabem e não lhes é permitido dizer, não usam de subterfúgios em suas respostas.

Não predizem o futuro senão em casos especiais, e isso mesmo quando a revelação não pode mais tolher a marcha dos acontecimentos, nem influir na vontade dos protagonistas.

Os levianos e pseudo-sábios respondem a tudo sem a preocupação das conseqüências, boas ou más, oriundas das suas palavras.

Ê imprescindível vigilância contínua contra a lisonja e suposta descoberta de coisas ocultas. Devemos ter, mesmo, repulsa pela revelação dos segredos íntimos que possam afetar a honra e o brio de alguém. Ainda que o Espírito justifique boa intenção, não se lhe deve dar crédito, pois os bons jamais humilham. O modo de proceder deles é sempre firmado no bem e no amor. Eles agem, quando necessário, do mesmo modo que agia o «Espírito Azul» de que nos fala Léon Denis.

Lamentáveis casos de dissolução de Grupos, de lares, rompimento de fraternas amizades, já se têm verificado, devido a insinuações sutis e perversas de Espíritos inferiores.

Muita prevenção devemos ter, também, com as manifestações que venham aureoladas de nomes respeitáveis, pois é muito comum usarem desse artilho os Espíritos malévolos, quando se querem impor no meio. Apesar de bastante conhecido esse artilho, ainda há muitas pessoas que se deixam ludibriar, causando admiração aos confrades. É que os Espíritos, percebendo os intuitos secretos dos experimentadores, sabem aproveitar-se capciosamente dos seus pontos vulneráveis.

Já tivemos a tristeza de assistir a sessões, nas quais, manifestações pueris, destituídas de qualquer coisa aproveitável, eram atribuídas a entidades veneráveis nos meios religiosos, científicos ou artísticos.

Todos esses perigos, que vimos expondo, têm contribuído para a queda de muita gente, simplesmente porque não sabem ou não recordam, com insistência, o sublime conselho do Espírito São Luís: — «Qualquer que seja a confiança legítima que vos inspirem os Espíritos que presidem aos vossos trabalhos, há uma

⁴⁶ (45) Léon Bonis — “No Invisível”, cap. XIX.

recomendação que não cessaremos de repetir, e que deveis ter sempre em mente, quando vos entregardes aos vossos estudos:

é que deveis pensar, refletir e sujeitar, ao rigoroso e severo exame da razão, todas as comunicações que receberdes, e que não vos descuideis de pedir as explicações necessárias, desde que qualquer ponto vos pareça suspeito, duvidoso ou obscuro, a fim de vos fixardes.»⁴⁷

Todos quantos trabalham com elevados fins e são assistidos por Espíritos verdadeiramente preocupados com o bem de seus irmãos terrenos, recebem constantes advertências, avisos e conselhos, prevenindo-os contra a astúcia dos Espíritos das trevas.

Fernando de Lacerda, que já tivemos oportunidade de citar, recebeu do Espírito que se deu a conhecer como «Castilho» uma comunicação da qual destacaremos, para o nosso livrinho, o seguinte trecho: «...Cautela, pois. Nenhum de nós estranhará as provas a que nos submeteres; e quanto mais rigorosas, mais nos alegrarão, por te vermos alerta. Tu é que te debes acautelar com aquelas a que te queiram submeter.»⁴⁸

Muitas vezes são os próprios membros dos grupos que contribuem para as mistificações, pois que se aborrecem com manifestações de Espíritos sofredores e só desejam comunicações de Espíritos elevados.

Já encontramos alguns médiuns que tinham a vaidade de dizer que não «emprestavam» mais seus aparelhos para Espíritos atrasados.

Há muitos anos, fomos obrigados a trabalhar numa cidade onde a ausência de médiuns desenvolvidos nos provocava sérios embaraços. Os poucos de que dispúnhamos, só se prestavam para comunicações de Espíritos sofredores e bastante atrasados. Em pensamento, solicitávamos orientação do Alto, que mercê de Deus nunca nos faltou. Nós a desejávamos, porém de maneira mais positiva do que se apresentava. Queríamos manifestações de Espíritos mais adiantados, que transmitissem oralmente, ou pela psicografia, conselhos ou esclarecimentos de que estávamos carecendo, e, por isso, tínhamos certa tristeza que tal não se desse.

Uma noite, após ter sido doutrinado um Espírito sofredor, disse-nos ele assim:

— «Escuta, agora, o recado dum Espírito claro e bom, que nos auxilia nas comunicações neste grupo e também te protege: Os guias não podem tomar o lugar dos sofredores ou de outros necessitados, para satisfazer desejos que se não justificam. Quando a manifestação de um protetor se toma necessária, costuma ser dada mesmo sem ser pedida ou desejada. Os bons Espíritos têm meios de agir direta ou indiretamente, e a prova tens nos resultados que vens obtendo.»

Ao ouvir estas palavras, transmitidas com tanta justeza por um simples

⁴⁷ (46) All&n Kardec — "O Livro dos Médiuns", 2* Parte. cap. XXIV.

⁴⁸ (47) Fernando de Lacerda — "Do Pais da Luz", volume, cap. XXI.

sertanejo, insciente completamente da Doutrina Espírita, sentimos uma grande satisfação e até comoção e nunca mais pedimos, mesmo por pensamento, comunicações de Espíritos protetores. Nos momentos propícios, eles encontram os meios de demonstrar sua presença e amparo.

Julgamos muito a propósito inserir aqui a seguinte comunicação:

«Com que fim pedis quase sempre comunicações dos Espíritos? Para terdes belos trechos e os mostrardes aos vossos conhecidos como prova do vosso talento? Conservá-las carinhosamente nos álbuns, mas sem um lugar no vosso coração? Pensais que muito nos lisonjeia o apresentarmo-nos em vossas assembleias, como num concurso, a fazer rasgos de eloquiência, para que tenhais o gosto de dizer que a sessão estava interessante? Que vos resta quando achais uma comunicação admirável? Julgais que vimos aqui buscar os vossos aplausos? Desenganai-vos; não nos apraz divertir-vos de qualquer modo que seja; de vossa parte, procurais dissimular a caridade, pois o nosso fim é tornar-vos melhores. Ora, quando vemos que as nossas palavras não frutificam e que tudo se resume, de vosso lado, a uma estéril aprovação, vamos procurar almas dóceis; deixamos, então, que venham em nosso lugar os Espíritos que só desejam falar, e não há falta deles. Admirais-vos de os deixarmos adotar o nosso nome? Que vos importa, desde que o nome não tem importância? Entretanto, sabeis que o não consentimos, em relação àqueles por quem, realmente, nos interessamos, isto é, aqueles com os quais sabemos não perder o nosso tempo. Esses, sim, são os que preferimos e preservamos da mentira. Queixai-vos de vós mesmos, se tantas vezes sois enganados; para nós o homem sério não é aquele que deixa de rir, mas aquele cujo coração se impressiona com as nossas palavras, e que medita sobre elas e delas se aproveita. — Massilon.»

49

A reserva com que devemos acatar as manifestações de Espíritos de pessoas respeitáveis, por qualquer título, na Terra, não deve ser extremada ao ponto de as tomarmos logo como meras mistificações. Nosso dever é passar tudo pelo crivo do mais severo exame, e nunca aceitar aquilo que for de encontro à nossa razão. Antes, porém, que tenhamos fundados argumentos para crer, jamais devemos afirmar, dizendo: «Esta manifestação é de A., de B. ou de C.»

As comunicações de Espíritos humildes, desconhecidos, ou de parentes nossos, são tão interessantes ou mais, ainda, que as de pessoas célebres, porquanto aquelas são sempre mais fáceis de identificar, do que estas. Além das dificuldades habituais que se nos apresentam, como falta de afinidade de fluidos, antagonismo de sentimentos do médium com os Espíritos, o desconhecimento, por vezes, da História e da vida privada ou pública do comunicante, temos a considerar, também, a sua natural evolução. Julgar, por exemplo, que os Espíritos Nero, Alexandre VI, Torquemada, viriam hoje comunicar-se com as mesmas imperfeições morais que

contribuíram para sua negra celebridade, seria negar-lhes o progresso a cuja lei nenhum Espírito pode escapar.

Não pode deixar de fazer parte dos nossos estudos a maneira de falar aos Espíritos que se comunicam. Não é isso coisa fácil, como se julga à primeira vista. Se entre os nossos irmãos invisíveis se encontram alguns que rapidamente assimilam o sentido das nossas palavras, outros há, cuja compreensão se faz com dificuldade. Se o Espírito é sofredor e revoltado contra sua situação, se tem pouco tempo de desencarnado e nenhuma noção possui da vida do Além; se fortes laços materiais o prendem a este mundo, então, o nosso esforço se toma maior e mais complexo o nosso trabalho, não só para esclarecê-lo devidamente, como também para tirar algum proveito das suas manifestações.

De princípio, devemos logo dizer que, em hipótese alguma, deveremos falar aos Espíritos de coisas que nos acanharíamos de tratar numa conversação, caso eles estivessem ainda encarnados. A única diferença entre os Espíritos e nós, é a falta de corpo físico. No mais, continuam tal qual foram na Terra. Por vezes, quantas tentativas fazemos para nos aproximar de alguém, a fim de tratar de determinado assunto, sem que a coragem nos anime a falar. Por que, pois, pelo fato de a entidade achar-se apenas invisível aos olhos do nosso corpo, vamos proceder de maneira contrária?

Nossa linguagem com os desencarnados deve ser idêntica a que empregamos entre nós. Jamais, especialmente com os obsessores e maus Espíritos, devemos impor-nos com autoritarismo e severidade; as nossas palavras devem ser portadoras de conforto, estímulo e consolação, e para isso devem expressar bondade, encorajamento, doçura e amor, a fim de enternecê-los. Só assim, e com preces, é que conseguiremos modificar-lhes o caráter. Falar com rispidez, causa sempre revolta e arriscamos a cair no ridículo, como o confrade de quem nos fala Allan Kardec, em «O Livro dos Médiuns», e que recebeu esta significativa resposta: — «Deixa-me sossegado, que com teus modos de mata-mouros és tão bom como eu, és como o ladrão que quer moralizar outro ladrão.»

Uma palavra meiga, mais conselheira que imperativa, produz um prodigioso efeito. O mesmo acontece entre nós. Porventura não nos revolta o modo insolente de certas pessoas dirigirem-se aos seus semelhantes, especialmente quando conhecemos o nível moral em que se encontram?⁵⁰

Em todos os casos que tivermos de estar em contacto com os Espíritos, é imprescindível captar-lhes a confiança, fazer deles amigos dedicados, e, para isso, é necessário que a nossa linguagem tenha o encanto de despertar-lhes bons sentimentos, por mais perversos que eles nos pareçam.

Hoje ninguém mais terá coragem, estamos certo, de perguntar aos Espíritos que idade tem A. ou B.; quanto F. tem no bolso ou outras puerilidades, visto

⁵⁰ (49) Vide caps. IX e XIV do livro "Pontos e Contos".

haver assuntos mais importantes e não constituir isso, em absoluto, elemento preciso de investigação; todavia, ainda existe muita pergunta fútil, que pessoas inescrupulosas dirigem aos Espíritos. Na Terra, nenhuma pessoa de certa ilustração e elevação moral sujeitar-se-ia a responder a perguntas triviais.

As banalidades e coisas mundanas e mesquinhas somente interessam aos Espíritos imperfeitos, e esses, mais numerosos, estão prontos a tudo responder

De quanta paciência deve revestir-se a nossa linguagem dirigida a um Espírito perturbado, cheio de angústia! Imaginemos um homem caminhando despreocupadamente por uma estrada. Inesperadamente, é acometido de uma síncope ou vítima de um atentado. Perde os sentidos. Ao voltar a si, quanto tempo necessita para coordenar as suas ideias? Tudo lhe parece confuso. Tudo lhe é estranho. Ao se lhe indagar quem é, qual a família, onde mora, com muita dificuldade receberemos as respostas, e, por vezes, até o próprio nome não sabe dizer. Segundo dizem os próprios habitantes do Além, tal é a situação de um recém-desencamado. Vagam no Espaço, julgando-se vivos, sem conhecerem a sua nova situação, numa angústia indizível. É preciso, pois, que os doutrinadores saibam falar com os irmãos invisíveis.

Até hoje o único homem que soube com proficiência e rara habilidade falar aos Espíritos, tendo o objetivo firmado de colher frutos benéficos para a Humanidade, foi incontestavelmente Hippo- Iyte Léon Denizard Rivail, o mestre Allan Kardec. As suas obras são, como ele diz, mais dos Espíritos que dele próprio. O seu concurso maior foi a paciência, a perseverança, a ordem e o método que lhe caracterizaram o trabalho. Desse árduo e abençoado esforço resultou a codificação da Doutrina Espírita.

Comum, muito comum mesmo, é encontrarmos grupos que não se dedicam a estudos que visem ao bem-estar e ao progresso da Humanidade. Nem mesmo os seus próprios componentes usufruem desses benefícios. As manifestações sucedem-se umas às outras, continuamente, sem trazerem um só ensinamento novo, sem que os adeptos saibam tirar proveito das que melhor se apresentam.

As investigações dos experimentadores restringem-se mais ao fenômeno do que às consequências decorrentes dele. E estas são justamente os fatores do progresso moral e intelectual da grande família humana, porém, como conseguir esse objetivo sem estudo e meditação? Preferem os experimentadores, quando vão além da curiosidade de ver o fenômeno, perguntar somente coisas de interesse particular, cujas consequências nem sempre são vantajosas. Uma das coisas comuns é indagar direta ou indiretamente o que fomos na encarnação anterior. Que nos adianta isso? Por que perguntar uma coisa desnecessária? Aqueles a quem Deus julga conveniente a lembrança do passado, dota-os desse raro e penoso privilégio, como bem diz Léon Denis. A prova dessa possibilidade já se tem verificado e tais casos se encontram minuciosamente relatados em

acatadas obras espíritas.

Saber o que fomos é uma curiosidade perigosa, de que sabem aproveitar-se os Espíritos malignos e levianos. Conhecemos de perto o CELSO de um confrade ilustrado e dedicado à prática do Espiritismo, que caiu num poço de ridículo em consequência dessas indagações. Perguntou o que fora na última encarnação. O Espírito interrogado, conhecendo o íntimo do interlocutor, respondeu-lhe com frases repassadas de profunda reverência, que ele havia sido um nobre de alta linhagem — um autêntico marquês russo. Daí por diante, o humilde e simples propagandista tomou-se de atitudes aristocráticas. Era uma tristeza vê-lo em poses estudadas, andar cEilculado de quem só pisa Eissoalhos de veludo, semblante de superioridade. Um outro, disse-nos, com uma rude e convicta franqueza, que havia sido um dos grandes iniciados do Egito, cujo nome é bastante conhecido. Isso era motivo para viver isolado em beatíficas posições. Enquanto essas supostas «revelações» afetarem um só indivíduo, ele é o único a sofrer; porém, a maldade de um perseguidor pode fazer refletirem-se dolorosamente essas coisas numa família inteira.

Se a recordação das vidas passadas concorresse para nosso benefício, Deus nos teria proporcionado essa faculdade em toda a sua plenitude.

Julgamos necessário que todos repilam sempre essas «revelações», porquanto elas só em casos especiais, e por isso mesmo difíceis de conhecer, podem produzir alguma coisa de útil. Contentemo-nos com estudar o nosso «eu», e, em nossas inclinações, em nossos vícios, em nosso adiantamento moral e intelectual, em nossas ideias inatas, enfim, encontraremos os vestígios bem acentuados do que fomos na última encarnação.

A observação, o estudo e o conhecimento prático dos homens contribuem vantajosamente para adquirimos os segredos de conversar simpaticamente com os Espíritos, mas, somente após prolongado tirocínio, conseguiremos atingir o grau necessário.

Nenhum espírita dedicado aos trabalhos práticos deve abdicar do direito de crítica. São os próprios Espíritos, quando dotados de elevados sentimentos e propósitos, que nos aconselham a tudo analisar. «Orar e vigiar», era constantemente recomendado por Jesus a seus discípulos, e tanto zelo tinham eles por essa advertência, que São João assim se expressou na sua Epistola: «cAmados, não creais a todo Espirito, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.»

Os bons Espíritos, conhecendo bem os perigos a que nos achamos expostos, nunca se molestam com as nossas indagações, por numerosas que sejam. E quando não vêem nelas o reflexo da sinceridade, o desejo de praticar o bem e progredir, afastam-se com tristeza. Procedimento contrário têm os Espíritos inferiores. Um suposto Espírito elevado pontificava numa seara, quando tivemos oportunidade de assistir a uma sessão. A atitude calma do médium e as palavras pausadas e

calculadas pareciam provar a presença de um ente iluminado. Mas, o mentiroso traz sempre consigo algo de denunciador. Solicitamos ao presidente permissão para falar com o Espírito manifestante e prontamente fomos atendido. Indagamos, então, várias coisas de interesse doutrinário e que se relacionavam com o modo de trabalhar nesse grupo. O Espírito respondeu com certa grosseria, passou uma reprimenda extemporânea e incabível no presidente, e, num gesto rápido, arrancou a toalha da mesa, fez dela uma bola e atirou-a sobre nós.

O estudo das mistificações requer carinhosa atenção de todos os investigadores, porque elas podem ter causas diversas; umas vezes são provenientes dos médiuns, outras, dos Espíritos. Os primeiros agem algumas vezes conscientemente e outras em completo estado de inconsciência; mas os segundos, isto é, os Espíritos, têm sempre noção exata daquilo que praticam.

Os Espíritos das Trevas, desejosos de aumentar o número dos seus companheiros de infortúnio, não têm escrúpulos, nem escolhem meios para arrastar à perdição os homens dotados das melhores intenções.

Como já dissemos, a influência nefasta é uma prova ou um castigo, mas, tanto num como noutro caso, nunca ficamos privados da assistência do nosso anjo guardião. Se não sentimos a sua presença, é porque nos colocamos em condições mais favoráveis para atrair justamente aqueles que desejamos repelir. A perigosa influência mais se acentua quando a pessoa possui faculdades mediúnicas. Já tem acontecido verem-se médiuns dotados de ótimas faculdades ser apanhados em fraudes grosseiras, depois de terem contribuído para valiosas conversões, em consequência da produção de fenômenos surpreendentes. Os inimigos do Espiritismo aproveitam-se disso para tachar de embusteiros todos os médiuns, e de papalvos, todos os que se convenceram. Isso, porém, não passa de injusta maneira de ver. Em todos os casos da atividade humana se têm verificado fatos semelhantes. No comércio, um produto mal preparado não prova que os anteriores, da mesma procedência, não eram bons; as torpes explorações de um médico de fama não provam que esta deixou de ser adquirida à custa de diagnósticos precisos e curas acertadas.

As fraudes dos médiuns de poderes excepcionais quase sempre são provocadas pelos Espíritos impuros, com o duplo propósito de colocá-los em situação embaraçosa e fazer pairar o descrédito sobre o Espiritismo.

Na Europa e na América do Norte, há pessoas que aproveitam a sua faculdade mediúnica como meio de vida, tornando-se assim médiuns profissionais. Alguns deles, não se pode negar, têm contribuído de maneira apreciável para a propaganda da Doutrina Espírita. Dedicando todo o seu tempo à experimentação, podem submeter-se, a qualquer hora do dia ou da noite, a experiências nos gabinetes e laboratórios de sábios. Uma vez que prejudicam inteiramente o seu meio de vida, pretendem justificar, com isso, o salário que recebem. Não raro, porém, a vaidade, o orgulho, pior ainda, o desejo de auferir maiores proventos, tentam-nos a ir além

do que lhes permitem as suas possibilidades, e, quando pressentem o fracasso, não vacilam em fraudar.

No Brasil, mercê de Deus, não proliferou essa casta de médiuns profissionais, porque a maioria dos adeptos vê mais o alcance moral, do que o interesse da ciência profana, e, quando aparece alguém anunciando pelos jornais os seus próprios feitos, para atrair boa clientela, os espíritas são os primeiros a apontá-los como meros charlatães. Os médiuns, no Brasil, não recebem pagamentos, seja qual for o pretexto, mas este fato não elimina a fraude e a simulação, consciente ou inconsciente. Cabe à argúcia dos praticantes da Doutrina distinguir a verdade da impostura. Os médiuns de moral duvidosa são sempre assistidos por Espíritos imperfeitos; todavia, vezes há que Espíritos bons, amigos ou parentes nossos, se manifestam com o concurso de médiuns inescrupulosos e dão-nos os mais convincentes sinais de identidade. À primeira vista, isto nos parece estranho; fácil, porém, é a explicação. Os Espíritos desejosos de se comunicarem, achando neles facilidades que não haviam encontrado em outros, vencem a sua natural repulsa e se manifestam, tal como nós quando nos vemos, muitas vezes, coagidos a privar, e até conviver com pessoas que estão em completo antagonismo conosco, por princípios, ideias e caráter.

É obrigação de todo diretor de grupo exercer vigilância permanente e perspicaz sobre todos os médiuns. E sempre que estiver convicto da mistificação de um médium, deverá agir com prudência e serenidade, a fim de evitar incidentes desagradáveis. É necessário mesmo certa habilidade para, sem que os outros percebam, fazer o mentiroso compreender que foi descoberto. Agindo assim, não causaremos escândalos nem revoltas. Se o médium se arrepender, procurará emendar-se; em caso contrário, vendo que não pode enganar, retira-se para outra freguesia. Eis alguns casos de mistificações observados por nós:

Um médium, bastante recomendado por um amigo nosso, compareceu para trabalhar no grupo a que presidíamos. Sentou-se à mesa e logo recebeu a manifestação de um Espírito de literato, pois de preferência era ele procurado por «mortos ilustres», segundo afirmava. Não conseguimos identificá-lo, por desconhecermos a sua vida e os seus escritos, porém, a linguagem corriqueira, destituída de qualquer imagem bela, como sabem ter os homens de letras, deixou-nos algo desconfiado. Na sessão imediata, outro «morto ilustre» apareceu, e desta vez, felizmente, nosso conhecido. Sem dar a perceber a desconfiança que ficou da vez anterior, deixamos o Espírito comunicar-se com inteira liberdade, pois ainda não tínhamos certeza de onde provinha a mistificação, se do médium ou do Espírito. Exaltamos as suas qualidades morais, o seu pendor literário, e, quando bem grande era o seu desembaraço, atirando às vezes pedradas bem fortes na gramática, pedimos que recitasse uma das suas poesias. Imediatamente fez-se mudo. Insistimos, crivamo-lo de perguntas. O seu desembaraço transformou-se

em perturbação, alegou várias coisas, sem razão de ser, e abandonou o médium, prometendo voltar depois para satisfazer o meu pedido. Não é preciso terminar a narração, dizendo que o médium aludido nunca mais nos apareceu. Algum tempo depois, comentando-lhe a ausência, um dos videntes da nossa seara disse-nos que ele não mais voltaria, porque não tinha conseguido arranjar uma poesia para decorar. ..

Há ocasiões, porém, que se faz sentir a necessidade de usar de certa energia, para mais depressa conseguirmos os nossos intentos.

De uma feita, estávamos na sede da União Espírita Paraense, preocupado com a expedição de «A Revelação», quando o nosso prestimoso confrade A. R. chegou para aplicar passes em inúmeras pessoas que o aguardavam. Depois de atender diversos irmãos, sentou-se diante dele uma senhora, que logo começou a fazer um barulho fora do comum: batia os pés, balançava os braços, gritava, fazia escândalo. A.R., com paciência de Job, procurava acalmá-la. Atraído pelo barulho, chegamo-nos a ele e pedimos permissão para ajudá-lo, o que ele aceitou de muito bom grado. Concentramo-nos. Estranhando aquilo, concentramo-nos novamente, pedindo s A. R. que continuasse a sua tarefa. Km poucos instantes, veio-nos nítida a intuição da verdade. Levantamo-nos da cadeira onde nos havíamos sentado e, pondo a mão com energia no ombro da referida senhora, dissemos-lhe: — «Acabe imediatamente com essa comédia, que poderá trazer-lhe graves consequências. Não admito que continue a fazer isso.»

Com a rapidez do raio, a senhora assumiu atitude decente e retirou-se desapontada. O intuito dela era impressionar as pessoas que a acompanhavam, para obtenção de certos favores. Se não fora a nossa intervenção, a comédia seria mais demorada, porque A. R_ tinha imensa vergonha em liquidar o assunto, como fizemos. É possível que houvéssemos errado, mas tivemos a intenção sincera de acertar.

Em certo grupo muito conhecido em Belém (Pará), quando, a pedido da presidente da sociedade, tentamos uma experiência de sonambulismo com uma jovem, ela se pôs a gritar, gesticulando de maneira desagradável, alarmando as pessoas que se encontravam próximo. Dentro de poucos instantes, tudo cessou como por encanto. O calmante foi bem simples. Sem que ninguém percebesse, dissemos-lhe o seguinte: «Não faça isso que é muito feio, não pense que me engana; se não se calar, terá que se envergonhar diante de todas as pessoas que aqui se encontram.»

Muitos outros casos poderíamos citar. Entretanto, não o fazemos porque estamos escrevendo para os que acreditam nos fenômenos e sabem, portanto, quanto alguns médiuns procuram mistificar.

Uma das maneiras habilidosas de os Espíritos se insinuarem entre os experimentadores, é a lisonja simulada, em comunicações pessoais. Assim, todas as comunicações, dirigidas particularmente a alguém, devem passar pelo

crivo do mais severo exame. Durante anos de prática constante do Espiritismo, nunca recebemos uma só comunicação diretamente dirigida a nós. Uma vez, porém, no Grupo «Paz e Harmonia», a que presidiamos, apareceu uma mensagem muito bem escrita, repleta de elogios que nos visavam de preferência. Estranhando o caso, não manifestamos nada aos nossos companheiros, mas pedimos a comunicação do Espírito, por incorporação, e por outro médium. No decurso da conversa, conseguimos desmascarar o mistificador, causando admiração a alguns dos nossos irmãos, que não esperavam por aquele desfecho.

Sejamos sempre estudiosos, argutos, dotados de fé e vontade de progredir e fazer o bem, prudentes, serenos e humildes, e nos colocaremos em condições assaz favoráveis para receber todas as intuições dos nossos guias espirituais. Assim, se não conseguirmos afastar de todo o perigo das mistificações, por serem elas até certo ponto necessárias e permitidas, a título de estudo e advertência, encontraremos mais facilidade em conhecer a verdade.

Alguns Espíritos, com o evidente intuito de serem tomados em consideração, não têm pejo em assinar as suas mensagens com nomes respeitáveis. A primeira vista, elas nada de mal encerram. São exortações ao bem, palavras de estímulo que sempre encontram guarida em nossos corações. Em vista disso, certos confrades não vacilam em aceitá-las sob a alegação de que o nome nada vale. O nome, verdadeiramente, nada importa, dizem os Espíritos e sobejas razões o provam. Entretanto, esse argumento é mais forte para repelir, do que para acatar. Só as gralhas se enfeitam com penas de pavão. Se há boa intenção, nenhuma razão existe para um Espírito assinar um nome que não é o seu. Não se tem descoberto já, nas entrelinhas de belas comunicações, o veneno da intriga, do dissídio e do embuste? Um Espírito ardiloso pode, com fingidas palavras, impor-se no seio de um grupo, e, logo que é obedecido, passa a exercer a sua perniciosa influência, e cedo o grupo deixa de existir.

Da forma por que falamos das mistificações, pode parecer que um cuidado doentio faz-nos extremamente desconfiados, mas isso é plenamente justificado. A peregrinação através de muitos grupos deu-nos ensejo de ver quanto a boa-fé dos adeptos é explorada pelos Espíritos levianos. Podemos prever até onde chegam as consequências de uma mistificação? Allan Kardec, advertindo-nos dos perigos das mistificações, disse que era preferível rejeitar noventa e nove manifestações verdadeiras a aceitar uma só falsa.

Médiuns há, felizmente raros, sem noção exata do mandato augusto que Deus lhes outorgou, capazes das mais nojentas fraudes. Chegam ao ponto de se fazerem de incorporados, para dizerem coisas que não teriam coragem de dizer de outro modo. Outros fingem, para obterem favores, conseguir satisfações de caprichos, imporem suas vontades ou chamar sobre si consideração que não merecem. Todos quantos procedem desse modo, ficam furiosos quando se lhes arranca a máscara. Nenhum médium bem-intencionado pode zangar-se por ter sido transmissor de

uma mistificação, porquanto ele serve apenas de mero instrumento.

Todo diretor de grupo deve educar os médiuns de maneira que nenhum fique suscetibilizado pelo fato de receber uma mistificação ou receber somente Espíritos de baixa escala. Das piores coisas deste mundo. Deus tira os melhores proveitos. Para que os jardins se encham de flores belas e perfumadas, há necessidade de estrume; para que um Espírito perverso seja recebido com demonstrações de júbilo ao reencarnar, a Providência Divina lança-lhe um véu sobre a memória e veste-o com a roupa da inocência.

Não são somente as afinidades de sentimentos, prazeres e fluidos que fazem os médiuns preferir esta ou aquela ordem de Espíritos, mas também certas particularidades que favorecem uma conquista de objetivos. Assim é que um médium de bons sentimentos e compreensão exata dos seus deveres pode receber quase só Espíritos inferiores, simplesmente porque os guias veem nele um elemento que contribui mais rapidamente para a regeneração dos atrasados.

Nos grupos a que presidimos, procuramos sempre educar os médiuns de acordo com todos os preceitos e recomendações que expusemos neste livro. E, mercê de Deus, nunca se registraram casos lamentáveis, porque os nossos irmãos souberam compreender o verdadeiro alcance do dom que lhes foi confiado.

O mal não está tanto nos Espíritos inferiores que nos rodeiam, mas, principalmente, nas imperfeições da nossa alma. Cumpre-nos, pois, expurgar o nosso Espírito de todos os resquícios de animalidade, para que também brilhe na escuridão em que vivemos, ao menos como a tênue e inconstante luz dos pirilampos.

Capítulo IX PRAZERES MORAIS E ESPIRITUAIS

As sessões espíritas como fonte de prazeres e ensinamentos. — Sessões de linha e sessões de mesa. — Finalidade da Nova Revelação.

— O Espírito Consolador

Para combater o tédio, distrair-se das labutas diárias, esconder desventuras, procura o homem divertir-se. O teatro, o cinema, os campos de esporte, as reuniões íntimas e familiares e até os cabarés constituem pontos prediletos de atração, de acordo com os sentimentos e caráter de cada ura. Uns procuram simplesmente rir, outros buscam satisfação de prazeres que vão desde os mais inocentes até os mais sensuais e depravados.

Mas, todos esses prazeres têm duração efêmera, acabam sempre com a satisfação do desejo. Uma diferença enorme os separa dos prazeres morais ou espirituais. Enquanto a lembrança de um prazer material apenas participa momentaneamente do pensamento e não sacia mais, a recordação de um prazer

moral ou espiritual faz a nossa alma vibrar com a mesma intensidade, como no instante em que o gozamos pela vez primeira. Quanta alegria íntima e doces sensações experimentamos ao recordar um ato nobre que praticamos, um auxílio inesperado que proporcionamos a alguém? A meditação sobre as consequências de atos de caridade, por nós praticados, eleva-nos o espírito aos parâmetros celestes.

Já viste, leitor amigo, o sorriso doce e grácil de uma criança que, sem ter tido um brinquedo, recebeu um de tuas mãos?

Já observaste o semblante esperançoso de um doente desamparado, quando uma pessoa caridosa o toma a seus cuidados?

Já sentaste um homem faminto à tua mesa? Não desses pobres que exploram a caridade pública, mas um desses pobres envergonhados, que escondem dos outros as suas privações?

Se nada disso fizeste, não podes calcular o quanto a nossa alma se comove nesses instantes de prazer indefinível. O sorriso da criança, a fisionomia do doente, cheia de gratidão, o comer silencioso do necessitado, regando por vezes o seu prato com lágrimas, produzem-nos satisfações que não permitem comparações.

A recordação de cenas assim, leva-nos a meditar sobre a desproporcionada distribuição de bens terrenos, e chegamos à conclusão que só o Espiritismo tem o segredo da sua explicação.

Se a ingratidão de alguns te afrontar, não tenhas o temor de continuar a distribuir o bem em volta de ti. «Devemos perdoar aos nossos irmãos, não sete vezes, mas setenta vezes sete» — disse Jesus a Pedro. Abandonando a prática da caridade, podes deixar de resgatar um compromisso assumido em vidas passadas ou correres o risco de fechar a tua porta a uma pessoa ligada a ti por laços de parentesco espiritual.

Se queres progredir, procura prazeres que dêem luz ao teu intelecto e despertem em tua alma o amor a Deus e ao teu próximo.

Frequenta sessões bem orientadas. Nelas encontramos inesgotável manancial de ensinamentos e prazeres.

Muitos alegam falta de tempo. Suas ocupações absorventes não lhes permitem uma hora sequer, por semana, para frequentar uma seara. Aparece, entretanto, tempo para outras coisas menos produtivas, e até prejudiciais. Há a hora do aperitivo, a hora do chá, durante as quais tanta futilidade é ventilada e a vida do próximo retalhada.

Quando num grupo se consegue uma perfeita harmonia entre os seus componentes e os habitantes do Além, as sessões assemelham-se às fontes de águas milagrosas, que curam todos os males. Muitas vezes, no Pará, deixávamos a sede do Grupo dos «Filhos Pródigos» ou do Grupo «Paz e Harmonia», sentindo ainda a nossa alma arrebatada para o Infinito. Comunicações instrutivas,

fraternas, e humildes umas, comoventes, angustiosas outras, deixavam sempre em todos nós indeléveis impressões .

Isso não se consegue em grupos em formação, onde os elementos ainda heterogêneos lutam por identificar-se e estabelecer a harmonia. Os Espíritos elevados ficam ao longe, como as estrelas, cuja luz perde a intensidade antes de chegar até nós. Mas, com o decorrer dos tempos, desde que haja firmeza de fé e perseverança na prática do Bem, uma atração mútua se estabelece e começamos, então, a contar com a fraterna e valiosa proteção deles.

Quanta ventura sentirá um grupo que venha a merecer a assistência de Espíritos como o «Espírito Azul» e «Jerônimo», dos quais nos fala Léon Denis com tanto respeito e gratidão!

«A solicitude e a proteção do Espírito Azul estendiam-se a todos os membros do grupo e se patentearam muitas vezes no domínio dos fatos. Vários dentre nós, premidos por sérias dificuldades, conseguíamos vencê-las graças à ação providencial desse Espírito, que, nos casos mais melindrosos e no momento oportuno, sabia fazer surgir um socorro, provocar uma intervenção inesperada.»⁵¹

É uma verdadeira felicidade contar com proteção assim, vigilante pelos nossos mais simples desejos ou necessidades.

Hoje que o Espiritismo está bastante conhecido e cresce dia a dia o número de seus adeptos, é natural que também mais numerosas sejam as agremiações formadas para o estudar e praticar.

Nenhum experimentador, porém, por mais culto e dotado de bons sentimentos que seja, poderá dirigir com certo desembaraço um grupo, se não tiver conhecimento teórico e prático da Doutrina. Para essa aquisição é imprescindível o estudo cuidadoso de todas as obras de Allan Kardec e de outros publicistas, especialmente Léon Denis, a nosso ver o mais autorizado depois do Codificador.

Temos visto muitos confrades que se encheram de superstições e fanatismo, por terem tido um mau princípio. Outros fazem, sem que disso possa resultar algum benefício, uma verdadeira mescla de espiritismo, esoterismo, teosofismo e até feitiçaria. Nem sempre devemos culpar os nossos irmãos, porquanto, entre os fatores que contribuem para um perfeito conhecimento do Espiritismo, conta-se inegavelmente o preço dos livros, cada dia mais elevado, sujeito, como está, ao custo do papel.

Nem todos podem adquiri-los. Se os recursos sobram para um ou dois, faltam para os demais. É esta uma das causas que nos levaram a escrever este livrinho. Nele procuramos reunir tudo quanto julgamos necessário para a organização de um grupo e seu método de trabalho. Não é uma obra para doutos, porque esses têm outras, melhores e mais autorizadas. Ela é destinada aos humildes, àqueles que, não possuindo recurso para compra de muitas obras, possam ter uma síntese,

⁵¹ (50). Léon Denis — “No Invisível”¹¹, cap. XIX.

senão perfeita e completa, pelo menos com o essencial para que não transformem a prática espírita num amontoado de inconveniências. Não nos seduziu a preocupação de lhe dar forma literária, pois cultura nos falta também para isso, mas o extremado cuidado de nos fazermos entender. Os simples só compreendem a linguagem singela e sincera, e assim foi que escrevemos.

A prática do Espiritismo traz-nos sempre encantos, quando temos elevados intuitos. As sessões dos grupos bem dirigidos atraem e deslumbram. São esperadas com a mesma ansiedade com que uma mulher amorosa aguarda a chegada de um filho. Ainda mesmo quando nenhuma comunicação seja dada, como várias vezes ocorreu em grupos por nós frequentados, nem por isso deixávamos de experimentar os mais doces momentos de prazer. A leitura do ponto de estudo, sua explanação e a prece, eram suficientes para nos proporcionar deliciosos instantes.

Nas sessões encontramos sempre consolações para as nossas dores, encorajamento para a luta pelo progresso e, muito mais ainda, o preparo lento do nosso espírito para suportar com paciência e resignação os transe dolorosos da vida.

Repetidas vezes, no Grupo «Paz e Harmonia», inexplicavelmente o sorteio do ponto de estudo caía sobre o tema: «Mortes prematuras». Tempos depois, no Maranhão, sofremos a dor da saudade, vendo partir para o Além um adorado filhinho. Acudiu-nos, então, firme, a recordação das leituras feitas nas sessões. Com a alma genuflexa, agradecemos a Deus o seu grande favor. Ê justamente quando as maiores dores nos acabrunham que reconhecemos ser uma grande felicidade adotar a Doutrina Espírita como religião. Nós e a terna esposa, unidos na mesma dor, soubemos, como espiritas, suportar a dolorosa prova.

A prática do Espiritismo facultava-nos também uma calma confiante e orientação acertada nos momentos de perigo.

Ao nascer o nosso terceiro filhinho, julgamos perder a esposa. Uma grande hemorragia sobreveio ao parto. O semblante desfigurado e desfalecido da parturiente provocou aflição no seio da família. Incontinenti chamamos um médico, para satisfação de todos. Antes, porém, que ele chegasse, apelamos para os nossos irmãos invisíveis. De joelho, na rama, iniciamos uma aplicação de passes, num transporte de profunda fé. A parteira, nossa con-sóror, ajudou-nos muito com as suas preces. Sem outro recurso além dos passes, tudo cessou como por encanto. O médico não se fez esperar, mas, nada encontrando de alarmante, gracejou bastante, dizendo que lhe havíamos pregado tremendo susto. Dias depois, a fisionomia abatida e a anemia profunda denunciavam claramente o perigo por que havia passado a parturiente.

Se fôssemos argumentar com maior número de fatos, a nossa obra não ficaria restrita a um pequeno volume.

Em todos os grupos multiplica-se a solicitude dos Espíritos pelos nossos

destinos. O que notamos, infelizmente, é a enorme diversidade na maneira de trabalhar nas sessões. Todos os espíritas alimentamos, porém, justificado desejo: ver uma só orientação na organização dos grupos e um só método de trabalho. Seria para nós uma das maiores venturas se conseguíssemos, com esta obra, uma modesta contribuição para essa uniformidade.

É simplesmente lamentável vermos os mais disparatados modos de praticar o Espiritismo, dando aos profanos a impressão de serem os grupos contrários entre si. A maneira de praticar o Espiritismo vai, desde os grupos bem organizados e escrupulosos, aos desorientados e fanáticos. Chegou-se, até, a estabelecer distinção entre «sessões de mesa» e «sessões de linha». Estas, onde pontificam africanos e índios, de acordo com os propósitos bons ou maus, são chamadas «linha branca» ou «linha negra».

Causa estranheza que pessoas de certo preparo e destaque social se deixem influenciar pelas sessões de «linha», a ponto de dar-lhes maior preferência. Considerando todos encarnados, que juízo faremos de um homem ilustrado que deixe o meio em que vive para buscar, sobre assuntos de ciência ou de Moral, conselhos de pretos velhos ou pajés? Que consequências morais trarão, para o nosso progresso, as danças rústicas e os rituais tão em uso nas «sessões de linha»? Qual a finalidade de se despojarem os adeptos de suas roupas, para, em mangas de camisa, calças arregaçadas e descalços, entoarem cânticos e se entregarem à volúpia de danças vertiginosas? Não querendo fazer um conceito precipitado e injusto, damos ao leitor e aos defensores dessas sessões a liberdade de meditar em no que acabamos de expor.

A isso alguns dão o nome de Espiritismo, enquanto outros o denominam de afro-catolicismo. Uma coisa, porém, afirmamos: não é Doutrina Espírita.

Não queremos, de forma alguma, condenar nem censurar essas sessões, porquanto reconhecemos que muitas são protegidas por Espíritos dotados de bons sentimentos⁵². Nós mesmo temos a satisfação de contar com a proteção de um índio. A sua aparição foi inesperada e em momento oportuno, a uma vidente do nosso lar. Tempos depois, manifestou-se pela primeira vez num grupo onde não se evocavam «caboclos». Ele já nos tem dado provas de profunda simpatia e amparo. A sua linguagem, que encanta pela singeleza e atrai pelas expressões de amizade, é dada sem palavras de «meia língua», tão comuns entre Espíritos dessa natureza. A linguagem atrapalhada, como de estrangeiros, não tem outro intuito senão impressionar os ouvintes. Cumpre, mais uma vez, advertir que o mundo dos Espíritos é um reflexo do nosso. Lá, como aqui, bons e maus existem.

Na Terra é evidente a distinção das raças. Umas se destacam pelo progresso e cultura, outras pelo atraso ou estacionamento. Algumas vezes por missão, expiação ou provação, almas que já conquistaram o privilégio de reencarnar, no seio

⁵² (51) Ler caps. XXXIII e XXXIV de "Lázaro Redivivo"¹.

de raças adiantadas, são obrigadas a voltar entre povos pouco evoluídos. Um Espírito que adquiriu certo adiantamento, voltando à Terra entre povos atrasados, contribui com o patrimônio de seus conhecimentos — coisa que nunca perde — para o progresso de seus irmãos de convívio. Em tudo a Providência Divina se manifesta sabiamente. Esses Espíritos são fáceis de reconhecer pelo contraste que fazem no meio em que habitam. Retornando, porém, à vida do Além, o Espírito recupera a sua personalidade e analisa os proveitos que conquistou na última encarnação. Deste modo, se a evolução dele já chegou ao ponto de se tornar protetor de um grupo, nenhuma necessidade tem de manifestar-se sob a forma de um índio, ou de um negro, falando como quem desconhece a nossa língua. Os Espíritos que assim se comunicam, ainda que fatos materiais provem as suas boas intenções, não podem deixar de necessitar de doutrinação. A linguagem dos Espíritos é o pensamento. Um chinês pode manifestar-se em língua portuguesa, com a mesma facilidade com que se expressa na sua própria.

A perfeita igualdade nos métodos de trabalho nas sessões é impossível, mas todos os adeptos do Espiritismo devem contribuir para que menos profundas sejam as diferenças de um grupo para outro. Sem identidade, não haverá fraternidade.

O Espiritismo é a força que impele o homem para o progresso.

É nas sessões, observando as manifestações dos Espíritos, que temos oportunidade de avaliar a sua grande potência e colher os mais profundos ensinamentos.

As consequências dos ensinamentos dos Espíritos refletem-se na educação e na instrução dos seus adeptos.

Todo espírita, antes de atirar-se à propaganda e agir publicamente, tem o dever de preparar os seus descendentes. Para a reforma moral da Humanidade é imprescindível a reforma do homem. É preciso gente nova para lutar contra o flagelo do mundo — o materialismo — que já perverteu a geração atual. «Os odres velhos não podem conter vinhos novos.»

É necessário santificar o lar. Educar a criança na realidade da vida, para poupar-lhe decepções que tanto acabrunham e martirizam a mocidade. O verdadeiro espírita começa a propaganda por casa, mostrando ao mundo os benéficos efeitos da doutrina que professa.

Os antigos hábitos precisam modificados.

As velhas religiões não preenchem mais os seus fins. De nada valem essas públicas e pomposas manifestações de suposta crença, representadas pelos congressos eucarísticos, aos quais se atribuem tão subido valor.

A corrupção dos costumes dos povos católicos, a guerra civil que ensanguenta a Espanha, a tradicional Espanha católica, são atestados insofismáveis da falência dos recursos morais da Igreja de Roma. Isso basta para ofuscar o brilho dos

congressos, meras exposições mundanas, nos quais os interesses políticos falam mais alto do que a fé.

Como naufragos na angústia da asfixia, a Igreja Católica agarra-se aos Governos num amplexo de salvação ambiciosa. Pleiteia favores que nega aos outros credos. «Tudo por ser a verdadeira religião de Deus.» Caricata ironia para não dizer amesquinamento da Onipotência, é o querer a proteção dos homens para implantar o que é de Deus. Somente os que se acham emancipados de todos os seus dogmas podem ver através dos propalados anseios, peio bem da Humanidade, o seu verdadeiro objetivo, que é a volta ao domínio absoluto do poder temporal.

Mas a Humanidade de hoje não se pode mais submeter ao jugo da fé cega. Estamos na era da Ciência; o que entristece, porém, é que a ciência oficial, ou não, seja materialista, e disso tem culpa a própria Igreja Romana.

A Ciência, cavando cada vez mais o abismo que a separa da Religião, tem grande responsabilidade no naufrágio da Humanidade nos mares encapelados do materialismo. O Espiritismo é o sol que desponta no horizonte. Ele vai dissipar as trevas da noite de tormenta, avivar a esperança nos corações desesperados, despertar a fé nas almas combalidas. É o Espírito Consolador que vem ficar eternamente conosco. Só ele tem a eloquência precisa para vencer o niilismo, porque, sem impor nem coagir, mostra e demonstra aquilo que produz e ensina.

No século da luz, o homem busca tirar do efeito a causa que lhe deu origem. É preciso pois que a sua religião fale da ciência, da alma e do coração. Essa tríplice linguagem, só a Doutrina Espírita sabe falar.

O Espiritismo não restringe sua ação ao homem em si, ou a pequenos núcleos. Ele é universal. Parodiando as expressões maçônicas, diremos que ele se estende de norte a sul, do oriente ao ocidente, do nadir ao zénite.

O mundo atravessa um período crítico. Estamos numa época de transição, em que as ideias novas procuram suplantar as velhas. E estas, com desespero de feras mal feridas, lutam ardorosamente .

Nessa batalha, iniciada com a catástrofe da Grande Guerra de **1914**, as mais disparatadas e absurdas ideologias encontram defensores, e os homens sem caráter e de concepções retrógradas emergem no seio das massas, como as impurezas numa ebulição.

Estamos no reinado dos medíocres. Uma falange de Espíritos que, por mercê de Deus, voltou à Terra para mais uma tentativa de regeneração, encheu-se de vaidade e falso saber. Para expressar a flagrante divergência entre as conquistas adquiridas e as suas chamadas ideias novas, não lhes serviu mais o termo «modernismo», por parecer vetusto, e inventou outro — «futurismo»! Na Linguagem, na Ciência e principalmente nas Artes, uma verdadeira aberração do saber, da verdade e do sentimento do Belo apresenta-nos coisas estapafúrdias e sem expressão, como verdadeira manifestação de gênios.

A Poesia perdeu o seu tom mavioso e o ritmo encantador; a Escultura deixou de

render culto à Plástica; a Pintura transformou-se numa berrante combinação de cores e traços incoerentes, jamais encontrada nos próprios contrastes da Natureza; a Música deturpou-se num choque de sons fanhosos e gritantes, a Dança degenerou em expansões sensuais e sapateados africanos.

Mais triste que tudo isso, ainda, é a tenebrosa influência dos financistas desumanos Numa louca concepção das leis de economia, contribuem para a destruição dos produtos. A Bondade Divina auxiliou o homem, concedendo-lhe meios para invenção de máquinas. Destinavam-se elas a aumentar e baratear a produção, dar maior descanso e lazeres ao homem; entretanto, por uma ironia da sorte, quanto mais e melhor as máquinas produzem, mais a vida encarece e se torna difícil. Em todos os países produz-se para destruir. Ao lado da superprodução, a miséria; junto aos milhões em géneros destruídos, inúmeras pessoas sucumbem de fome. Estudam-se os meios de produzir, restringir e destruir, mas ninguém resolve o «X» da equação, que é a distribuição e o consumo.

Mas a Providência Divina não desampara a Humanidade: se no mundo habita a falange dos medíocres, também baixou a coorte dos sábios e dos bons. Estes são em menor número, mas, como o mundo pertence às minorias audazes, eles, conscientes de que são poucos, unem-se como os Trezentos de Gedeão, para a luta gloriosa.

Ante isto, os adeptos do Espiritismo não devem julgar que seguir a Doutrina é cuidar de si só, da sua família ou do pequeno núcleo de que fazem parte. A finalidade do Espiritismo é a regeneração da Humanidade.

Se os homens soubessem observar os fenômenos sociais, buscariam, nas leis divinas e naturais, a base fundamental dos seus códigos.

Deus concedeu ao homem o maior bem que lhe podia dar — a liberdade. O mais sábio, como o mais rude, o mais puro, como o mais depravado, tem liberdade de fazer ou não fazer o que lhe apraz ou contraria. Nenhuma força lhe tolhe a ação, mas nada impede que o agente goze ou sofra as consequências de seus atos, bons ou maus, sejam eles de ordem física ou moral.

A um guloso, nenhum medicamento evita uma indigestão; a um intemperante, nada o livra da embriaguez; de um criminoso, ninguém afasta o remorso. Não há falta sem punição, nem prejuízo sem reparo.

O perdão tem sido falsamente interpretado.

Deus não perdoa, cobrindo com um véu um passado de iniquidades. Ninguém foge à sua justiça, embora tenha o livramento dos homens, ou a hipotética e caricata absolvição oferecida pela Igreja Católica. O perdão de Deus consiste na providencial concessão dos meios de resgate para todos os males praticados.

«Ninguém entrará nos reinos dos céus, sem ter pago o último ceutil» — disse Jesus.

Como buscar meios que nos induzam à compreensão exata dos nossos deveres para com Deus, para com nós mesmos e para com o nosso próximo? Como adquirir a

perfeita compreensão da Justiça? — «Espíritas, amai-vos, eis o primeiro ensino; instruí-vos, eis o segundo» — sentenciou o Espírito de Verdade.

Frequentai sessões bem orientadas. Buscai nelas os ensinamentos precisos, que nunca faltam. Aprendei a domar os maus sentimentos, a fechar a boca para evitar uma palavra ofensiva, acostumai-vos a reprimir todos os gestos violentos ou de ameaças; educai os vossos pensamentos, moralizando-os. Antes de atribuir aos outros as advertências recebidas em sessão, façamos severo exame de consciência para ver se elas não se dirigem de preferência a nós mesmos. E ainda que não o sejam, tomemo-las como tal, habituando-nos à humildade.

Ao lado das advertências e exortações dos Guias esclarecidos, os atrozes sofrimentos dos Espíritos falidos servem-nos de exemplos e previdentes avisos. Todos os Grupos Espíritas devem ter uma escola, por modesta que seja. Instruir os ignorantes é missão abençoada e patriótica. Não devem, porém, os espíritas aliar-se às famosas caravanas que, esquecendo as necessitadas cidades do sertão, percorrem somente as do litoral, recebendo e oferecendo banquetes, gastando em exposições o suficiente para a criação e manutenção de várias escolas. É profundamente lamentável e traz-nos grandes decepções, no Além, o aproveitarmos as causas sagradas para satisfação de interesses próprios.

Enquanto os outros viajam e discursam sobre necessidades que todos conhecem, o espírita deve proceder como aconselhou o inesquecível Léon Denis: «não discute, pois, mas trabalha».

De norte a sul, inúmeras sociedades espíritas mantêm frequentadas escolas.

Tudo quanto temos dito não representa uma fantasia nossa, é o resultado do que temos colhido no estudo de obras espíritas e nos Grupos do Pará, dos quais a recordação sempre se faz com um terno sentimento de saudade.

Apesar de termos frequentado vários Grupos naquele Estado, e noutros, são naturais as constantes referências que fazemos ao Grupo dos «Filhos Pródigos» e ao Grupo «Paz e Harmonia». Neles a nossa permanência foi mais prolongada e por conseqüência maior o nosso raio de observações. Neles encontramos ambiente fraterno, identidade de ideias e sentimentos, harmonia enfim.

Em Belém do Pará inúmeros são os grupos que a eles se assemelham. Citar nomes seria tarefa difícil e ingrata, pois arriscaríamos deixar, no olvido, justamente os de maior merecimento.

O segredo dessas organizações de divulgação espírita, naquela cidade, tem o seu fundamento no amor, na dedicação sem limites, na abnegação dos adeptos que ali vivem.

Os fenômenos produzidos, graças à mediunidade da Sra. Ana Prado, contribuíram para a propaganda; todavia, um fator preponderante concorre para que a semente da Nova Revelação seja levada a todos os recantos do Estado — é a morte do preconceito.

Ali, quem se inicia no Espiritismo — qualquer que seja a sua posição social, não

se arreceia de publicamente fazer a sua profissão de fé, recordando as palavras de Jesus: — «Aquele que se envergonhar de mim perante os homens, eu me envergonharei dele, diante do Pai.»

Frequentemente, autoridades civis e militares assumem a tribuna da União Espírita Paraense para dissertarem sobre o Espiritismo. Como exemplo, citaremos o abnegado propagandista Solerno Moreira, major do Exército Nacional, e o Desembargador Nogueira de Faria, que, tendo sido várias vezes autoridade máxima do Estado, deixava o Palácio do Governo e dirigia-se à sede daquela Sociedade para fazer conferências doutrinárias.

Estas atitudes, altamente dignas, não podem ser equiparadas às daqueles que comparecem a procissões e missas campais por política ou por outras conveniências sociais, e, na intimidade, manifestam suas dúvidas ou confessam até completa falta de fé.

Demonstram essas atitudes que os verdadeiros adeptos não sentem a vertigem das alturas, por bem compreenderem que as posições de mando constituem provas difíceis de vencer.

Quando todos os espíritas que ocupam destacadas posições, entre os homens, souberem viver dentro da aura da humildade e da fé, imitando procedimentos tais, os destinos da Humanidade tomarão outros rumos. Veremos operar-se uma verdadeira renovação em todos os sentidos. Tudo se transformará. As religiões velhas e caducas cederão lugar a uma só filosofia e essa será o Espiritismo, cuja pujança nenhuma doutrina suplanta.

Ao raiar o sol da Era Nova, cujos raios penetrarão todos os lares e beneficiarão todos os povos, os homens terão uma compreensão mais exata da Ciência e da Arte, um mais perfeito sentimento do Belo. A Ciência, vasta e humilde, sentir-se-á pequenina diante do Infinito; a Arte, sublime e admirável na contemplação da Natureza visível, passará a manifestar o Belo da Espiritualidade, que escapa aos nossos limitados sentidos.

Deixará de haver guerras, peste e fome. As posições e as riquezas serão consideradas como realmente o são desde o princípio, meros depósitos dos quais teremos que render contas ao Grande Outorgante, que é Deus.

As chamadas questões sociais não mais causarão sobressaltos, porque todos compreenderão que a verdadeira superioridade está na sabedoria, na elevação moral e na espiritualidade.

Será a hora do Juízo Final. As ovelhas serão apartadas dos cabritos e o joio separado do trigo.

Os maus e os endurecidos não terão mais lugar no globo terráqueo, irão como os bíblicos anjos decaídos povoar outros mundos, onde serão outros Adões e Evas.⁵³

Jesus descera em toda a sua glória, dirigindo a falange dos Espíritos eleitos do

⁵³ (52) Vide a racional explicação da criação de Adão, em "A Gênese", de Allan Kardec.

Senhor.

De acordo com as Escrituras, Ele veio entre os hebreus restabelecer o reino de Deus, mas não foi reconhecido porque eles esperavam o reinado dos homens. Agora, eis-Lo que surge cumprindo as profecias, não para exaltação das igrejas que se divorciaram dele e se apresentam como continuadoras de sua doutrina, mas para restabelecer a Verdade, dissipar as trevas. Ele virá ainda naquela humilde simplicidade que o caracterizou, olhando de preferência para os sofredores do corpo e da alma. É ele mesmo, quem no-Lo afirma, com estas palavras cheias de amor:

«Eu sou o grande médico das almas e venho trazer-vos o remédio que as deve curar; os fracos, os sofredores e os enfermos são meus filhos prediletos e eu venho salvá-los. Vinde, pois, a mim, vós todos quantos sofreis e estais sobrecarregados, e sereis aliviados e consolados; não procureis em outra parte a força e a consolação, pois que o mundo é impotente para dá-las. Deus dirige aos vossos corações um apelo supremo pelo Espiritismo. Ouvi-o. Que a impiedade, a mentira, o erro e a incredulidade sejam extirpados das vossas almas doloridas; são monstros que se saciam no vosso sangue mais puro e vos abrem feridas quase sempre mortais. Que para o futuro, humildes e submissos ao Criador, pratiqueis a lei divina. Amai e orai, sede dóceis aos Espíritos do Senhor; invocai-os do fundo do coração e Ele então vos enviará seu Filho bem-amado, para vos instruir e dizer estas boas palavras: Eis-me aqui: vim porque me chamastes. — Espírito de Verdade.»⁵⁴

Vitória (Espírito Santo) — fevereiro de **1937**.

Esclarecendo dúvidas

O Espiritismo, conforme reconhece o Conselho Federativo Nacional, órgão da Federação Espirita Brasileira, é a Revelação prometida pelo Cristo de Deus para os séculos em que a Humanidade alcançasse um grau de assimilação mais elevado.

Os fenômenos psíquicos, tão velhos quanto o mundo, só atraíram a atenção dos intelectuais, quando surgiram os ocorridos em Hydesville, em **1848**.

Em **1857**, após observá-los e catalogá-los com o mais metucioso rigor científico, Allan Kardec lançou ao mundo o primeiro livro da codificação dessa nova Revelação — «O Livro dos Espíritos», criando o vocábulo Espiritismo para designar essa Revelação, então chamada e ainda conhecida em outros países pelo nome de Neo-Espiritualismo.

Difere o Espiritismo de todas as religiões conhecidas por demonstrar a lógica dos seus ensinamentos através de experiências científicas e por apresentar uma filosofia também baseada em experimentos e observações e documentada por uma

⁵⁴ (53) Allan Kardec — "O Evangelho segundo o Espiritismo".

legião de sábios de renome universal.

Religião científico-filosófica, confirmando os ensinamentos básicos de todas as religiões, não pretende demolir as que a precederam, antes **reconhece** a necessidade da existência delas para grande parte da Humanidade, cuja evolução se processará lenta e inevitavelmente. __

Doutrina religiosa, sem dogmas propriamente ditos, sem liturgia, sem símbolos, sem sacerdócio organizado, ao contrário de quase todas as demais religiões, não adota em suas reuniões e em suas práticas :

- a) — *paramentos, ou quaisquer vestes especiais;*
- b) — *vinho ou qualquer bebida alcoólica;*
- c) — *incenso, mirra, fumo, ou substâncias outras que produzam fumaça;*
- d) — *altares, imagens, andores, velas e quaisquer objetos materiais, como auxiliares de atração do público;*
- e) — *hinos ou cantos em línguas mortas ou exóticas, só os admitindo, na língua do país, exclusivamente em reuniões festivas realizadas pela infância e pela juventude & em sessões ditas de efeitos físicos;*
- f) — *danças, procissões e atos análogos;*
- g) — *atender a interesses materiais terra-a-terra, rasteiros ou mundanos;*
- h) — *pagamento por toda e qualquer graça conseguida para o próximo;*
- i) — *talismãs, amuletos, orações miraculosas, bentinhos, escapulários ou quaisquer objetos e coisas semelhantes;*
- j) — *administração de sacramentos, concessão de indulgências, distribuição de títulos nobiliárquicos;*
- Jc) — *confeccionar horóscopos, exercer a cartomancia, a quiromancia, a astromancia e outras "maneias" ;*
- 1)** — ***rituais e encenações extravagantes de modo a impressionar o público;***
- m) — *termos exóticos ou heteróclitos para a designação de seres e coisas;*
- n) — *fazer promessas e despachos, riscar cruzes e pontos, praticar, enfim, a longa série de atos materiais oriundos das velhas e primitivas concepções religiosas.*

O fenômeno psíquico pode surgir em qualquer meio religioso ou irreligioso e seu aparecimento pode conduzir a criatura ao Espiritismo, mas a consolidação da crença, o conhecimento das leis que presidem os destinos do homem e a perfeita assimilação da Doutrina Espirita só se conseguem através do estudo das obras de Allan Kardec e das que lhes são subsidiárias.

Regimento Interno do Grupo Espírita dos «Filhos Pródigos»

Nenhum grupo, sem ser submetido a certa disciplina, pode funcionar. Esta se impõe não só aos experimentadores como também aos Espíritos.

(Léon Denis — “No Invisível”, cap. X.)

Art. 1* — Fica fundado nesta cidade de Belém (Pará) o Grupo Espírita dos «Filhos Pródigos», o qual terá por fim:

a) estudar a Doutrina Espírita, procurando infundir no espírito dos seus associados o desejo sincero e constante de praticá-la;⁵⁵

b) dedicar-se à observação das manifestações dos Espíritos, em sessões especiais, de acordo com o disposto no art. 2', visando: 1*) constatar pela experiência os princípios e fatos em que se apóia a doutrina; 2') auxiliar os Espíritos perturbados a um melhor conhecimento da sua situação na erraticidade, qualquer que seja a época de seu decesso⁵⁶; 3') estimular os bons propósitos dos seus associados em face da narração dos Espíritos falidos.⁵⁷

⁵⁵ (54) Levantar os caracteres e fortificar as consciências, tal o papel capital do Espiritismo. (Léon Denis)

Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que faz para domar as suas más Inclinações. (“O Evangelho segundo o Espiritismo”, cap. XVII)

O Espiritismo criteriosamente praticado não é só uma extensa fonte de ensinamento, mas também um meio de preparação moral. (Léon Denis)

⁵⁶ (55) A nossa indiferença para com as manifestações espíritas não nos privaria somente do conhecimento do futuro de além-túmulo, pois nos desviaria também da possibilidade de agir sobre os Espíritos infelizes, de lhes amenizar a sorte, tornando-lhes mais fácil a reparação de suas faltas. Os Espíritos atrasados, tendo mais afinidade com os homens do que com os Espíritos puros, em virtude de sua constituição fluidica ainda grosseira, são por isso mesmo mais acessíveis à nossa Influência. Entretanto, em comunicação com eles, poderemos preencher uma generosa missão, instruí-los, moralizá-los e, ao mesmo tempo, melhorar, sanear o meio fluidico em que todos vivemos. Os Espíritos sofredores ouvem o nosso apelo e as nossas evocações. Os nossos pensamentos simpáticos, envolvendo-os como uma corrente elétrica e atraindo-os a nós, permitem que conversemos com eles por meio dos médiuns. (Léon Denis — “Depois da Morte”.)

⁵⁷ (56) As exortações, os conselhos dos Espíritos, suas descrições da vida de além-túmulo influem sobre os nossos pensamentos e atos, e operam uma lenta modificação do nosso caráter e do nosso modo de viver. (Léon Denis, “No

Art. 2⁵ — Temporariamente, as sessões de estudo e as sessões práticas realizar-se-ão no mesmo dia, das 20 e 1/2 às 22 horas, devendo os trabalhos ser assim divididos: leitura preparatória do ambiente e prece⁵⁸, que deverá ser curta e improvisada⁵⁹; preleção de um confrade previamente designado, a qual obedecerá ao programa anexo, e que não poderá exceder de 20 minutos; recebimento de manifestações psicográficas iniciais; manifestações por incorporação e, finalmente, leitura da ata e prece de encerramento.

Art. 3⁹ — As sessões começarão às 20 e 1/2 horas em ponto, aos sábados, devendo ser a porta fechada, 5 minutos antes.⁶⁰

Art. 4¹ — Durante os trabalhos nenhum dos presentes poderá sair de seus lugares, especialmente enquanto durarem as manifestações, nem interrompê-las de qualquer modo, a fim de que as mesmas decorram o mais espontâneas e normalmente possível.⁶¹

Invisível", cap. XI.)

⁵⁸ (57) É excelente começar as sessões por uma leitura séria e atraente, feita de uma das obras ou revistas esco- hidas. (Léon Denis, "No Invisível", cap. X.)

⁵⁹ (58) Orai no começo e no fim de cada sessão; no começo para elevardes as vossas almas e atrairdes os Espíritos esclarecidos e benevolentes, e, ao terminar, para agradecerdes os benefícios e ensinamentos que houverdes recebido. Seja a vossa prece curta e fervorosa, muito menos uma fórmula que um transporte do coração. (Léon Denis, "No Invisível", cap. X.) A prece, para ter real valor, necessita, antes de tudo, caracterizar-se pelo sentimento e espontaneidade. (Leopoldo Clrne.)

Entretanto, se por qualquer motivo não for possível ao diretor improvisar a prece, recomendamos as do "Evangelho segundo o Espiritismo", para abertura e encerramento das sessões.

⁶⁰ (59) Convém reunir-se em dias e horas certos e no mesmo lugar. Os Espíritos podem apropriar-se assim dos elementos Iludidos que lhes são necessários; e os lugares de reunião, impregnando-se desses fluidos, tornam-se cada vez mais favoráveis às manifestações. (Léon Denis, "No Invisível", cap. IX.)

Todos os autores fazem, com insistência, idênticas recomendações.

⁶¹ (60) Uma das principais condições, quando se pretende evocar os mortos, é a concentração. As conversas frívolas não atraem Espíritos de ordem elevada. A comunhão de pensamento e o desejo sincero de Instruir-se, devem guiar os experimentadores e inspirar-lhes o mesmo respeito que guardariam no seio de uma assembleia de que fizessem parte os seus progenitores. (Gabriel Delanne, "O Fenômeno Espírita", Parte Terceira.)

Todos os autores, enfim, desde Allan Kardec aos mais recentes, recomendam com insistência o recolhimento respeitoso. Devemos, pois, esforçar-nos por

Art. 5' — Os médiuns não deverão receber Espírito algum sem indicação do diretor, nem este, salvo casos especiais, poderá determinar incorporações simultâneas.⁶²

Art. 6* — Em cada sessão devem trabalhar apenas dois ou três médiuns no máximo, alternando-se para esse fim, semanalmente.⁶³

Art. 7" — Havendo dúvidas quanto à autenticidade de um Espírito, ao diretor

mantê-lo durante as manifestações, dominando os ímpetos de curiosidade, a conversa e comentários com as pessoas que se acham assentadas perto de nós, etc.

⁶²(61) Diz Antônio Lima: — Nenhum Espírito pode eo- municar-se sem que o médium o consinta —. Isto é bem racional para quem sabe quão Inviolável é o nosso Itvre- -arbitrlo. Ora, desde que o médium é dono do seu corpo, claro está que só dará Ingresso ao Espírito, quando quiser. ("A Mediunidade e os Médiuns", págs. 90 e 91.1

Entende-se que estão excetuados os casos de obsessão, nos quais o Espírito obsessor domina a vontade do médium. Em condições normais, porém, é Justa a opinião de Antônio Lima. í: também de toda a conveniência que as Incorporações se dêem de per sl.

Não era outro o conselho de São Paulo na epistola aos Coríntios: "porque todos podereis profetizar uns depois dos outros, para que todos aprendam e sejam todos consolados". Como sabemos, os médiuns então eram denominados profetas. Só é admissível a simultaneidade quando o diretor do grupo julgue útil apelar para os guias, pedindo-lhes que doutrinem o manifestante, e, por eles percebendo o que se passa no Intimo deste, podem mais eílcazmente aconselhá-lo.

⁶³(62) Para justificar esse artigo, basta lembrar o conselho de Allan Kardec, assaz conhecido. É preferível repelir 9 manifestações verdadeiras, a aceitar uma única apócrifa.

"Nada mais prejudicial à causa do Espiritismo do que a excessiva credulidade de certos adeptos, diz Léon Denls, e depois de várias considerações, acrescenta: "Ê preciso não aceitar cegamente coisa alguma. Cada fato deve sofrer minucioso e aprofundado exame." ("No Invisível", cap. IX.)

Vós, que experimentais, recomenda Gabriel Delanne, nunca temais pedir muitas informações aos Espíritos que se manifestam. ("O Fenômeno Espirita", Parte Terceira.)

Em resumo: todos os autores são unânimes em insistir na necessidade do estudo criterioso das manifestações. Isso não quer dizer que sujeitemos os Espíritos a um inquérito inquisitória], mesmo porque, eles poderiam evitá-lo, retirando-se. O que á Justo e prudente é não aceitar cegamente tudo quanto nos vem do Além. Lá, como aqui, há embusteiros e mentirosos.

São palavras de Martins Velho: "Não abdiqueis nunca da vossa razão, nem do vosso livre-arbitrlo e fugi sempre de vos deixardes dominar pela credence ou pela superstição, pois são esses os dois escolhos onde pode naufragar o espirito desacautelado." ("As Potências Ocultas", pág. 377.)

incumbe empregar esforços para desfazê-la, não devendo o médium, de modo algum, suscetibilizar-se com isso, mero instrumento que é dos habitantes do Além.⁶⁴

Art. 8^o — A todos os membros do grupo e assistentes impõe-se a mais fervorosa concentração.⁶⁵

Art. 9^o — Se, durante a manifestação, o Espírito der a qualquer dos médiuns, ou assistentes, sinais de identidade, o diretor deverá permitir que o interpelado, por seu intermédio, responda ao mesmo Espírito.⁶⁶

Art. 10 — Os menores de dezesseis anos não deverão assistir às sessões, salvo casos excepcionais e somente depois de consultados os Guias.⁶⁷

Art. 11 — Os sócios serão obrigados a guardar o mais absoluto sigilo do que se passar durante as sessões, nos casos que assim seja necessário e justo.

Art. 12 — O Grupo terá número limitado de sócios, ficando composto pelas pessoas que atualmente o frequentam, sendo que, na ausência definitiva de uma delas, não se dará substituição, até que aquele número seja reduzido a **12**, inclusive o diretor.⁶⁸

⁶⁴ **(63)** São Inconvenientes as sessões espiritas demoradas, não devendo nunca ir além de duas horas, mesmo porque, se bem feita, em certos casos, a concentração afadlga.

⁶⁵ **(64)** É intuitivo que, se nos trabalhos ordinários se exige recolhimento profundo e sincero, tal exigência é muito mais razoável tratando-se da manifestação de Espíritos perturbados ou maus. Mais do que nunca se impõe atitude respeitosa, devendo não só os assistentes, como também os que fazem parte da mesa, soffrear a curiosidade que porventura lhes desperte a conduta do manifestante. Nessas ocasiões, a perturbação do ambiente e a quebra da corrente podem trazer sério mal-estar.

⁶⁶ **(65)** Por uma questão de disciplina, o diálogo deve ser estabelecido por Intermédio do diretor.

⁶⁷ **(66)** Diversos motivos aconselham não consentir na presença de menores às sessões práticas, entre os quais avultam os seguintes apontados por Allan Kardec, em "O Livro dos Médiuns", n^o **222**, quando trata das Inconveniências e perigos da mediunidade, e cuja opinião procuramos resumir. Antes que tudo, sendo o recolhimento fervoroso uma das condições essenciais às sessões sérias e bem-intencionadas, isso não se pode esperar, geralmente, duma criança; e também que as manifestações podem assustá-las, amedrontá-las e até afetar-lhes, por isso mesmo, o sistema nervoso.

⁶⁸ **(67)** Em relação ao número limitado de componentes dum grupo, não há duas opiniões. Todos os autores estão de perfeito acordo, desde Allan Kardec.

Léon Denis, por exemplo, escreve: "Os grupos pouco numerosos e de composição homogênea são os que reúnem maior probabilidade de êxito. Se já é difícil harmonizar as vibrações de cinco ou seis pessoas entre si e com os fluidos

Art. 13 — Fixado em **12** o número de sócios, qualquer vaga, que porventura se der, somente será preenchida após assentimento dos Guias do Grupo.⁶⁹

Art. 14 — Os sócios não poderão convidar estranhos para assistirem aos trabalhos, sem prévio consentimento do diretor.⁷⁰

Art. 15 — Não haverá eleição para o cargo de diretor, sendo o mesmo preenchido por indicação dos Guias, de autenticidade verificada.

Art. 16 — O diretor escolherá, dentre os sócios, o secretário do Grupo, a cargo de quem ficará o expediente interno e externo.

Art. 17 — A fim de evitar possíveis discussões, prejudiciais ao recolhimento e meditação necessárias às sessões, a leitura da ata será feita no encerramento das mesmas.

Art. 18 — As atas serão assinadas por todos os presentes, valendo assim, também, por livro de presença e como documento dos fatos verificados nas sessões.

Parágrafo único — Em caso de o sócio não poder assinar, fa-lo-á por si outro sócio, declarando-se esta circunstância.

Art. 19 — Os sócios que faltarem a **3** sessões seguidas, sem causa justa, serão eliminados.⁷¹

do Espírito, é evidente a fortiori que as dificuldades crescem proporcionalmente com o número dos assistentes. É prudente não exceder o limite de **10 a 12** pessoas." ("No Invisível", cap. IX.)

O Dr. Martins Velho assim se expressa: Para a consecução do seu fim, devem os espíritas reunir-se em grupo de **4 a 12** pessoas, e, quando o grupo já está funcionando regularmente, poderá excepcionalmente ultrapassar esse número, que não deverá nunca exceder a **20**. ("As Potências Ocultas do Homem", ne **370**.)

⁶⁹ **(68)** A constituição dos grupos, recomenda Léon Denis, comporta regras e condições cuja observância influi consideravelmente no resultado que se almeja. Segundo o seu estado psíquico, os assistentes favorecem ou embaraçam a ação dos Espíritos. Enquanto uns, só com a presença, facilitam as manifestações, outros lhes opõem um quase insuperável obstáculo. É, por conseguinte, necessário proceder a certa escolha, sobretudo no começo das experiências. Essa escolha não pode ser ditada ou sancionada senão pelos resultados obtidos, ou ainda pelas indicações de um "Espírito-guia. Dada a organização e o fim do Grupo dos "Filhos Pródigos", preferimos este último alvitre.

⁷⁰ **(69)** A renovação frequente da assistência, reclamando contínuo trabalho de fusão e assimilação da parte dos Espíritos, compromete ou, pelo menos, retarda os resultados, diz Léon Denis. Daí a disposição supra, Inspirada pela última parte do art. **21** dos Estatutos da Sociedade de Paris, fundada por Allan Kardec.

⁷¹ **(70)** É sabido que a perseverança e a assiduidade são requisitos essenciais à

Art. 20 — Dada a hipótese do desvio moral de um dos médiuns ou dos assistentes, o diretor aconselhá-lo-á muito em reserva e, no caso de obstinação no mal, mostrar-lhe-á a conveniência de sua eliminação.⁷²

Parágrafo único — A eliminação será temporária, até que se verifique a reforma moral do eliminado.⁷³

Art. 21 — Não será submetido a estudo nem ao juízo dos Guias qualquer assunto estranho à Doutrina.⁷⁴

Art. 22 — As manifestações dos Espíritos devem ser espontâneas, salvo casos especiais em que seja aconselhada ou permitida a evocação direta.

Art. 23 — Não será feito tratamento algum de obsessão, sem prévia autorização dos Guias.⁷⁵

boa marcha dos trabalhos de um grupo. Não há autor espírita que não as recomende; daí a necessidade deste dispositivo.

⁷² (71) Visa esta disposição a estimular o súclo a manter-se severamente firme nos seus deveres morais, mesmo porque, afastando-se do caminho do bem, pode atrair Influências ocultas nocivas à harmonia e elevação dos trabalhos, além de que, como observa cheio de razão o autor do livro "Não há Morte", "é muito inconveniente ocupar-se uma pessoa de fenômenos espíritas sem tirar consequências morais", e mais adiante: "Há muitos anos observo fenômenos sem que eles me tenham feito o menor mal; devo, entretanto, dizer que os ébrios, os libertinos e os viciosos de qualquer espécie não se devem imiscuir nessas pesquisas: não é prudente aproximar-se uma pessoa do fogo, com as mãos embebidas em álcool."

⁷³ (72) Não se compreende outra conduta, especialmente tratando-se de um grupo denominado dos "Filhos Pródigos".

Lá estava a palavra do Evangelho: "Haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrependa, do que por noventa e nove Justos que perseverem." (S. Lucas, cap. 15, v. 7.)

⁷⁴ (73) Na impossibilidade de transcrever todos os tópicos mais importantes do capítulo XXVI de "O Livro dos Médiuns", sobre perguntas que podem ser feitas aos Espíritos, roga-se a leitura meditada desse capítulo. Só ela bastará para Justificar a disposição supra.

⁷⁵ (74) O tratamento da obsessão geralmente coloca o grupo e aqueles que o compõem, especialmente os médiuns, em luta aberta com os Espíritos obsessores, alguns dos quais bastante maus e endurecidos. Nem sempre o grupo estará em condições de tentar tais trabalhos com segurança e, por Isso, é que é indispensável ouvir a opinião dos guias.

Art. 24 — Não haverá contribuições. Parágrafo único — Toda vez que for preciso prestar auxílio a pessoas necessitadas, os sócios deliberarão o melhor meio de o fazer.

Art. 25 — Não comparecendo nenhum dos médiuns, efetuar-se-ão as demais partes de que trata o art. 2º, deste regimento.⁷⁶

Art. 26 — Todas as comunicações obtidas, durante as sessões, pertencerão ao Grupo; os médiuns que as receberem poderão guardar cópia.

Art. 27 — Além das sessões ordinárias, o Grupo terá sessões comemorativas nos seguintes dias: 9 de agosto, 2 de dezembro, datas da encarnação e da desencarnação, respectivamente, de Frei Francisco de MonfAlverne; 3 de outubro e 31 de março, nascimento e morte de Allan Kardec; 25 de Dezembro, dia de Natal e sexta-feira dedicada à comemoração da Paixão do Cristo.

Programa de estudo do Grupo Espírita dos «Filhos Pródigos»

1 — Formação de Grupos; número de pessoas a constituí-los; vantagem da inalterabilidade ou insubstituição dos elementos que o compõem; inconveniências dos grandes Centros para a prática espírita.

2 — Utilidade do estudo da Doutrina Espírita e utilidade das aquisições de qualidades morais como meio do desenvolvimento mediúnico.

3 — Mediunidades; seus fins; espécies e variedades .

4 — Os médiuns; exercícios e educação. Seus deveres.

5 — Deveres dos diretores de Grupos e dos assistentes.

6 — Influência do meio. Preparo antecipado para as reuniões.

7 — Condições de trabalho; recolhimento, silêncio, fé em Deus; meios de consegui-los.

8 — Saúde física e moral; a boa disposição; a fadiga. Tentações.

9 — Regularidade das sessões; assiduidade e pontualidade.

10 — Manifestações; necessidade de seu estudo.

11 — Perda e suspensão da mediunidade; meio de adquiri-la.

12 — Evocações; critério a seguir.

⁷⁶ (75) A ausência dos médiuns não Justificaria o fato de não haver sessão, mesmo porque os Espíritos estarão presentes e poderão aproveitar com os estudos que forem feitos.

13 — Das mistificações.

14— Perigos do Espiritismo prático; inconvenientes .

15— Das obsessões; seus aspectos; meio de evitá-las; curas.

16— Bons e maus Espíritos; como distingui-los .

Belém do Pará, **19** de março de **1922**.

AURÉLIO VALENTE

Secretário